

MIL QUATROCENOS E SESSENTA DIAS NO IMPÉRIO DO SOL

*4 anos na seca e nas CEBs do
sertão.*

Roberto Malvezzi (Gogó)

Edições Paulinas, São Paulo, 1985.
Fotos: Luis Gonzaga Gonçalves

APRESENTAÇÃO

Sítio Novo, 09/09/84

Gogó, saúdo-te com a paz de Cristo e desejo-lhe boa saúde com toda sua família. Eu com a Carmem e todos de casa ficamos com saúde, juntamente toda a comunidade.

A novidade mais recente é a questão do Vilmar com aquele fazendeiro. Mais uma vez a união cantou vitória diante do grileiro. Como você sabe, tinha audiência no juiz em Remanso dia 24/08. Mas não foi aceita nenhuma testemunha do Vilmar. Foi ouvido dois do fazendeiro. Foi um baba-saco dos grandes e a diretoria pelega de nosso sindicato. Mas como cada um contou de um jeito e outro contou de outro jeito, não foi aceito. Foi marcado um dia para o juiz vir olhar. Neste dia foi um deus nos acuda. O terreiro do Vilmar encheu de carro dos bate-pau. Veio o juiz de direito de Remanso, um escrivão, um engenheiro agrônomo de Juazeiro. De Campo Alegre veio todo policiamento de revólver e fuzil. Juiz de paz, tabelião, presidente da câmara de vereadores, escrivão e muitos outros que só você vendo para crer. Eu e o Gabriel ficamos em jejum até 16,30 horas sem sair dos pés dos homens para não perder uma palavra. E foi bom. Andamos o mato, o sol quente de rachar e os policiais no pé. Sei, os cabras cansaram, porque não foi brincadeira. Os advogados tinha hora que esquentavam, tinha hora mais calmos. Até que depois de muita perícia partiram para um acordo. O fazendeiro não queria de jeito nenhum. Mas o juiz chegou dizer para ele que a questão iria para uns 3 ou 4 anos para resolver, porque a questão não era só de 2 pessoas, mas de muitas, pois desde a hora que tinha chegado foi vendo muitas famílias dando solidariedade a Seu Vilmar, portanto, dando 2 causa pra ele. O fazendeiro maltratava muitas famílias e o advogado dele se apressava todo para ele aceitar o acordo. O certo é que o fazendeiro queria engolir o Vilmar todo e só engoliu as pernas. E foi bom para o Vilmar.

Outro assunto. Aproveitamos o juiz para contar a irregularidade do prefeito e da polícia ocorrida dias atrás. O prefeito cortou a escola. Os pais se reuniram para pagar o professor. Quando foi para o Antônio ir ensinar naquele prédio velho perto do Catonho, a Madalena estava varrendo a

sala, o Velho disse que não aceitava e foi um pega pra virar... Antônio soube logo e não veio. O Velho manda logo dizer pro prefeito que os PT estavam invadindo o prédio. Ele não aceitava. O prefeito manda o sargento com a polícia para trazer os PT. Nego chega lá e só tem o Velho, os filhos e a Madalena, nora dele que tinha varrido a sala. O Velho entrega a nora dizendo que ela tinha maltratado ele porque ela era do PT. Madalena falou pro sargento que queria a escola prós filhos e não polícia. Nesta hora o sargento torce o braço dela e diz que vai levar ela porque ela não respeitou autoridade, chamando-o de você. Ela tinha que chamar de Senhor. E perguntou: "como você chama o Papa?" Foi aí que dois filhos dela pegou em cadeiras para arrumar no sargento. Menino de menor. Ele larga a mãe e pega o revólver e mostra para os moleque e diz: "o que eu tenho para vocês é isso". E foi um barafafá.

Nóis contamos toda história pro juiz. O sargento soube na hora e ficou com uma cara feia danada. Até agora não temos escola, porque o prefeito não aceita usar o prédio. Só se for outro professor, mas do PT, não.

Gogó, esta é só para lhe contar as novas que tem havido por aqui. Depois de ter lido seus "Mil quatrocentos e sessenta dias" vividos aqui neste município sofrido. Só mesmo o pessoal aí do seu jeito sabe explicar toda realidade daqui. Os que nascem e se cria aqui não sabe contar, uns porque não tem cabeça para contar mesmo vendo tanto sofrimento e injustiças, outros se acostumam com esta vida que morre como sapo debaixo do pé de boi, calado, sem dizer nada. Mas ainda bem que tem muita gente acordando.

Só isso. Um abração meu e de todos de cá para você e sua família...

Pedraão

(Agente Pastoral da Comunidade de Sítio Novo e
Baixão dos Bois, em Campo Alegre de Lourdes,
diocese de Juazeiro, Bahia)

Sertão nordestino... O povo...
A seca... Os opressores dos flagelados... A Igreja nos
combates da Base... O Deus
dos oprimidos... Enfim, a
vida nesse Império do Sol,
onde Deus, o Homem e o Diabo
se debatem...

Janeiro de 80
a
Janeiro de 84

Para
João, Zé Maria, Lá,
Lu, Rub, Joaq, Am,
companheiros desses
anos.

I parte

CRÔNICA DOS FATOS

*

Começo de ano em Campo Alegre de Lourdes. Chegou a rapaziada da campanha. Viajaram todo o primeiro de ano sob chuva, com fome, tendo a miséria do povo diante dos olhos. O reino implacável da condição desumana. O rosto mal pintado das moças, as crianças nuas, o olhar curioso dos adultos, a vibração incontida das comunidades mais vivas e conscientes. É um Brasil que o brasileiro do Sul jamais sonha. É preciso ver para crer. Mesmo assim permanece a dúvida se não é um sonho.

* * *

Trabalhamos o dia todo mexendo com madeira para os tablados. Branco veio de S. Paulo para colaborar. Sempre a mão amiga nos cenários, nos palcos, nas pinturas.

O pessoal está espalhado pela caatinga. Deve ter nego com diarreia, pane mental, arrependido e jurando nunca mais voltar. É uma experiência inesquecível, seja qual for o colorido dessa marca.

* * *

Vi as revistas com as resenhas do ano. Principais fatos políticos, sociais, até as principais mortes. Não consta o principal protagonista da história: o povo. Em sua luta anônima, suas conquistas miúdas, seu sofrimento ímpar. Não há destaque para o homem oprimido nas colunas sociais. É sinal que ele não tem identidade alguma com as classes dominantes.

* * *

Estive na concentração das comunidades para debater a vinda do governador a essa cidade. O povo está bem. Perceberam o interesse eleitoral e o oportunismo. Os tempos são outros. Decidiram não comparecer ².

* * *

Quase todo pessoal aqui de casa está fora. Os voluntários continuam pelo Interior. Há muita gente feliz com a experiência. O trabalho pedagógico é mútuo. Penso que o trabalho da Igreja no momento é insubstituível e imprescindível. As CEBs são um dos raros espaços em que o povo salta da pré-consciência para a consciência dos fatos. Por isso torna-

¹ Há vários anos, todo mês de janeiro, há uma espécie de "Rondon" organizado pela Igreja nos interiores de Campo Alegre.

² Naquele dia o governador não veio, mas o povo sim. Naquele dia veio Clériston Andrade inaugurar a agência do BANEI. Ele começava a gestar sua candidatura política, truncada por sua morte violenta pouco antes das eleições.

-se estranha a seguida advertência do Vaticano sobre nosso trabalho de Igreja. Essa atitude revela incompreensão ou ignorância a respeito da realidade e do trabalho da Igreja na América Latina. Talvez fosse necessário que eles comessem da comida e bebessem da água podre do povo. Só assim veriam com os olhos e teriam coração para sentir. A distância é impossível compreender. Mas, como Paulo VI tinha profunda sensibilidade com os problemas da América Latina?



Os semblantes do sertão.

Acabo de ler uma declaração de D. Arns na qual ele cita João Paulo II. Este teria dito ao secretário da CNBB, ao partir de Manaus, que a Igreja se envolvesse mais nas questões sociais. As advertências tornam-se, então, contraditórias. Basta ver a questão política. Vivemos no Nordeste, área de opressão política desmedida e histórica. Nesses dois próximos anos, partiremos para a conscientização política. É fundamental. Quanta oposição a esse trabalho! Mas nós, que vivemos com esse homem oprimido, não sabemos mais que os de fora, quais são suas necessidades?

Tenho lido o diário de "Chê". Será que a libertação da América Latina não pede encontrar caminhos próprios, fora da violência? Fora da guerrilha?

Há fatos que testemunham essa possibilidade. Aqui mesmo, um grileiro estava cercando uma área que expulsaria duas mil pessoas de seu lugar. Eles resistiram. Logo foram chamados de violentos e de onças. Algumas semanas depois um dos filhos do grileiro foi assassinado em Teresina, Piauí. Como é costume da região muitas pessoas estiveram presentes na chamada "visita de cova" inclusive os grilados. Admirado, perguntei se haviam se esquecido das questões da terra. A resposta foi direta: "A gente precisa distinguir o bem comum das coisas particulares".

O povo pode ter seus próprios caminhos. Assumir a causa do povo exige que a gente se coloque em processo com eles. Primeiro o impacto da miséria, depois a união platônica, em seguida a passagem para o meio social pobre, a aprendizagem dessa vida eliminando os mitos e consolidando as reais opções, agora a luta assumida com eles, buscando estratégias e pistas de libertação. Libertação integral, é evidente. Então, que nem os mais santos e zelosos defensores da pureza cristã venham esvaziar a libertação de seus conteúdos sócio-político--econômicos. A miséria condiciona o tipo de religiosidade. Na miséria não há libertação cristã. A educação política é uma necessidade,

* * *

Sucederam-se vários acontecimentos desagradáveis. Primeiro foi um problema de terra. Envolvia um miserável posseiro de terra e um dos raros freqüentadores da Igreja na sede de Campo Alegre. Tentamos o diálogo. Houve um bate--boca, onde o posseiro ouviu muitas humilhações. Eu reagi e penso que perderemos mais um amigo na cidade.

O segundo refere-se a mais uma traição política feita sobre as comunidades. O filho do governador entregou ao prefeito o maço de assinaturas que protestavam contra a opressão do prefeito. Agora ele tem nas mãos a lista dos que deve perseguir. Receio pelo povo.

O terceiro, sou eu mesmo. Ando voado e descontraído.

Nossas comunidades deverão entrar em crise nos anos 81-82. Essa unidade artificial deverá romper-se pela crise política. Entretanto, a ruptura pode ser profícua, já que toda unidade artificial é prejudicial.

³ "Visita de cova" é uma reza que se faz no Nordeste, na cova do morto, após sete dias de sua morte. São longas orações cantadas e muito pranto. Após a visita, a família do morto oferece para o povo o melhor almoço que têm condições de oferecer.

O homem que frequenta a Igreja, e que esteve envolvido nas questões de terra com o posseiro, ficou amargurado conosco. Que mentalidade cristã! Obviamente ele não queria proteção em sua ação, mas que ficássemos fora da questão. Tomamos a defesa daquele pobre injustiçado. Como poderia ser diferente?

* * *

A reunião dos trabalhadores não pegou fogo. A ladainha voltou a desfilas diante de nossos olhos cansados de ver tanta miséria. "*Usque tanden, Catilina?*"

Um companheiro vestia a camiseta com as fotos de Chê, Sandino e Martí. Esteve na Nicarágua e ganhou-a por lá. Perguntei-lhe se dava para sonhar. Ele respondeu que deu vontade de ficar morando.

A libertação é mais que um sonho.

* * *

Sinal apocalíptico em Campo Alegre. Milhares de pombos selvagens estão nas caatingas que circundam a cidade. Os caçadores matam centenas. As crianças enchem terrinas com ovos botados diretamente no chão. Veio-me à cabeça o bando de codornizes que rodearam o acampamento dos hebreus no deserto. Os nordestinos dizem que é sinal de seca prolongada. É evidente que a migração dos pombos não é natural. Talvez fujam de regiões secas e sem alimentação. O Ceará parece um monte de palha ressecada. Fica a certeza de que não é bom sinal. É a fome com a morte que se alastram.

* * *

Fui até a caatinga ver os pombos. Realmente inacreditável! O chão está forrado de excrementos e ovos. Eles emitem, aos milhares, um canto surdo fazendo uma zoadá impressionante. Relembrei o caso do deserto. O Rub deu uma risadinha e disse: "Sinal que tem um povo em libertação". Em meio a tanta fome, é evidente que o povo busca sua libertação.

Como boa-nova, soubemos que o homem envolvido com o posseiro desistiu de cortar a terra. Voltou para seu lugar.

* * *

Da China o livro *Henfil na China*. Pode haver lavagem política em cada cabeça. Mas aquela solidariedade, compromisso, honestidade, arrepiam. Não fosse a maldição da opressão, exploração, nosso país poderia ser outro. Não fosse esse

favoritismo, essa sede de lucro, essa criminosa liberdade capitalista, não teríamos tanta fome, tantas mãos pedindo esmola, tanta escravidão. Esse povo poderia construir suas barragens, plantar mandioca, milho, arroz e andar sobre suas pernas. Não fosse esse senhorio colonial que subsiste, não teríamos tantos espíritos para a escravidão. Essa maldição que passeia todos os dias em frente de nossos olhos deve acabar. Ela não tem nome. Esse falso Cristianismo, essa hipocrisia da qual fazemos parte deve acabar. Está terminando tarde. É preciso revirar esse país, botar sua cabeça no ar e seus pés no chão.

*, A *

O monstro chegou na miséria. As primeiras imagens de TV são captadas nos aparelhos. Agora o pobre vai contemplar a mesa farta, a mulher bonita, a criança sadia, o carro de luxo, a troca de marido e, rindo para a TV, vai sonhar com as maravilhas do centro-sul. Eles vêm mostrar fartura para essa miséria. A cretinice não conhece limites nesse país. Mas eu vou acompanhar com atenção os efeitos da TV em Campo Alegre.

■ ✱ ✱ ✱

A técnica permite ao homem um domínio mais completo da natureza. Ela estabelece uma nova relação do homem com a natureza. Como uma comunidade que comprou um trator. O salto da agricultura primária para uma agricultura apoiada na técnica moderna trará para esses homens um salto ímpar nas suas relações com seu meio ambiente.

Mas a técnica é também um meio monstruoso para um homem apossar-se de outro homem. A TV é o exemplo mais acabado. No Brasil, ela é o canal que despeja a ideologia dominante na cabeça dos oprimidos. Com esse monstro não resta alternativa, a não ser conviver criticamente.

O tempo está quente. Mais "pessoas da Igreja" revoltadas com nosso trabalho. Há um elemento, "muito católico", articulando o povo para participar da Igreja e, assim, bloquear o trabalho por dentro. Por outro lado, o presidente do PDS local está bloqueando, o trabalho por fora. Veremos.

Está acontecendo a festa da padroeira local. Veio um padre de São Paulo que faz o gosto da reduzida elite. Sem querer, ele pode fazer nossa cabeça. Até o prefeito foi à missa. O padre tem sido convidado para almoçar em todo canto. Bom ou mal? ⁴

⁵ E o padre iria mesmo fazer (entregar) nossa cabeça.

* * *

Quando estivemos em Juazeiro D. Rodrigues manifestou uma preocupação séria. Ele teme realizar um trabalho que contrarie o desejo das bases e, assim, perder o sujeito e a meta do próprio trabalho. Pelo que vemos, não é preciso temer. O povo o apóia e sabe-se apoiado por ele.

Nosso prefeito paga transporte a quem quiser batizar fora. Nossos irmãos e vizinhos aceitam batizar sem preparação alguma e, portanto, sem sentido algum. Qualquer marxista com sede de justiça diria que a religião é mesmo um empecilho para se conquistar a justiça.

* * *

Prossegue a festa da padroeira em Campo Alegre de Lourdes. Ontem foi a noite dos comerciantes. Ouvi preces como essa: "Senhor, fazei que tenhamos um ano de bom comércio". Páááá... Até quando esse supermercado religioso?

Nossa equipe está consumada na lista negra dos políticos. Em um programa de festa pregado num bar, riscaram o termo visitante, escreveram meu nome e na frente: PC³.

* * *

Um caso digno de nota. Os posseiros contiveram novamente o grileiro na região dos Baixões. Cerca de duzentos trabalhadores foram ao local da grilagem e expulsaram o agrimensor. Esse garantiu que não continua enquanto não receber ordem explícita do juiz.

A euforia dos trabalhadores é imensa. Levei tanto tapa para ouvir o fato que parecia estar apanhando.

Um aspecto que me parece novo é a atitude dos camponas em relação à elite minguada da cidade. Não estão mais submetidos, ao contrário, subestimam a grosseira arrogância dessa pretensa elite que não passa de uma pobreza amenizada. Mas há uma ruptura progressiva entre campo e cidade no trabalho da Igreja que precisa ser averiguada \

* * *

Ed esteve novamente conosco. Tem vivido em constante suspense. Agora presta serviços aos posseiros e a nossa equipe na resistência da grilagem. Contou-nos que, ultimamente, anda

³ Nessa época estávamos com mais de um ano no trabalho. O conflito com os mandarins locais, herdado por nós da equipe anterior, já começava a ficar mais aceso.

⁶ A ruptura aumentou. A dependência do campona em relação às elites seria melhor evidenciada nos fatos concretos, sobretudo nas eleições.

lendo sobre os diversos tipos de revoltas populares do Nordeste. Subjacente a levantes tão díspares como o cangaço e os místicos, está uma motivação única, isto é, a crueldade da condição humana nessa área do mundo. As comunidades de base seriam um terceiro tipo? Parece correto. Há, porém, uma distinção fundamental. As revoltas populares tradicionais do Nordeste não possuíam consciência de suas causas e nem continham objetivos exatos. Afloravam num caos medonho e propunham-se objetivos irreais, isso quando havia objetivo. Nas CEBs o homem aprende melhor as causas de seu sofrimento e propõem para si um objetivo mais autêntico: a libertação.

* * *

Quero anotar minuciosamente uma experiência acontecida com nossa equipe, particularmente comigo. Penso que é apenas a primeira de um processo. Fui ameaçado de morte. Há uma antipatia generalizada contra nossa equipe, na cidade, mas eu levo a preferência. O problema tornou-se complexo na homilia de 31 de dezembro, porque fiz a revisão do ano e salientei que, com tantas injustiças, não poderia ser bom o ano que entrava. O fogo subiu na homilia de 10 de fevereiro, festa da padroeira, quando falei sobre a CPT, sobretudo questões de terra em nosso município. Ao término da missa, uma equipe da cidade reuniu-se com o padre na Igreja e disse a ele que minha vida corria risco no município. No dia posterior, ao término da missa, desfecho da novena, eu descia tranqüilamente para casa, quando fui avisado que um homem armado aguardava-me na porta de nossa casa. Entrei na casa anterior, da Lá, e perguntei a uma pessoa da cidade se conhecia o homem. Ela olhou e identificou-o: era o irmão do prefeito. Nesse momento ele saiu do portão de nossa casa e veio para o portão da casa da Lá. Perguntou por mim. Saí na porta e, no susto, fui incisivo: "Você veio para matar-me?" Ele parece que sofreu um choque e desarticulou-se. Respondeu que não era jagunço ou bandido para matar-me. Queria conversar particularmente, na casa dele. Eu disse que não. Aceitava conversar com ele em nossa casa e na presença de toda a equipe. Aceitou e entrou. Veio nossa equipe toda e, logo, compareceram elementos da sua corriola para retirá-lo. Percebemos que estava bêbado. Foi levado antes de dizer tudo que queria. Ficou a dúvida sobre sua intenção. Ligando os fatos com opiniões posteriores, a atitude dele foi, pelo menos, ambígua. Naquele momento eu gelei, mas logo me

recompus. A reação de todos foi de espanto. Em todo caso, possibilidades mais concretas de fogo ficaram evidenciadas¹. Chegaram várias cartinhas da comunidade do Interior nos apoiando. Nossa equipe assumiu comunitariamente a situação. No momento que as comunidades do Interior recusassem o trabalho não haveria mais motivo para continuar. Mas eles assinaram e confirmaram de próprio punho. Vale o *slogan*: a luta continua. O apoio deles é a melhor notícia.

* * *

Admirável como o oprimido é de fácil manipulação. Como está enraizado em seu inconsciente o espírito de dominado! Indignar-se é sinônimo de atentar contra o poderoso, a autoridade, o próprio Deus. Se Deus é um opressor, deveríamos ser, obrigatoriamente, ateus. É que na cabeça do oprimido Deus e opressor formam uma única entidade. Pela graça do próprio Deus, pelas novas atitudes da Igreja, essa mentalidade está sendo erradicada. Mas a miséria, realmente, torna o pobre manipulável. No momento decisivo, numa eleição, um par de chinelos pode comprar quatro anos de trabalho conscientizador⁸.

* * *

João acabou de partir para o Rio. Não volta mais. Esse trabalho não era para ele. Não gosta de conflitos e nosso trabalho é carregado de problemas. Esses dias quase apanhou quando confundiram a pessoa dele comigo. Percebi que estava assustado.

Por outro lado, fará realmente falta. Era o mais alegre do grupo, adora cantar e dançar. Tinha muitas amizades. Um bom companheiro de convivência. Mas as perspectivas para o futuro são de conflitos maiores. Ele não suportaria. Foi melhor partir.

* * *

Os acontecimentos parecem mais serenados. Pouco se comenta na cidade. As questões foram assumidas a nível diocesano. Recebemos apoio de pessoas da cidade e do Interior.

Rub e Lu não se abalaram com os acontecimentos. Chegaram esse ano para nosso trabalho, mas já estão acostumados com a indigência de S. Paulo. Trabalharam com os mo-

O susto foi maior por ser o primeiro. Depois, tornou-se quase rotineiro. O padre, como temíamos, entregou nossa cabeça.

⁸ Atitudes heróicas de resistência iriam contradizer essa afirmação. Quando conscientes, os pobres são capazes de resistências inacreditáveis. Os inconscientes continuam manipuláveis.

lambes das calçadas de S. Paulo, terra opulenta e cheia de miséria, abc da libertação e coração da opressão difundida no país. Não se espantaram, afinal, o rosto da miséria é sempre o mesmo, sempre repugnante.

* * *

Conversei muito com Rub sobre nossa formação, nossa carga histórica, nossa afetividade mal-educada. Tantas coisas simples e naturais poderiam ter sido mais bem orientadas. É uma opressão que também precisa de libertação. Estudamos juntos muitos anos, aliás, toda nossa equipe. Chegamos a conclusão que somos esdrúxulos. Não sei se é cômico ou trágico.

Fase delicada essa a que chegamos. Como educar politicamente as comunidades sem causar rachaduras? Esse momento crucial, na realidade, é inevitável. Questão de mais cedo ou mais tarde. Para nós já chegou esse momento.

* * *

O batismo dos objetos, povoados etc., é interessantíssimo no Nordeste. Há denominações poéticas como Lagoa das Flores, políticas como Sto. Sé, sugestivas como Pilão Arcado, cômicas como Virabunda. Mas há um povoado em Curaçá, cujo nome me impressionou por sua sordidez. É que para mim ele sugere a realidade mais cruel do Nordeste: ESFOMEADOS.

Hoje, residindo no Nordeste, refletindo sobre a História do Brasil, considero criminosa a História que nos é repassada nas escolas. Nos ensinaram a admirar os bandeirantes, aceitar passivamente o escravagismo e as chacinas feitas sobre os índios. Quilombo dos Palmares nos foi colocado como um ninho de víboras, não como a resistência desesperada de uma raça oprimida.

Os opressores têm sua história e querem que nós a admiremos. Enquanto a história é apenas uma curiosidade, chegamos a admirá-la. Mas quando nossa razão começa a exercer um papel crítico, descobrimos as intenções dos opressores, e passamos a odiá-la. Preferimos admirar muitos que eles consideram traidores, pois eles é que encarnam a luta pela dignidade humana nesse país. Assim como Zumbi.

* * A

Levantamos às 4:30h para percorrer os 120 km de estrada que separam Campo Alegre de Lourdes de Remanso. Até Juazeiro são 300 km. A estrada esta seca e não foi tão desgastante.

Na viagem fiquei ouvindo a conversa do povo. Saíram certas obras-primas como essa de uma alucinada: "Quero a blusa. Não vão dar? Deus me dará a quentura do sol. O sol vai nascer".

Outra: "Nessa região o gado faz o povo".

Outra: "Na Paraíba tem lugar que não chove há quatro anos e tem gente que não deixou cair uma cabeça de gado".

O nordestino não é apenas um forte, é também um artista da sobrevivência.

A A *

Estamos reunidos com animadores de CEBs de Curaçá. Fiquei espantado com a quantidade de crimes nesse município. Outro assunto corrente è a seca. O sertanejo está temeroso. Não choveu. A caatinga está ficando parda. Não há ramos para os animais. Água apenas para quem é ribeirinho. Já se viaja 18 km para conseguir água. Mas o que assusta o sertanejo é que ainda estamos em fevereiro. O que será em julho, agosto? Acho que vou ter o terrível privilégio de viver uma seca nordestina.



O movimento da praça de Campo Alegre.

* * *

Recebemos várias cartas comentando os acontecimentos de Campo Alegre. Meu mano escreveu umas coisas interessantes. Uma de suas observações é que a campanha teve mais provocação que conscientização. Deve ser pensado. Obviamente, a intenção é chamar o povo à luz da consciência, não provocar inutilmente os detentores de poder, mesmo que locais. Nessa luta, porém, há riscos e erros inevitáveis. Sem dúvida, risco também de vida.

* * *

No encontro com as CEBs de Curaçá, um dos momentos mais interessantes foi o relato da história particular de cada comunidade. Interessante ver como os analfabetos extraem da memória seu passado. O povo, ao contrário dos sintomas, tem memória histórica. Apenas que sua história é a própria, a do oprimido, não a do opressor repassada nas escolas. O mais notável foi a permanência no salão das 15 às 18:30h. Acompanharam com plena atenção. O que é da vida lhes interessa.

* * *

Rememorando minha chegada ao Nordeste, já é possível compreender o nível de adaptação. O impacto da pobreza, para mim, foi demolidor. Casa de taipa, água de barreiro, comidas rudes e, além de tudo, a miséria humana desse homem cruelmente empobrecido. Não é fácil chegar ao seu nível, tocar e deixar-se tocar por eles. Aos poucos, porém, há adaptação. Mas relembro também a observação de um padre holandês: "Os lugares difíceis do Brasil ficam para os estrangeiros". Era um fato, penso que começou a mudar.

* * *

Joaq. tem uma experiência cômica. Visitava uma família logo que chegou. Todos sentados em roda na cozinha. Um menino chegou em pele e osso, ficou de quatro e remeteu uma pasta verde para o ar. A mãe simplesmente jogou um pouco de areia sobre o material. Joaq. disse que fechou o estômago e suportou. Pelo tanto de vezes que contou o fato deve ter sido marcante. Talvez hoje o menino pudesse arremessar diretamente na cara dele e a reação não seria tanta. Enfim, passou por um processo de aculturação.

⁹ Hoje eu não escreveria novamente desse modo. Mas se eu fosse cortar todas as asneiras que escrevi, cortaria muito, sobraria pouco. Esse fato me ajuda entender como já vi o povo com os olhos de muito opressor.

Terminado o curso com o povo de Curaçá. Admirável como esse povo é marginalizado e de fato oprimido. Para esse homem não foi permitido entrar para a História. Nosso trabalho com eles é como tomar uma criança pelas mãos e iniciá-la nos primeiros passos. Aqui, nos primeiros passos de uma consciência crítica. Mas também é admirável quando um homem começa entender sua própria condição humana. Olhar incisivo, rosto franzido, boca semi-aberta e a inevitável expressão: "É assim mesmo que a gente vive". É o primeiro passo.

Fui encarregado de levar um grupo de pessoas que veio filmar a Pilão inundada. Farão um documentário sobre a Pilão Arcado inundada, transformada em ilha pela baixa da barragem e agora retomada pelos posseiros. É a arte requintada e cara documentando esses acontecimentos contraditórios da História.

Há momentos que eu gostaria de escrever mais sobre determinados assuntos. Logo depois acho que é bobagem e deixo de lado.

* * *

Salvo engano, foi Chê que disse ser "preciso lutar sem perder a ternura". Ando dando coice em parede. O atrito constante com o pessoal da cidade só pode me botar fogo. Ando muito fechado. Não confio quase em ninguém por aqui. E nesses momentos que sinto necessidade de andar pelo Interior, tomar contato com o humano e recuperar o sentido da vida. É fácil tornar-se desumano. Meu mestre de psicologia afirmava que diante da desgraça nos humanizamos ou nos demonizamos. É fato.

O mais impressionante nessa região, sem dúvida, é o próprio homem. Em minha mente, o mito do homem vagabundo quebrou-se há muito tempo. A fatalidade que pesa sobre o homem nordestino, além da adversidade da natureza, é a opressão a que está submetido. Quando esse homem, porém, ganha um dedo de consciência, torna-se firme, altivo, um trabalhador de base sem igual. Posso citar nomes de pessoas com quem convivemos, como Pedrão, Zé Calixto, Henoc, Clarice, ou mais discretos e eficientes como Antônio Vital, Antônio do Baixão dos Bois, Maria da Malhada, etc... E aqui

vai uma constatação: ninguém mais firme e resistente do _que um pobre quando toma consciência de seus direitos¹⁰.

A * *

Falei com Calixto sobre a difícil situação do PT na Bahia. Ele encarou-me fixamente, não acreditando no que ouvia. Vi o desespero em seu rosto. Não é para menos. Há quatro anos perseguidas pelo PDS, antes ARENA, as pessoas mais conscientes das CEBs queriam um partido em que pudessem manifestar sua oposição. Sequer PMDB haverá em Campo Alegre. Apenas PDS e PP. Isso equivale a tantos outros anos de perseguição implacável. Mas é preciso enxergar o horizonte mais vasto da libertação e não desesperar.*

* * *

Recebi carta de casa. Minha mana está mesmo grávida. Vou mesmo virar tio.

A mãe mandou um bilhete. Ela é um exemplo típico de pessoa que teve pouco espaço na vida. Pedia que eu voltasse. Eu entendo, mas não posso.

Chegou também, uma carta da Lá. O curso do Rio está bom. Ela anda meio voadora. Dá para entender. Deu saudade. Continua chovendo muito.

Nova tentativa de dialogar com Pe. Jo. Ele tem se aproximado mais dos pobres. É uma pessoa angustiada. Não suporta conflitos. Não suporta pressionar quem detém o poder. Crê ingenuamente na conversão do poderoso ao pobre. Não concorda com o trabalho de nossa equipe. Os argumentos, o conjunto dos fatos, são praticamente inúteis para ele. Para compreender a solidariedade da Igreja com os pobres é preciso ter uma qualidade evangélica a mais, é preciso ter olhos que vejam. Pessoas como ele, entretanto, parecem necessárias. Por fora, ele pode observar falhas que nós, por dentro, não percebemos. Enfim, colabora para que não nos absolutizemos, ou não nos comportemos como deuses. Por isso, é preciso tentar conversar com ele, apesar de ser um mártirio.

* A *

Estou em Pitombas, povoado localizado na serra que faz a fronteira da Bahia com o Piauí. Comunidade pequena. Sei

* Talvez não tivesse sido bom citar esses nomes. Alguns desistiram. Outros que nem estão citados apareceram de modo marcante nos momentos decisivos. A maioria deles, porém, continua firme na luta.

10 Esse trecho foi escrito em 14 de março de 1981. Muitas coisas aconteceriam no cenário político nacional, inclusive da Bahia e, sobretudo, de Campo Alegre.

que estou numa das regiões mais pobres do planeta. À noite, sob a luz dos candeeiros, conversamos sobre a organização do povo. Aos poucos o povo se organiza. Já há um trabalho de base que possibilita essa organização. Querem criar um trabalho de organização política, sindical e de comercialização dos produtos. É ingente a tarefa de colaborar na organização do povo. Já passou a fase romântica. Agora é caminhar na realidade, apesar dela muitas vezes parecer um sonho.

* * *

Continua a caminhada pelas comunidades. Hoje, Ramalho e S. Gonçalo. Pela noite reunião, revisão da campanha educacional. Durante o dia passamos conversando diretamente com os compadres. Aos poucos cansa.

Ontem ficamos horas afundados nas poças d'água. Apenas eu e Rub. Arrancar nosso Gurgel da lama deveria ser um dos trabalhos de Hércules. Rub ficou exausto. Quando o povo do Barreiro do Espinheiro soube, vieram e empurraram o carro por mais de 1 km. Só pegou lá pelas 6 da tarde. Autêntica danação. Dormimos no Barreiro do Espinheiro.

* * *

Andei duas léguas pelas caatingas. Fui com um pessoal até Baixão Novo.

Encontrei-me com Antônio. Ele é uma das boas cabeças do povo. Conversamos sobre o método de educação repassado aos professores leigos do campo. É o método de Paulo Freire pervertido. Usam a técnica, mas subtraíram seu espírito crítico. É como um corpo do qual arrancaram a vida. Ele pretende restituir vida ao método por conta própria. Falamos sobre a possibilidade de reunir os professores e rediscutir com eles o método. Seria preciso conversar também a organização da categoria no município.

* * *

Ontem foi a reunião do Peixe. Fragílisma. Apenas algumas mulheres. É o espelho da própria comunidade. Um povo amedrontado, sob os pés de dois vereadores do local. Mesmo assim há boas consciências e firme resistência de uma minoria. São os "anawins". É um povoado dificultado pela distância e domínio de alguns elementos. Parece que a campanha fortaleceu o grupo de participantes e afastou aqueles comprometidos com os políticos. Confirma-se a máxima evangélica: não podeis servir a dois senhores, isto é, a Deus e aos opressores políticos.

Estou em São Tiago. A reunião foi ontem à noite. Pareceu-me um povo tímido, sem crédito nas próprias forças. Houve boas intervenções.

Dormi no depósito de farinha. Aliás, já faz mais de ano que durmo em rede. Cama, para mim, tornou-se um sacrifício. É como se estivesse deitado numa chapa de fogão. Fez frio pela madrugada.

Hoje à noite não haverá reunião. Encontro com os companheiros na Lagoa dos Duarte. Haverá inauguração de uma casa comunitária construída pela comunidade. Essa noite vou jogar os chinelos do lado e pegar um forró.

* * *

Uma jóia a noite de ontem. O povo celebrou com uma alegria autêntica sua conquista. Celebração verdadeira, com fundo de vida, sem falsificação. Comunidade de Base é o maior sacramento que conheço. Deus transparece nesse povo. A participação num ato desses reabre meu ânimo, retoca a caminhada. Parece que a campanha também foi boa.

Durante a celebração falou-se em "união dos pequenos", "acabar com o machismo", "liberdade para os jovens", entre outras manifestações de uma consciência em processo de libertação. Reconheçamos, para o Nordeste, partindo da Base, é muita novidade.

* * *

Acabou-se mais um mês. Não consigo entender ainda o mais profundo de nosso trabalho esse ano. Muita atividade, coisas importantes, mas sem uma coerência de fundo maior. Falta um pouco de organização. Logo acertaremos.

A maior dificuldade que vejo ainda está na questão política. Os camponeses têm sede do PT, mas ele não existe como partido em condições de concorrer na Bahia. Aqui, em Campo Alegre, haverá PDS e, talvez, PP. Como o povo vai canalizar sua insatisfação?

Se a política partidária não favorecer os trabalhadores de Campo Alegre, o povo deverá jogar sua sorte e suas forças na eleição sindical e nas frentes de resistência: CEBs, organização dos professores leigos, resistência na terra, etc. Afinal, na História, fazemos o possível, não o mais necessário. Por outro lado, é preciso escolher o possível mais próximo do necessário.

Ainda não terminamos a avaliação da campanha, mas os resultados parecem ter sido ótimos. É um consolo. Para

além dos imediatismos políticos, é necessário criar o irreversível no povo, isto é, a consciência de que é preciso e possível mudar essa condição desumana. Eu creio que Deus está presente na história desse país, na luta desses oprimidos, e que sairemos dessa desumanidade que dilacera a todos.

* * *

Zé Francisco, da CONTAG, foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional. É um crime! Participei de dois encontros de STRs do Vale São Francisco nos quais ele esteve. Foi cortador de cana, depois assumiu uma linha mais combativa no sindicalismo rural. Por isso a atitude dos mandarins é mais um crime contra o povo. Até quando? ¹²

* * *

Não sou Freud e nem Jung, mas tive um sonho significativo. Sonhei que a repressão dos generais tinha baixado novamente sobre o país. Houve uma razia nas bases da Igreja. Eu estava preso no CODI de S. Paulo. Mas o edifício era aquele do Ministério da Fazenda, ali na Rangel Pestana. Haviam me colocado num calabouço, mas seu fundo era um rio. Depois fecharam um alçapão sobre minha cabeça. Mesmo no sonho a sensação de solidão foi horrível. Acordei arrepiado.

* * *

Não sei se estou sendo idiota, mas aquela distinção entre propriedade capitalista e propriedade particular que consta no *Igreja e problemas da terra* é um achado precioso. Vamos ver se tem alguma repercussão.

* * *

Sexta da Paixão. Nada que se assemelhe ao sul de Minas ou a Ouro Preto. Os costumes são absolutamente diferentes. O jejum tem características próprias. Até ao almoço não se come. Mas a mesa do almoço será a mais farta do ano. É significativa essa inversão. Um povo que passa fome o ano inteiro enche a barriga no dia do jejum.

Não há aquele clima necrófilo das Semanas Santas. Cada comunidade fará sua celebração de modo simples e carregado de vida. Enfim, vem aí a Páscoa da Libertação.

* * *

Parece haver um certo impasse na organização popular de Campo Alegre. Há um certo medo no povo. Tem também

¹² Quando um lascado é condenado, preso, etc., por um poderoso, sei logo quem é criminoso.

um grupo que segura qualquer brasa. Mas é inútil dar passos maiores que o do povo. E preciso jogar nas margens de sua compreensão. Quando o povo recua, é preciso parar e rever. *Não* por covardia, mas em razão do próprio povo. Por outro lado, é preciso insistir na conscientização. Lula não crê nas vanguardas revolucionárias pelo simples fato de não possuem representatividade popular. A pouca experiência que lemos ensina que ele está correto. Como trabalhar junto ao povo sem o povo? Ou caminhamos nos passos dos oprimidos ou não caminhamos com eles.

* * *

Às moradias de Campo Alegre são em 90% paupérrimas. Há um estilo chamado casa de taipa. Trançam um esqueleto de madeira com ramos brutos que, posteriormente, é recheado com barro cru. O piso é terra batida. Caem, muitas vezes, chapas inteiras de barro, permanecendo as paredes com enormes rombos.

O segundo tipo é a "casa de adobe". São um pouco mais sólidas, construídas *com tijolos* de barro semi-cru. O cimento é usado raramente e em quantidades mínimas.

Aqui, entretanto, não se percebe a insalubridade típica das grandes periferias. Não há aquela imundície de detritos armazenados ao redor das casas. Com tijolos mais bem cozidos, paredes caiadas, as *moradias de Campo Alegre seriam* pobres, porém, dignas.

* * *

Estive pensando como já não escrevo teatros, *componho* pouco, pego menos ainda no violão. Refleti sobre essas coisas, porque fui convidado para cantar algumas músicas minhas em Juazeiro. Na realidade, estou cada vez mais desligado da arte. Para mim, sinceramente, esse é um preço meio alto que o trabalho de base me impõe. Ficou para trás o tempo ingênuo do "Hosana-hey". Estava pensando sentado no tamborete. Deram uma pancada tão forte na porta, que meu susto foi maior ainda e quase derrubei a carranca da mesa com um tapa. De fato estou na Bahia, não no paraíso. Maior que a arte é o ser humano.

* * *

Estou em Malhada. Dia 1º de maio é a festa do padroeiro, São José. Deu para conversar com a turma sobre o "trabalhador".

Dia 3 de maio acontecerá a concentração dos trabalhadores em Campo Alegre. Num município de 20 mil habitan-

tes, reúnem-se cerca de 3 mil trabalhadores rurais. Eles vêm armados de foices, facões, enxadas, enxadões, machados, canas, mandiocas, roupas típicas, etc. É uma festa bonita, além de uma demonstração de força que faz tremer e desaparecer a elite dominante da cidade.

O povo começa a chegar para a festa de São José, em Malhada. Vêm em jegues, bicicletas, carros ou a pé. Trazem os aiós carregados de bugigangas. Sem dúvida, há mais comerciantes que compradores.

Já fui objeto de três atitudes que me deixaram constrangido. Ontem um indivíduo bêbado aproximou-se, recordou uma série de coisas que fiz na casa dele na campanha de 80. Depois me contou que era amigo do prefeito, mas que as comunidades precisavam da ajuda dele e da Igreja. Por fim, ofereceu-me 100 cruzeiros. Duro aceitar, impossível recusar.

À noite, após a novena, eu estava sentado no boteco. Um rapaz perguntou-me se fumava. Respondi que sim. Ele sacou dinheiro do bolso e comprou três cigarros para mim. Aqui o cigarro é vendido também por unidade.

Hoje pela manhã, 7h, eu estava tomando o sol da manhã e ouvindo noticiário de rádio. Os rapazes estavam por ali. Um deles aproximou-se e me ofereceu um maço de cigarros. Pelo jeito, estava comprado e reservado desde ontem. Hoje oferecerão cachaça, cigarro, refrigerantes, doces e outros pequenos presentes. Sem dúvida, aqueles três cigarros comovem mais que 200 mil oferecidos por um poderoso na construção de uma Igreja. Nesses pequenos gestos eu entendo melhor o significado do óbolo da viúva.

* * *

Parece que vários padres e irmãs vão deixar a diocese. Não se conformam com a linha pastoral adotada. Fico imaginando como isso pode atingir D. Rodrigues. Radical, inabalável, ele prossegue. Se é para o bem dos pobres, não há por que vacilar. Mas dá medo. De fato, seria necessário fazer uma ampla consulta às bases. Seria necessária uma contínua e funda autocrítica. Mas se os pobres opinarem que é preciso continuar, é preciso ir em frente, sejam quais forem as consequências.

* * *

Novamente reunião da CPT. Vão para Salvador mais dois compadres. Aproveitarão para conversar com os líderes do PT baiano. Esse partido entrou muito bem em Campo Alegre.

O 1º de Maio foi inferior ao do ano passado. Cerca de mil pessoas. Mesmo assim esteve bom.

Estive no barbeiro, cortei cabelo e aparei a barba. Tomei nova dose de remédio contra ameba. Parece que esse é um dos salários que terei de pagar à região. Dizem que é muito difícil de ser erradicada. Há uma espécie que perfura a da parede intestinal. Essa é a mais perigosa. A que eu carrego, além de desarranjos intestinais, não tem muitas consequências. As amebas provêm das águas podres dos barreiros em que bebemos.

Ontem fui visitar Rosineide no hospital de Juazeiro. Pneumonia, artrite, subalimentação e outras mil formas de desumanidade. Respirava com dificuldade e quis chorar quando nos viu. Tomou a carta da mãe nas mãos e não teve coragem de ler em nossa presença. Ela é da Lagoa Manoel Duarte, povoado de Campo Alegre de Lourdes. Tem apenas 12 anos. O que significa mais uma vítima diante dos milhares que morrem no Nordeste?

* * *

Estamos no *ferry-boat* para Itaparica. Eu, Calixto e Antônio. Reunião da CPT na ilha. Comi o pior misto-quente da vida.

Os dois estão meio maravilhados com o mar, mas nada de comportamento extravagante. Já estiveram em S. Paulo.

Ambos puxam o PT em Campo Alegre de Lourdes. Com a situação regularizada na Bahia, em Campo Alegre de Lourdes o PT dará pano para muita manga.

Outro ataque agudo de ameba. Diarréia, febre e completa desarticulação emocional. Para arrebentar, uma dor que vai dos músculos do rosto até os músculos das pernas. É como se tivesse passado horas no pau-de-arara. Não chega a ser violento como no ano anterior, mas tem sua dose própria de *castigo*.

O encontro da CPT vai bem, mas há vinte dias que estou em contato permanente com o povo e, por isso, sinto-me cansado.

* >v #

João Paulo II foi baleado. Não me recordo de um papa assassinado. *Enquanto isso, no Brasil, enterraram com honras militares o homem que se arrebentou no Rio-Centro*. Eu fico imaginando, diante desse fato, o que significa "honra militar".

Terminou a reunião da CPT. Antônio e Zé Calixto viajaram ontem. Vou hoje. Estou na periferia de Salvador, em

casa dos estudantes de nossa diocese. Salvador é como o Rio, alterna miséria e beleza.

Não estou bem, ao contrário, tudo muito escuro.

* * *

Na reunião da CPT foi discutida uma questão utilíssima: os oprimidos enganados. Essa categoria de pobres que recusa sua identidade e prefere aliar-se aos poderosos. A ideologia dominante está introjetada em sua cabeça, diria Paulo Freire. A questão é, antes de mais nada, dolorida. Pior que essa questão só o ser chamado de vagabundo. Não que me perceba como tal, mas eu carrego, ante os trabalhadores, um certo complexo de inferioridade por não produzir materialmente. É um privilégio terrivelmente alto nesse país ter meu nível de estudo, comer sem ser operário ou camponês. O que consola é que meu trabalho e o trabalho da diocese em que me encontro é radicalmente solidário com os pobres. Por isso, perceber que camadas numerosas do meio oprimido recusam trabalhar em seu próprio favor é tremendamente doloroso. Não se pode encará-los como se encara a classe dominante. É preciso um intenso trabalho de base antes que eles rompam com essa mentalidade subserviente. Mas se eles se isolam, a recuperação, nessa sociedade estruturada em classes, é praticamente impossível. Em todo caso, é preciso ter por eles o máximo respeito*.

* * *

Ontem fui revisar a campanha em L. Velha, L. dos Bois e Leandro. Foi boa a campanha, vai bem essa comunidade.

Conversei com "seu Manoel". 81 anos que aparentam 60. Saúde férrea, dentes perfeitos.

Olhei para a pequena Maria e fiquei admirado com sua beleza. Todos os traços afros. Pele escura, rosto cheio, lábios carnudos, desses dentes brancos que iluminam a noite. Um sorriso de fazer paixão. Linda! Ela tomou nas mãos o moinho que o pai comprara na cidade e dizia: "Muim, mãe! É muim, mãe!" Depois soltava gargalhadas pela casa. Sem dúvida, a beleza existe também na pobreza.

* * *

¹³ Uma das técnicas utilizadas pelos dominantes no sertão é isolar o povo das comunidades. Proíbem seus correligionários de irem às reuniões, de lerem, de discutirem com os engajados, de andarem nas Igrejas, na casa paroquial, etc. Enfim, mantê-los na ignorância para mais facilmente dominá-los. Muitos professores leigos ganham para não dar aula. Como dizem, "não vamos dar leite às cobras".



A venda da farinha.

Reunião em Cacimba Nova. Pouca gente para assistir. Época de farinhada. Durante o dia peneirei massa. Aproveitei para conversar sobre a vida com o pessoal.

Interessante a maneira das mulheres sentarem-se no chão. Jogam a saia entre as coxas, protegem a região genital e deixam as pernas à mostra. Nunca se vê mulher exibindo a calcinha.

Normalmente não usam sutiã. Parece um luxo dispensável. Os seios não são ocultados pudicamente. As mulheres amamentam os filhos em público, com naturalidade. Outro dia umas meninas me disseram que calcinha é conquista recente. Até pouco tempo atrás usava-se somente em dia de festa. E muitas vezes as meninas usam roupa tranqüilamente transparente. Obviamente fazem vestidos com o pano que estiver ao alcance da mão.

Aqui na cidade as moças costumam banhar-se na chuva. O vestido cola no corpo e mais parece uma exibição coletiva de *topless*. Mas essa é mesmo a alegria das primeiras chuvas que só o nordestino pode saber o que significa.

O curioso é que nunca vi um rapaz de boca aberta ou querendo engolir as moças por todos os sentidos. Aqui há de fato um forte moralismo matrimonial, mas todo mundo casa cedo e não há repressão sexual. Portanto, não é transformado em tabu aquilo que é natural. Tenho sempre a impressão que os pobres no Nordeste são mais felizes sexualmente do que muito grã-fino que anda em divã de psicanalista.

* * >

Estou passando uma semana nas "Coceiras". Fica mais de vinte km de Campo Alegre de Lourdes. Cheguei quando já tinha passado das cinco horas. Houve reunião pela noite. Novamente algumas pessoas com medo do comunismo.

Nessa experiência junto às comunidades do Nordeste, passo a perceber alguns dados que antes realmente não notava:

- A estrutura dialética das classes. Saliento que não estou atacado de infantilismo marxista, mas que é a realidade experimentada no dia-a-dia. Como as classes dominantes interagem com as dominadas, quais os mecanismos para preservar a dominação? No Nordeste, o primeiro mecanismo é o favoritismo. E o favoritismo pressupõe que uma parte da população seja de tal modo necessitada que esteja entregue às mãos de quem detém a riqueza. Mas quando o favoritismo é percebido como ineficiente, os dominantes recorrem à mentira, à difamação e demais baixezas. Para amedrontar o povo, comunismo é uma palavra de efeitos quase mágicos. O uso constante e ridículo, porém, que as classes dominantes fazem dele, é a melhor arma para que os oprimidos possam compreendê-lo e superá-lo.

- O papel ideológico da hierarquia católica. Onde o bispo, padres, agentes de pastoral encarnam a causa do oprimido, a Igreja é viva, profética, desde que a Igreja não se torne uma espécie de vanguarda sem base. Onde a hierarquia, explícita ou implicitamente, assume a causa dominante, a Igreja assemelha-se a um túmulo de Deus.

- O papel ideológico da "imagem de Deus". Essa imagem é, normalmente, feita à semelhança da hierarquia local. Deus é seu retrato. Assim, na história do Brasil, houve o Deus feito à semelhança dos portugueses e europeus, senhores de escravos, classes dominantes da República, burguesia atual, etc. Todas elas forjadas pela hierarquia católica.

- A partir desses dados é possível perceber melhor o posicionamento de Deus na história de Israel. Não há, nem

poderia haver, neutralidade de sua parte, mas a assunção da causa do povo oprimido.

* * *

Hoje estive na roça com o pessoal. Estavam colhendo feijão de corda. Em determinados lugares o mato encobria uma pessoa. Colhi apenas umas quatro cuias de feijão. Ficou ruim porque eu estava de bermuda.

Pela noite houve reunião na "casa de farinha". Toda comunidade presente. Falamos da vida, do Evangelho, da roça, etc...

* * *

Reunião da CPT para discutirmos o material de política. Na discussão afloraram assuntos fundamentais para nossa caminhada.

Nem sei em que contexto surgiram umas coisas cômicas. Jand contou que em Curaçá, após a viagem do papa ao Brasil, uma mulher procurou o cartório e queria registrar o menino com o nome de "papa-móvel". O escrivão foi perguntar ao padre se podia.

Rimos, é claro. Então ela disse que tem menino com nome até de lata de doce. Fiquei imaginando alguém se apresentar com o nome de "Caju Cristalizado"⁴. Mas há nesses fatos também uma dimensão trágica. Na era do "caju cristalizado", do "papa-móvel", do "ônibus espacial", existem milhões de pessoas no silêncio da marginalização.

* * *

Juazeiro é o tipo da cidade dominada pela mendicância. Nas ruas, nas casas, nos bares, sempre haverá mãos estendidas. Dá desespero.

Hoje eu estava sentado na calçada esperando pela dentista. Passou um mendigo recolhendo pontas de cigarro no chão e guardando-os no bolso. Recordei-me de Chaplin em *A corrida do ouro*. Depois de afortunado, com capote e sapatos finos, conservava o vício inconsciente de recolher bitucas de cigarros nas ruas. Só não vejo como o mendigo de Juazeiro pode tornar-se um afortunado.

* * *

Estou no Peixe. Novena de Sto. Antônio. Ontem fui a Angico dos Dias. Três léguas de bicicleta numa areia medonha. Fiquei relacionando a desertificação crescente do Nor-

⁴ Outro dia contaram que o pessoal põe nas crianças nome de bula de remédio. Deve ter Doril, Cibalena, Tetrex, etc.

deste com o depoimento de um professor do Recife ao jornal *O Estado de São Paulo*. Sem dúvida, arrancando a caatinga, o deserto cresce como que por geração espontânea. O que mais torna odiosa essa situação é a inépcia, o menosprezo que o governo tem para com a predação natural e para com o povo miserável do Nordeste. A subestimação que tem com 90 milhões de brasileiros botaria um Herodes, um Calígula, um Hitler em situação de inferioridade. Agora estão lá, tramando a melhor maneira de digerir as bombas do Rio-Centro, enquanto o povo permanece jogado às traças.

* * *

A primeira vez que vi Tereza foi vendendo churrasquinho nas ruas de Juazeiro. Foi Creuza quem apresentou-a a mim.

A segunda foi em sua casa, na zona de meretrício de Juazeiro. Quando entramos ela não estava e pude ver a miséria em que vive. Creuza disse que aquele setor da zona era chamado de "Pinga Pus".

A terceira vez foi na escola do Bonfim, setor da diocese que trabalha com as prostitutas. Ela aproximou-se, abraçou-me com alegria e disse: "Você precisa ver como meu Lucas é bonito!" Referia-se ao seu último filho.

Vendendo churrasco nas ruas, trabalhando na zona como profissional, freqüentando a escola do Bonfim como aluna, Tereza esforça-se por sobreviver e dar de comer aos filhos. É aquele tipo de pessoa que relativiza toda moral e fez o Cristo admitir que as prostitutas levam vantagem sobre nós no reino de Deus.

* * *

Tenho sobre a prancha alguns objetos da arte popular. Uma carranca pequena, imagem do demônio para os navegantes do S. Francisco. Orelhas enormes, olhos exorbitados, dentes vampirescos, horrendamente expressiva.

Mais ao lado uma espécie de cabeça talhada no coco. Com as fibras secas, cabelos esculpidos em franja, nariz puxado para baixo, tem a forte expressão de máscara mortuária. O talhe dos cabelos e a expressão do rosto evocam as figuras portuguesas do século XVIII. Há um inconsciente coletivo nesse povo que vem à tona no artesanato, na dança, nos costumes. O mais interessante é a veia artística embutida no homem do sertão.

* * *

A arrogância intelectual é uma das atitudes mais odiosas. Essa odiosidade salienta-se quando certos intelectuais

vêm até nós que trabalhamos na base e pretendem passar sobre nossa cabeça e nosso trabalho. Não é questão de ser avesso ao pensamento, pois todos precisamos dele. O caráter dessa perniciosidade está no fato do intelectual pensar que a vida se faz nas universidades e nos livros, quando na realidade, faz-se no cotidiano do povo. Ainda mais: a cabeça do povo faz mais a vida que a cabeça do intelectual.

* * *

Estava lendo alguns sermões de D. Romero. A certa altura retoma o raciocínio de Tomás de Aquino sobre a violência: a insurreição armada é legítima apenas quando a situação que se construirá no futuro for, com certeza absoluta, melhor que a atual. A deficiência desse raciocínio, para mim, é que jamais se pode prever o resultado da luta armada. D. Romero achava que em El Salvador não havia condição para essa insurreição. Na época de Sto. Tomás, com armas mais rudes e ditadores mais nítidos, fora de sistemas complexos, talvez fosse mais simples prever o resultado.

Transpondo para o Brasil, a luta armada no momento seria suicida. Seria a luta da classe dominada e desarmada contra a classe dominante e desalmada. A arma do povo só pode ser a resistência pacífica em firmeza permanente. É um movimento que oferece menos brecha para repressão violenta. Basta ver a passeata das mães e mulheres dos operários do ABC. A repressão violenta evidenciaria como é monstruoso o crime das classes dominantes. As guerrilhas, como a do Araguaia, por exemplo, oferecem um flanco mais aberto à repressão violenta, pois são violentas e não arrastam a paixão do povo com a mesma intensidade. Sei que é apenas uma opinião dentro de todo um contexto. A situação concreta pede indicar outro caminho.

A resistência dos posseiros aqui em Campo Alegre, por exemplo, tem sido pacífica. Há vários anos os posseiros encontram-se com o grileiro no local de trabalho e, pacíficos e firmes, impedem o trabalho. Mas a persistência do grileiro desgasta os posseiros, exigindo uma paciência a toda prova. A situação poderá chegar a pontos extremos e os posseiros poderão matá-lo, o que seria muito fácil. Se a grilagem chegar ao nível extremo, não seria legítima a resistência armada? É o tipo de resistência que ocorre na Amazônia Legal. Há pouco foi lançado um livro *com esse título: A luta armada no campo*, com prefácio de Casaldáliga. Em palavras que não me recordo exatamente, dizia: "É inútil mascarar os fatos, a luta armada no campo é uma realidade".

Recordo-me da CPT Nordeste III em Itaparica, onde um trabalhador de Vitória da Conquista, onde foi assassinado o advogado Eugênio Lira, dizia: "Eugênio Lira morreu por descuido nosso. Esse outro advogado também trabalha com a gente. Mas se a gente souber que alguém quer matar o homem, vamos buscar o assassino antes dele sair de casa".

A resistência dos posseiros nos campos é uma realidade. Para todos que trabalham no setor, extremamente legítima.

* * *

Ed costuma distinguir entre conscientização e mentalização. Na primeira, a conscientização, o conscientizado é sujeito de seu processo. Emergindo da realidade onde está mergulhado, contempla sua realidade a distância (Paulo Freire), apossa-se dela pela razão e nela mergulha como senhor para transformá-la. Na mentalização, educando é apenas objeto de terceiros. Os conceitos estão prontos e são mecanicamente embutidos na cabeça daqueles que deveriam se conscientizar. Enfim, na conscientização o educando é sujeito. A mentalização é mecânica; nela, o educando é objeto.

* * *

Mais algumas obras-primas do povo:

- Referente aos posseiros enfrentando o grileiro: "Era como formiga no açucareiro".
- Referente a um grileiro: "Ele tem coragem porque o galo está ciscando pra trás; quando ciscar pra frente, ele corre".
- Referente ao próprio analfabetismo: "Pobre só sabe fazer o 'ó' quando senta na areia".

* * *

Todos os dias vários cardeais (pássaros) ciscam em nosso quintal. Começaram as interpelações. Joaq, mestre em espicaçar a vida alheia, foi batizando um por um. O mais cristudo ele batizou com o nome de um cardeal que passou pelo Brasil fazendo referências desastrosas às CEBs. Todos acham que ali está o colégio dos cardeais. Para todos os efeitos, o Vaticano cisca em nosso quintal.

* * *

Andei por São Paulo. Fui rever os amigos, a família, enfim, minha terra. Vi São Paulo com outros olhos. O nordestino que não conhece S. Paulo não conhece o Brasil. Ao contrário do que se pensa, não é só a necessidade que arrasta

nordestino para S. Paulo, mas também a curiosidade. Mas também há o vice-versa. Os paulistas que não conhecem a miséria do sertão não conhecem seu país. Há situações tão desumanas que deixariam Biafra com inveja. Luís trouxe para casa um menino chamado Natalino, diabético, tão esquelético como as crianças africanas que aparecem nas revistas. Interessante como essas imagens trágicas de nosso país nos são ocultadas pela grande Imprensa e pelos órgãos oficiais do Estado. Recordo-me que em nenhum momento de meus estudos secundários e universitários, nos foi jogado na cara a situação do Nordeste. Ao contrário, afirmavam que: Nordeste tem o maior rebanho caprino do Brasil e um dos maiores do mundo. Esqueceram-se de dizer que os bovinos quase não subsistem por aqui e que as mirradas cabras subsistem porque, como afirma meu pai, onde há cabra não dá Dutra peste. Falavam-nos das belezas de Salvador, Olinda, mas não nos falaram da imensa penúria do sertão. Encheram nossas cabeças de mentiras. Acreditávamos. Por isso S. Paulo, com as imensas periferias da capital e o caipira do Interior, tem o contraste violento da opulência que ameniza as imagens da miséria. Aqui não há paliativos. A questão que fica é quando se deixará de ocultar e se encarará a condição do Nordeste. Se depender da oficialidade desse país, esse momento jamais chegará. Não existe nenhum projeto a curto, médio ou longo prazo para solucionar definitivamente os problemas dessa região do país. A situação do Nordeste no ano 2000 pouco diferirá da atual, assim como a atual pouco difere de 1800. A não ser que o povo mude de país.

* * *

Muitas reuniões pelo Interior. Passamos por uma área de grilagem onde os próprios trabalhadores, em reação ao grileiro, decidiram fazer a demarcação. Mas há um mistério no ar. Parece que há um grupo de trabalhadores querendo tomar as terras dos demais. Campona sacrificando campona. É dose!

* * *

Treinamento de lideranças para a região de Sta. Ursula e Campo Alegre. Exagero de pessoas em Sta. Ursula. Aqui foi melhor participado. Mas ficou para todos a angústia das divisões internas. Há também a preocupação de que algumas comunidades, alguns líderes, estejam muito à frente do povo e das outras comunidades no processo da consciência. Passam, então, a agredir aqueles que não conseguem acompanhá-los. Essa atitude é péssima. Acharmos que é preciso dia-

logar com os mais avançados a necessidade de compreender os mais recuados.

* * *

Venta muito nesta noite. As luzes da cidade já se apagaram. Faz frio aqui no sertão. As meninas estiveram conversando aqui até há pouco. Vou pensar minha vida enquanto queima esse resto de vela. É bom ficar só às vezes.

* * *

Rub andou o dia todo atrás de nosso bode. Estava passando uma miséria nordestina no fundo do quintal. Não só fugiu como sumiu. Nós ganhamos um caçador de bodes. O danado deve estar em algum magote de cabras ao redor da lagoa.

* * *

Morreu Natalino, o menino diabético que Lu trouxera para casa. Após quatro anos de doença sem trato, morreu esquelético como as figuras africanas. Parece que não resistiu a uma dose maior de insulina. Afinal, seria impossível contar os milhões de crianças dragadas pelo Nordeste em seus 400 anos de História. No eterno retorno de secas e enchentes, prossegue o ciclo da mortalidade infantil. A organização do povo é o único fósforo que brilha nessa escuridão.

A * *

Ed e Ang vieram novamente conversar com os trabalhadores em Volta de Cima. Na viagem falaram dessas realidades lúgubres encontradas no sertão.

No interior de Pilão Arcado, certa vez, encontraram uma louca. Ed disse que foi a figura humana mais animalesca que já viu. Evocava os humanóides, qualquer coisa tipo "homem de Neanderthal" ou "australopithecus". O mais admirável, como disse ele, é que falava. É como postar-se diante de um cachorro e maravilhar-se: "ele fala!"

Nesse mesmo local uma mulher ergueu a saia e mostrou para Ang uma bola vermelha fora da vagina. Dessas cenas para arrepiar o demônio. Desde que tivera o último filho estava nessa situação. Aquela bola vermelha dependurada entre as coxas.

Ali mesmo, um menino com o dente supurado botando pus pela boca. Enfim, o inferno da miséria.

Ed e Ang colocaram todos num caminhão e mandaram para Remanso. Bastou um mínimo de cuidado médico para aliviar todas essas mazelas.

Ou criamos uma sociedade mais justa nesse país, ou bolos 100 milhões de brasileiros no caminhão e os remete-: ira o Exterior.

* * *

Chegou um posto avançado do Banco do Brasil em Campo Alegre. Os posseiros acorreram aos punhados. E a tentara de conseguir crédito. Os juros são pesados, 22%. Um posseiro que sacar 400 mil terá que repor 488 mil no fim do ano. Parece que o juro é retido no ato do empréstimo. O dinheiro do seguro também. Em linguagem marxista, esse dinheiro agora é capital, mas quem produzirá mais-valia é o posseiro. O banco terá o retorno do capital (dinheiro) acrescido de mais-valia (para o banco é lucro). O posseiro toma o dinheiro emprestado, transforma-o em capital, arrecada mercadoria e, pela comercialização, tem dinheiro novamente, agora acrescido de mais-valia: $D - C - M - D$. Em categorias humanas, o banco cede o capital, o trabalhador sua a camisa e os ossos, produz, paga o banco.

A saca de farinha de mandioca está a mil e duzentos cruzeiros. A verba assacada corresponderia à produção de quase 400 sacas. É raro um posseiro um posseiro que na região obtenha mais de 50 sacas ao ano. A dívida pode ser compensada pela produção de feijão, produto que obtém maior preço. O milho é extremamente barato. Mamona é inexpressiva. São esses os produtos de uma agricultura primária e carregada de adversidades naturais. A verdadeira reforma agrária incluiria a questão fundaria e a política agrícola a favor do pequeno agricultor. Não existe sem um desses dados. Nenhum desses itens é cumprido pelos órgãos oficiais. O Estatuto da Terra deve estar em alguma W.C do palácio do Planalto.

Nossa preocupação é com relação aos posseiros. Correm o risco de pensar que o banco virá para fazer caridade. Aí está, na realidade, mais um bicho-de-sete-cabeças para sugar seu trabalho.

* * *

- Caiu uma leve chuva sobre o sertão ressecado. Perguntei ao caatingueiro o que poderia significar chuva nessa época. Respondeu que não sabia, pois em 36 anos, nunca vira esse fenómeno.

- Os grileiros voltaram ao ataque. Ontem, voltando de um casamento, vimos a picada aberta até a estrada. Apesar de ser meia-noite, paramos em alguns povoados para conversar com os trabalhadores. Estão desgastados por essa luta de defesa onde é impossível atacar.

- Morreu Glauber Rocha. Assisti dele apenas *O santo guerreiro contra o dragão da maldade*. Recordo-me que o cenário nordestino era impressionante.

- Nesse país de injustiças, dizer mentira é ser herói, dizer meias-verdades é ser de esquerda, dizer toda verdade é ser suicida. Escolha.

- Quando olho os casebres, a fome, a crueldade do Nordeste, tenho diante dos olhos o resultado de 481 anos de História. Ela é o testemunho da incompetência de todos que governaram esse país.

- Os políticos não levam a sério o Nordeste. Problemas tão profundos e gritantes são tratados superficialmente, com mediocridade e, até, escárnio. E por isso que não creio e não levo a sério quem dirige esse país.

* * *

Caminhada bíblica no sertão. As comunidades saem umas ao encontro das outras pelas noites estreladas. As estrelas no céu parecem com as luzes dos candeeiros. Caminham, refletem, cantam e encontram-se. Nessa noite obscura, nesse caos de miséria, há uma luz que brilha nas trevas. É a luz dos candeeiros das comunidades.

* * *

Fomos ao Morro "Cabeça-no-Tempo" fazer o casamento de Antônio e Rainha. Fica a 170 km de Campo Alegre. A gente mergulha na caatinga bruta até chegar. Quase inacreditável. Eu queria ver os jornalistas e políticos que perseguem a Igreja nessa situação. Já é Pilão Arcado. Anda-se 30/40 km sem encontrar uma casa. Raríssimos carros. Adoecer gravemente é morrer. É por isso que eu passei a entender o significado profundo do "se Deus quiser, eu vou viver". Apenas o milagre para salvar uma pessoa nessa área. É uma solidão cósmica, como se não existissem seres humanos na terra, ou só existisse ali.

Lendo e ouvindo a carga cerrada sobre a Igreja, sua politização, sua radicalização, agressão gratuita ao governo, eu fico imaginando como esses homens estão longe do real, da vida, de seu próprio país. Ou é a máxima alienação, ou a essência da cretinice. Bastaria que vivessem nessa área um dia para tomar na cara e perceber que a Igreja luta pelo elementar, ou seja, o direito de sobreviver. Mas eles não conhecem, não se interessam em conhecer e, por isso, comportam-se com são, cretinamente.

* * *

Tudo seco. Pessoas viajam léguas para buscar água em lombo de burro. O mafioso do prefeito nega água a todos que pertencem à comunidade. Em toda região os prefeitos agem assim cruelmente. Seria o momento de esfregar a cartilha política na boca de muito nego para que visse como ela é elementar diante do escárnio praticado pelos políticos em face do sofrimento do povo.

Passei em uma comunidade onde as crianças criaram casca. Imundas. Casas cheias de abelhas, desesperadas à procura d'água e ferroando as crianças. Não há água para beber, quanto mais para o banho. O pessoal queima estrume de vaca dentro de casa para espantar as abelhas.

No Baixão dos Bois o pessoal cavava c chão para depositar água extraída de outro lugar. Quando cheguei e vi a cena, recordei-me das cenas iniciais do filme *Barrabás*, onde ele executava trabalhos forçados dentro de galerias. O pessoal do Baixão parecia esses condenados.

Ali vi também um fato que revela toda mágoa retida pronta para virar ódio. O prefeito havia negado água para essa comunidade. Eles estavam com esse episódio atravessado na garganta. Enquanto dois meninos carregavam padiolas de lama retiradas do barreiro, um cachorro barrou-lhe o percurso. Um dos meninos deu-lhe um chute e gritou: "Sai PDS".

* * *

Acabo de ver o falecido Sadat em frente de uma pirâmide do Egito e recordei-me da frase de Napoleão: "Do alto dessas pirâmides 2000 (?) anos vos contemplam". Aí eu estava olhando a caatinga pela janela de nossa casa e pensei: "400 anos de miséria me contemplam pelo vão dessa janela". Para não ser narcisista retorqui: "Do vão dessa janela contemplo 400 anos de miséria". Dura realidade.

Estou passando uma semana na comunidade de Mandacaru. Fico na casa de Socorro e Benvindo, ambos agentes pastorais. Eles têm três filhos. O bebê tem problemas respiratórios e funga constantemente. É muito mirrado. O médico examinou-o, exortou-os a voltar para casa e aguardar a morte do pequeno. Que consolo! Mas o menino quer viver. Vive rindo. A Socorro disse: "Esse infeliz vive rindo".

Aqui a água já se acabou. Vejo os meninos sobre os jumentos, aiós carregados de cabaças. Vão buscar água na Malhada. Apenas 3 km. Mas a lagoa de lá também está secan-

do. A água, inclusive, separou-se em três poças ilhadas. Se não chover até outubro, a sede irá se alastrar rapidamente. O Nordeste é o paraíso sonhado pelo Marquês de Sade.

* * *

Ficamos observando a reação diante da *Educação política* movida pela diocese de Juazeiro.

Primeiro, a reação dos senhores do poder: sensacionalismo jornalístico, reação dos políticos, pichações de Juazeiro.

Segundo, a reação do povo: sede de conhecer a cartilha e os *slides*, sede de debater o assunto. Em muitos o medo. Em alguns a recusa.

No treinamento que fizemos para o uso das cartilhas com os animadores das comunidades, ouvimos leituras que jamais passaram pela nossa cabeça. Alguns exemplos:

1) Um trabalhador lendo o desenho que está na p. 2, onde há um homem de enxada nas costas em frente a outro que se encontra sobre pacotes de dinheiro: O trabalhador leu assim: O coitado ia pra roça, enxada nas costas, pé no chão. Foi atalhado pelo poderoso do dinheiro que foi lá no caminho da roça buscar seu voto. Aí o roceiro disse: 'Não vem com seu dinheiro. Pra você, esses anos que passaram foram anos de glória, mas pra nós foram anos de desespero'. Depois continuou decodificando e achou que a barriga do poderoso crescera tanto que engolira seu próprio pescoço.

2) Interessante a reação das crianças diante dos *slides* no povoado de Mandacaru. Enquanto havia a projeção, observavam rapidamente os detalhes: enxadas, cabras, bichos... Os adultos, salientando também os detalhes, preocupavam--se em compreender o significado de cada peça.

3) Em relação à cartilha, notamos o interesse do povo pela história do povo que a cartilha narra. As lutas populares foram estudadas com certa avidez. Um grupo que estudou o período getulista, na dramatização de apresentação, colocou um Getúlio morto em cena. Um primeiro grupo defendia sua pessoa e suas conquistas, enquanto um segundo atacava seu populismo. A menina que defendia afirmou: "Getúlio criou a CLT, o sindicato, as mulheres puderam votar com ele, etc..." O acusador atacou com a intuição mais fina que já vi quando* se fala de Getúlio: "a CLT e o sindicato servem mais ao patrão que ao trabalhador". E disse pra menina: "Já que você gosta dele, por que não ressuscita o ho-

mem?" Ela respondeu: "Já que está morto, deixa pra lá". Eis aí um conselho do povo para Brizola e Ivete Vargas ¹⁵.

* * *

Passamos meses elaborando a cartilha: *Política: a luta de um povo*. O objetivo dessa cartilha era ter uma ferramenta para discussão na base. Mas tomou outros rumos. O governador da Bahia e Jarbas Passarinho encarregaram-se de projetá-la a nível nacional. Pela difamação, é claro. A Imprensa tirou sua parte no filé. D. Rodrigues disse que já havia uma orquestração para combater a educação política na Igreja.

As reações foram inúmeras. A oposição apoiou, a situação malhou. "Cartilha do Diabo", afirmou o governador baiano. Houve forte contra-reação à sua reação. Afirmam que a cartilha é partidária.

Nosso material de educação política é um conjunto de três jogos: 1º, um jogo de 52 *slides*; 2º, onde é impossível usar *slides*, há um jogo de 12 cartazes com o mesmo conteúdo; 3º, a cartilha.

Só há referências aos partidos políticos no final da cartilha. Nós reconhecemos, o PDS é visto de modo cáustico. Mais cáustico, porém, é o que eles têm feito sobre as comunidades de base nessa região. A cartilha é o espelho dessa prática. E ainda não quisemos detalhar quais os métodos de perseguição aplicados pelo PDS. Ficamos nas generalizações. Os donos do poder não consideram essa perseguição em suas críticas. Não lhes interessa considerar a própria prática. Mas a nós interessa.

A cartilha tem corrido mais que as águas do S. Francisco. As conseqüências, veremos. Nosso medo é que a cartilha tome outros rumos e não seja discutida na base. Como preço da fama, toda Juazeiro amanheceu pichada dia 13, domingo: "Morte aos padres traidores", "fora a cartilha vermelha", "Cristo sim, Marx não", etc. Cheguei a Juazeiro bem na manhã da pichação. Nem com isso o povo se toca.

* * *

Caiu mesmo Golbery. Pena que com ele não tenha caído todo o sistema.

* * *

Pela primeira vez vi D. Rodrigues deixar transparecer uma ponta de desânimo. Enraizado no sofrimento do povo,

"E o pior é que está mesmo ressuscitando.

ele sofre a demora das mudanças. Mas seu maior sofrimento é ver gente da diocese resistir ao trabalho de efetiva organização dos pobres.

A malhação da Imprensa sobre a cartilha, ele resistiu. Nós armamos o carnaval e ele assumiu a ressaca das cinzas. Disse apenas assim: "Vocês viram o que arrumaram?" Não se referiu uma segunda vez aos acontecimentos e aceitou na pele todos os embates.

Tem homens que suportam perseguições terríveis. Recordo-me da morte de Herzog em S. Paulo, a reação da arquidiocese e a perseguição que moveram contra D. Paulo. Um dia foi falar pra gente no Instituto de Teologia. Nunca mais me esqueci dessa cena. Entrou e disse: "Vim falar pra vocês da vida que a gente tenta levar. Tem dias que é uma tristeza tão grande!" Seu rosto se contraiu e ele demonstrou realmente uma profunda amargura.

Outro dia ele apareceu na concentração dos indigentes de rua na sede da OAF. Em meio aos homens de rua, mendigos como eles, estava o Lourenço do Recife, aquele que apareceu nas TVs americanas, por ocasião da visita de Rosaline Carter. E os dois foram realmente admiráveis. D. Paulo chegou, cantou e rezou com o pessoal. Lourenço ficou olhando para ele como que encantado. D. Paulo foi-se sem saber que aquele indigente ali era Lourenço.

Depois estava conversando com Lourenço e perguntei sobre a perseguição a D. Hélder. Ele respondeu dizendo que os jornais locais já não o perseguiam tanto. E perguntou como era em relação a D. Paulo. Falei das perseguições contínuas de certas alas da Imprensa. Ele respondeu de modo desconcertante: "Muito bom. É preciso pessoas que nos façam oposição".

Hoje eu entendo que em qualquer trabalho é necessário oposição. Ela nos apura os olhos. Mas, obviamente, ele não se referia à perseguição cruel da qual D. Hélder foi a primeira vítima. Temendo pôr as mãos nele, mataram seus auxiliares. Para uma pessoa como ele, talvez o fato signifique matá-lo duas vezes.

Não sei se esses homens são santos ou não, mas são fundamentais na história de uma geração que vai nascendo. Provavelmente, também, uma nova página na História do país.

* * *

"Já estamos no túnel e não temos outra saída a não ser seguir em frente". (Ed)

Andei lendo a experiência de Leonardo Boff no Acre--Purus. Aquele impacto e entusiasmo de quem não conhece a exuberância das florestas ou a precariedade do sertão. Depois a gente se acostuma, inclusive com a miséria. Mas seria bom que ele levasse seus coleguinhos que acham desnecessária a ida até aos mais pobres. Estão precisando mesmo de um banho de povo. Se possível, que levasse junto o inquisidor da Sta. Sé.

* * *

Começou chover no sertão. A natureza transfigura-se em sua ressurreição descomunal. A maior transfiguração, porém, está no riso do nordestino. Ele ri à toa, assim como minha mãe gargalha de qualquer careta dos trapalhões. É que para ele mais um ano está garantido. O desespero voltará em novembro, quando começar olhar o céu e ver que a chuva ainda não veio. No eterno retorno da natureza, segue o eterno retorno da miséria e do desespero.

* * *

Recebi o LP e o livro *Cristificación del Universo*. É o material lançado no Brasil há quatro anos com o título "Hosana-hey" para o LP e *Cristificação do Universo* para a peça. Agora, foi lançado na Espanha.

Todo contexto de Brasil e Igreja mudou muito nesses últimos tempos. Eu também. (Assim eu acho, né!) Fiz esse trabalho em 75. Só foi gravado e editado em 78. Em 81 na Espanha. Obviamente não penso como há seis anos atrás. Naquela época eu cursava filosofia. Hoje vivo afundado nas caatingas. Foi todo um processo interno para mudar a "cabeça", o mundo social e entrar para a Igreja dos pobres. É por isso que fiquei feliz com o disco e a peça na Espanha, mas sem exageros. Meu mundo já é outro.

* * *

Não me arrependi de vir para o sertão. Ao contrário, cada vez mais firmo a convicção que joguei a carta certa. Amadureci muito nesses anos. Apesar das falhas inerentes e inevitáveis a qualquer ser humano, além das deficiências que deveria ter superado e não superei, tenho a ousadia de acreditar e afirmar que foi Deus quem me sacou do sul e me pôs no Nordeste. Recordo-me mais uma vez da afirmação daquele padre holandês: "Os lugares difíceis do Brasil, em trabalho de Igreja, ficam para os estrangeiros". Poderia incluir entre os estrangeiros a escória evangélica nacional. Já

que os bons permanecem em tarefas mais altas, para os marginalizados vamos nós, os imprestáveis. Mas o Cristo tinha mesmo uma preferenciazinha pelos mais esculhambados.

* * *

O sertão foi tecido pelo avesso. É precise conhecê-lo na acepção bíblica desse verbo, isto é, fazer experiência.

Mas nessa organização que começa há alegrias tão intensas que somente os conhecedores do sofrimento do povo são capazes de avaliá-las. São conquistas miúdas que se abrem para grandes esperanças. Há muita vida querendo explodir em meio a todo esse clima de morte.

Acho que já citei essa frase de Brecht, mas agora cito novamente: "Só tenho sentimentos quando sinto dor de cabeça, pois quando escrevo, então eu penso". Eu, que sou apenas um amador, escrevo melhor quanto estou com raiva. Ela tem sido freqüente.



O rosto do sertão.

* * *

Cada vez mais tenho dificuldade em falar com pessoas de barriga cheia sobre as necessidades dos pobres. O cara está com a barriga empastada de comida e bebida e acaba pensando que o mundo inteiro está farto de comer. Em outras palavras, acha que o mundo é sua barriga. Existe uma relação direta entre barriga e consciência. Para uma barriga cheia equivale uma consciência obtusa. Assim são nossos barrigudos donos do poder.

* * *

Assembléia da diocese. Houve avaliação sobre "Educação Política". Apenas Pilão e Campo Alegre fazendo um trabalho sistemático. A maioria com trabalhos soltos e com vendas avulsas da cartilha *Política: a luta de um povo*. Questionamos a seriedade do trabalho. Os conflitos a respeito desse assunto não afloraram. Depois houve planejamento por paróquia e parece que todos vão assumir seriamente o trabalho, isto é, sistematicamente.

Muito grande a procura do material por outras dioceses. Há muita procura dos *slides*, cartazes e uma infinidade de cartilhas. Em dois meses foram feitas duas tiragens de 15 mil exemplares. A primeira esgotou-se em um mês. A segunda vai mais devagar.

Outra observação é a resistência por muitas dioceses a um trabalho sistemático, mesmo com toda documentação elaborada pela CNBB sobre o tema, mesmo com a opção pelos pobres. Há um vácuo entre a opção verbal e a real. Essa me parece uma vantagem ímpar de D. Rodrigues: o que é assumido é para ser feito. Essa posição, obviamente, não nos isenta de falhas até grosseiras.

* * *

Fico observando a figura de nosso bispo. Como uma pessoa humana pode fazer uma transformação tão avassaladora no seu modo de ser e pensar! Quando entrei para o seminário ele já não era mais professor. Era um tipo conservador. Ficou bispo e veio para o Nordeste. Iniciou-se, então, essa transformação que o levou onde está hoje. Um homem de idéias claras e muito corajoso. O mesmo, de costas e de cara, com os adversários. Um homem que se arrisca e não gosta de fazer média com ninguém.

Não é perfeito e nem parece que tem essa pretensão. É um tipo nervoso. Mas quando à vontade, entre os amigos, solta-se. Para ele fica a observação que Tabosa e Corção fa-

ziam (com escárnio) a D. Hélder e que as comunidades do Acre-Purus fazem a D. Grechi e que consta no *Inferno Verde* de C. Boff: viaja muito. O povo gostaria de tê-lo mais perto fisicamente. Mas isso não diminui o mérito desse homem que dá absoluta liberdade ao seu clero e agentes de pastoral, desde que trabalhem, sem ambigüidade, pelos e com os pobres.

* * *

O forró é uma das evasões mais praticadas nesse sertão. A outra é a cachaça. Sempre achei que a festa e a cachaça são as únicas maneiras do sertanejo evadir-se de sua condição desumana por alguns momentos. Por isso, forró e cachaça existem em qualquer festa de casamento, batizado, padroeira, etc.

Outro dia eu estava numa festa de padroeira e fui ver o forró. Em plena duas da tarde. Era um cubículo fechado, derramando gente pelas janelas. Entrei e tentei ver por sobre as cabeças o que acontecia. O sanfoneiro, lá na frente, berrava feito um bode. Cantador de forró tem que cobrir na garganta a sanfona, o pandeiro, o triângulo e a zabumba. E cobre, bicho! Os cantadores de forró desenvolvem um potencial de voz medonho.

Pelo meio estavam os pares. As meninas saem dançando de duas. Vêm dois rapazes, separam as moças e cada um sai com uma. Estava um calor terrível, levantava uma poeira sufocante do chão, todo mundo suando de bica, mas o forró comendo solto. Aí é que foi. Uma menina bateu em meu braço e, toda tímida, me chamou prum xote. Me torci de todo jeito, mas não deu para recusar. Fui pro meio das cotoveladas e pisões no pé. Enquanto ela trocava o pé umas dez vezes num compasso, eu nem mexia o dedão. Olhei em volta e reparei que a galera estava tirando o maior sarro da minha cara. Me senti gaiato de tudo. Na hora me veio à memória um inglês que andou por aqui. Todo gringo, quis cair no forró. Enquanto as moças se reboavam por inteiro, ele mexia só o rabo. Pois eu me vi no cara. Ainda bem que quase todos eram de comunidade, eu me senti meio em casa. Dei graças a Deus quando o zabumbeiro lascou a última cacetada na zabumba. Saí de fino e me mandei.

* * *

A Socorro acabou de sair daqui. É uma amiga nossa, deficiente mental. Toda família dela é de nossa amizade. Mas ela é uma pessoa extremamente social. Gosta de estar no meio de todos, fala muito e todo mundo gosta dela. Quando

conhece uma pessoa nunca mais esquece. Se a gente lhe dá algum presente, vai lembrar-se do presente anos a fio. Mas quando fica brava manda você tomar no rabo de uma esquina a outra, em plena praça pública. E não escolhe pessoa. Essa não faz distinção de autoridade. Mas quando ela não vem fazer a visita cotidiana pra gente, todo mundo sente falta. Onde ela está é só risada. Quando vejo a Socorro confirmo para mim a tese que toda existência humana tem um significado e que os problemas da humanidade estão mesmo é nos lúcidos.

* * *

Achei emocionante. Parecia uma Atenas cabocla, uma Grécia de homens queimados, calejados, roupas velhas, mas com muito entusiasmo. Havia de 300 a 400 pessoas. Cada área, com base em quatro ou cinco núcleos, indicara seu candidato a vereador e a prefeito. Agora estavam todos reunidos e escolheram, por consenso, os candidatos a vice e a prefeito. No final, aplausos para ambos.

Eu me emocionei. A turma aqui de casa diz que sou excessivamente entusiasmado. Mas a gente que vive do trabalho e para o trabalho de base só pode ter alegrias brotadas do trabalho. Sartre dizia que a alegria de certos momentos é o absoluto. Para ele não havia um estado definitivo de felicidade. Nada de paraísos. Para ele a felicidade, por exemplo, era a conquista da Bastilha, onde o povo prorrompera pelas ruas em frenesi, mesmo que fosse uma alegria efêmera. Talvez dissesse o mesmo se visse a festa do socialismo de Mitterrand.

Aqui não temos quedas de Bastilhas ou salto para outros sistemas. Não chegamos aos degraus da civilização. Nossa alegria brota de fatos elementares, como o ver o povo saltar da consciência ingênua para uma consciência crítica, ver o povo nos rudimentos da organização sindical e política. Minha alegria foi ver aqueles homens da caatinga decidindo com a própria cabeça para onde andar com as próprias pernas, em atitudes extremamente democráticas.

Um velho e famoso economista brasileiro andou dizendo outro dia que o Brasil não comporta uma democracia além da inserida na Constituição de 67. Para ele a democracia está nos livros. Afirmou ainda que a democracia pressupõe um homem mais elevado em suas capacidades, o que o Brasil não tem. Eu só diria que a ditadura que se impôs no Brasil desde 64 não foi do povo, mas da elite. No poder do Brasil sempre estiveram as elites e a nossa História é uma sucessão de regimes autoritários. A decisão dos

caatingueiros é uma amostra do que seria a participação política do povo. Além do mais, democracia, como tudo na vida, aprende-se fazendo, não marginalizando sistematicamente o povo da política. Os fatos mostram que, inaptos para a democracia, sempre foram as classes dominantes, nas quais ele se insere. Para a alegria dos pobres, ele é um homem de cúpula, não das bases.

* * *

Vivo numa cidade onde o poder político é exercido em moldes pré-históricos. Ainda assim é grande faixa do Nordeste. O prefeito é desses analfabetos típicos, barriga grande, cujo fascínio do poder (quanto poder!) tornou-o um homem prepotente e cínico. Ele é capaz de negar água aos seus adversários políticos no sorriso de maior satisfação. Rodeia--se de dezenas de idiotas, bate-paus, manipulados para provocar e suportar as cacetadas dirigidas a ele.

O poder mais alto abençoa essas cretinices. Afinal, para eles, o Nordeste continua sendo apenas uma reserva de mão-de-obra barata e um balaio de eleitores encabrestados. Vivendo com esse povo pobre e oprimido nesse sub-mundo, não tenho razão alguma (tenho milhões ao contrário) para acreditar nos detentores do poder, na abertura e na democracia relativa. A partir deles, podem me botar no fogo do inferno, não virão mudanças. Creio na união dos pobres, assim como na presença de Deus no meio dos fracos, mas não nos detentores do poder. E tem hora que a raiva passa dos limites da consciência mesmo. Os analistas intelectualizados e desapaixonados que perdoem, mas aqui não é possível manter a fleugma. Esse privilégio fica para os homens que não são atingidos pelos acontecimentos.

* * *

Mais uma complicação para meu lado. Tive que andar várias vezes na rua e em todas elas veio provocação direta. Na terceira vez enchi o saco e fui conferir. Era uma roda de bate-paus. Batemos boca, eles calaram-se e fui-me embora.

Saí na rua outra vez com um amigo que estava nos visitando e queria beber uma cerveja. Nesse prazo já tinha chegado um irmão do cara anterior e já tinham envenenado sua cabeça. A um quarteirão de distância já veio agredindo. Tinha uma faca na mão. Nós não recuamos e fomos na sua direção. Ele não esperava por essa e amarelou. Mas continuou agredindo. Nesse espaço já tinham chegado seus parentes, inclusive um irmão dele que é muito amigo nosso. Quando

se viu cercado, ergueu a faca e ameaçou, eu acho que fingiu, esfaquear-nos. A turma do deixa-disso segurou-o. Hermano, o meu colega, respondeu algumas coisas. A coisa morreu por ali.

É a segunda vez que essas ameaças diretas me acontecem. Num momento mais tenso, pode acontecer. Eu não sinto tendência nenhuma para o martírio. Em todo caso, parece que há possibilidades. E também não sei como reagiria se ele partisse mesmo para cima. Essa atitude de preferir morrer que matar é bonito nos outros. Só na hora "h" daria pra saber se a gente quer mesmo essa beleza na própria pele. É isso que tornou admiráveis pessoas como Jesus, King, Gandhi e outros.

Na hora senti raiva, medo e, depois, dor de barriga. A questão é que nesse trabalho aqui a gente não envolve só as idéias, mas também a pele.

* * *

Parece que a seca vai mesmo imperar. Não choveu o suficiente para plantar e colher. Nem para "fazer água" (expressão do caatingueiro que designa o armazenamento de águas da chuva em açudes ou barreiros). As vacas já começaram a cair. Se o pico da seca, como prevê o CTA, for em 82, o Nordeste vai tornar-se uma pilha de esqueletos, inclusive humanos. Com isso enriquecem os vendedores de água, faturam os políticos e alegra-se Satanás. Aliás, é toda uma legião de demônios.

* * *

Sonhei que chovia muito e a lagoa de Campo Alegre estava cheia. Joaq sonhou com muita chuva e Lu com grandes plantações.

É semelhante ao fato da gente dormir com fome e sonhar com muita comida. Nosso consciente nos trai e é perfeitamente sádico.

* * *

É o típico bandoleiro que há anos rasga a caatinga a pé, a cavalo, de moto, carro, caminhão e, se precisar, de ponta-cabeça. Marca desobriga e chega dois dias depois. Um tipo assistencialista e populista, mas querido por grande parte do povo. Faz qualquer tipo de batizado e casamento e é contra a organização das CEBs.

Corre a história aqui no sertão que, certa vez, foi enganado por um caatingueiro e fez três vezes o casamento desse indivíduo no religioso com mulheres diferentes. Quando sou-

be de tal audácia, esperou pelo sujeito três dias nas caatingas de Pilão Arcado e lhe deu o maior cacete. Hoje mora no Piauí e volta para atazanar as comunidades e os padres de Pilão. Com toda simpatia, é o "cão".

* * *

Fecha-se 81. As revistas estampam as vendas dos *shoppings*, vendagens de discos, melhores filmes e outras coisas. As últimas *Veja* e *Isto é* do ano trazem nas capas o massacre polonês. Até alguns sertanejos do fundo das caatingas acompanhavam pelo rádio a luta dos trabalhadores poloneses.

Mais uma vez, porém, o país faz vistas cegas ao *seu homem* sofrido. Cada dia eu contemplo o rosto sombrio dos caatingueiros diante da seca que se alastra. As vacas continuam morrendo. Os açudes secam. Há *menos* comida para esse povo que já não come. Quem chora a Polônia deve lembrar-se que só no Nordeste há uma população de 30 milhões de pessoas, isto é, uma Polônia. Para nós, metidos nessa longa noite de miséria e mortes, vendo o homem do Nordeste esquecido pela crueldade do sistema e de seus detentores, só nos resta quedar impotentes frente à realidade da vida e, com os desolados, chorar os mortos. Cada dia mais, particularmente, caminho por um túnel onde não queria entrar: sinto ódio. Um ódio vago, sem objetivo eu configurações concretas.

Entramos em 82. Ano de secas, eleições e obscuridades. Para onde caminhará esse país? A gente só não se desespera porque vê os próprios nordestinos enfrentarem sua condição sem desespero. Talvez seja uma arte adquirida em 400 anos de convivência com a desgraça. Continuarão a precisar dessa arte, miseravelmente. E me recordo daquela passagem do Apocalipse: "Até quando, Senhor, demorarás para vingar o nosso sangue derramado?"

* * *

Ligar o rádio pela noite aqui no sertão é sintonizar com a torre de Babel. Ouve-se da rádio Vaticano à rádio de Moscou, sem falar da BBC. É mais uma Babel ideológica que lingüística.

Ontem, ouvindo a rádio de Moscou, uma notícia chamou-me a atenção. Falou da colaboração soviética com técnicos e tecnologia na construção da Barragem de Sobradinho. E ressaltou a importância da obra para o desenvolvimento econômico do país. Nenhuma referência aos 72 mil desalojados e nem ao desespero dos ribeirinhos a jusante da barra-

gem. Nenhuma diferença entre a posição soviética e a dos americanos.

Recordei-me de uma palestra que ouvi, onde o palestrista dizia que após a II Guerra, os EUA e URSS colocaram o mapa do mundo na mesa e o dividiram como se fosse uma propriedade particular. Essa decisão explica a não ingerência dos EUA na Polônia e a histeria americana com as revoluções cubana e nicaragüense. Nós somos sua propriedade, ou como dizem eles, o fundo de seu quintal.

Recordo-me ainda de uma palestra de Moltman, o teólogo da esperança, na faculdade Metodista de Rudge Ramos. Indagado sobre o sistema mais adequado para o homem ele respondeu: "O socialismo tem na trindade seu arquétipo, onde os três têm tudo em comum sem que cada um perca sua individualidade. Mas não se iludam com qualquer socialismo para substituir o capitalismo. É inútil exorcizar um demônio por outro".

O fiapo de luz em meio a toda essa escuridão é mesmo a sociedade que vai sendo gestada nas bases. Há de nascer desse ventre um sistema mais adequado a todos nós.

* * *

Tem chovido mais nesse começo de ano. Os roçados estão bons. O povo espera, porém, chuvas mais fortes para o armazenamento d'água. Se não armazenarem água para beber durante o ano, para o nordestino isso significa outro ano de seca.

O PT está bem organizado e cresce cada vez mais em Campo Alegre de Lourdes. Tem devassado vários currais da oligarquia rural. Na conscientização pelas CEBs, na canalização dessa politização pelo PT ou pelo PMDB, está a única possibilidade de libertação política do homem nordestino. É óbvio, nesse momento da história.

* * *

As dificuldades das CEBs em Campo Alegre aumentam. Esperávamos por isso nesse ano eleitoral. A velha oligarquia rural tem usado todo mecanismo possível para liquidá-las. Até as frentes de serviço contra a seca são armas manejadas com esse objetivo. Vereadores do PDS percorrem as comunidades e lançam seus desafios: "frente de serviço apenas quando abandonarem as comunidades". Entra em jogo a questão da sobrevivência. Algumas comunidades resistem,



Um jegue bebe.

outras impõem condições, outras desistem da vida comunitária.

O pior é a polarização radical que se criou entre PDS/prefeito/governo x PT/bispo/comunidade. Eu sempre me pergunto qual é a causa dessa polarização. Não acredito que seja tanto nossa identificação com o PT. Penso que a razão estaria mais no crescimento do poder de fogo das comunidades, na sua combatividade crescente, na agudização de sua criticidade. À medida que aumenta sua combatividade, são também mais combatidas. As mais frágeis esmorecem. Outras passam pelo crisol e resistem com uma solidez somente explicável à luz da fé.

* * *

Lu fez campanha em Baixão Novo, um dos lugares mais pobres do município. Comia apenas um ovo com farinha pela manhã, no almoço arroz-feijão puro, outra dose pela noite. Sem dúvida, o maior banquete que o pessoal poderia lhe oferecer.

As casas são precaríssimas. O local é isolado. Comunicam-se mais com o Piauí. O mais assustador, porém, é a quantidade de bicho barbeiro existente naquele lugar. As casas estão infestadas. A gente pede para ver um, eles entram no quarto e trazem um punhado no ato, e vão distinguindo pra pessoa os vários tipos existentes. Dizem eles que quando atacam uma ninhada de pintos, liquidam-na em pouco tempo. Disse Lu que os meninos tiravam os bonés da cabeça e lá estava o barbeiro. Ao matá-lo, era a mesma coisa que explodir uma bolha de sangue. É óbvio, na área todos estão picados. Os homens da SUCAM, porém, afirmam que os bichos não são contaminados. Consolo nada desprezível. Mas parece que eles recebem orientação para dizer sempre às vítimas que os bichos nunca estão contaminados.

Foi pela experiência nesse povoado que vi a desestruturação mais cabal de uma pessoa num único mês. Ele veio para a campanha educacional de janeiro com todo entusiasmo da opção pelos pobres. Tinha toda teologia da libertação na cabeça. Era tão seguro que logo impingiram no rapaz o apelido de Clodovis Boff. Foi parar no Baixão Novo. Choveu o mês todo e ele nem pôde receber visita. Durante um mês ele foi assediado pelos barbeiros e curtido por toda aquela vida. Dormia "com meias, calça amarrada na canela, touca, todo embrulhado num lençol e enfiado numa rede. No final do mês ele apareceu em casa de cabeça rapada e magro corno um mandacaru. Chegou, sentou-se num canto de nossa

mesa, colocou-me na outra e, numa catarse aristotélica, falou durante duas horas tudo que estava entalado na garganta. Nunca vi uma pessoa se desestruturar tão violentamente em tão curto tempo. Mas sem dúvida, ele aprendeu um pouco melhor o que significa opção pelos pobres⁶.

* * *

A seca continua alastrada pelo Nordeste. Nas caatingas de Juazeiro o gado continua morrendo. Enquanto isso, a Barragem de Sobradinho está cheia com as águas que vêm de Minas. Há uma vazão exacerbada da barragem, inundando quem mora a jusante da barragem.

* * *

Começa a festa da padroeira de Campo Alegre de Lourdes. Não é só a persistência do tradicional, mas da religião dominadora, alienada, com um caráter quase antievangélico. Muita gente de boa-fé, óbvio. O povo participa, sim. Os dominadores, sobretudo os políticos, é que fazem dela o pior momento do trabalho em nossa pastoral. Ao menos para mim.

* * *

Parece que nunca vai haver a paz que eu procurava. O que existe é situação mais, ou então, menos desumana. A vida, porém, é uma sucessão de desafios cada vez mais comprometedores. Como ponto final resta a morte, ou então, a ressurreição.

* * *

Estou na casa do Pedrão. Mora bem afundado nas caatingas. Carmina, a mulher, é muito doente. As três filhas casadas moram em casa. As três casaram-se o ano passado, no mesmo dia.

Admirável a consciência do Pedrão. É bonito vê-lo comandar uma massa de 3 mil trabalhadores com um microfone na mão. Tem uma facilidade de comunicação, uma agilidade de consciência, uma capacidade de metáforas meio rara.

No dia-a-dia é um trabalhador comum. Roceiro, pele queimada de sol, mãos calejadas, um puxador de enxada terrível. Esse pessoal do sertão, quando fica imune a toda desgraça da subnutrição e doenças tropicais, é barra pesada. Estive com ele e o pessoal do Baixão dos Bois arrancando

¹⁶ Esse rapaz ficou bastante amigo nosso. Mas a experiência dele é mais ou menos a mesma de todos que se embrenham nessa região sem antes nunca tê-la visto. É só ver **Os porões da humanidade**, de Mesters.

lama de um barreiro durante duas tardes. Entreguei os pontos.

* * *

Ontem à noite, os trabalhadores fizeram reunião no Baixão dos Bois para planejar o trabalho sindical. As eleições se avizinham. Tentei acompanhar o Pedrão de bicicleta, de noite, no escuro, pelos carreiros. Cacete, o cara parece um gato! Eu ia sem enxergar nada, só no faro. Por milagre, cheguei inteiro.

* * *

Chegam as notícias da cidade. É incrível como funciona o telefone da caatinga. Sai um acontecimento hoje e amanhã todo mundo está sabendo. Mas os fatos saem mais distorcidos que as manipulações da Imprensa. Em todo caso, voltam as notícias do "pegar", "bater", "correu de medo" etc...

Os trabalhadores fizeram uma reunião para administração sindical. Uma espécie de planejamento de trabalho caso vençam as eleições. Saíram boas idéias. O plano ficou bom.

* * *

Nova reunião de planejamento dos trabalhadores, agora para a administração do PT. Muito encarnado, em cima das necessidades, nenhuma ilusão.

* * *

Engraçado, ontem, quando os trabalhadores comentavam a implantação da biomassa como fonte de energia. Pedrão olhou com um ar de malícia e arrematou: "Se merda virou riqueza, pobre vai nascer sem cu". (Aqui não existe vocabulário científico).

Tem ameaçado chuva, mas não cai. Que Deus, por amor aos pobres e infelizes, faça chover mais esse ano, até que o povo brasileiro crie vergonha na cara e construa o necessário para o nordestino conviver com a seca.

* * *

Nosso grupo está fazendo um passeio comunitário. Há quase dois anos Joaq não ia além de Juazeiro. Estamos no litoral. O contraste é tão violento que qualquer coisa parece luxo e a gente se sente meio gaiato.

O impressionante é a imensa monocultura da cana do litoral nordestino. Aflora na cabeça da gente os engenhos, a escravidão negra, as greves dos assalariados da cana, as

ligas camponesas, etc... Essa terra parece liquidada pela monocultura.

* * *

Por um acaso li três livros de tipo "depoimento" esses dias. O primeiro foi *Lula sem censura*. Sempre aquela lucidez e segurança de posição. É interessante notar que ele também caminhou para chegar ao pensamento, à práxis que hoje tem. Não é um monstro que brotou nas fábricas do ABC de modo estúpido e repentino.

O segundo foi *Essa terra é nossa*, depoimento de Manoel da Conceição. Tipo de cara que leva na pele a marca da luta, da tortura, da paixão pelos companheiros. Impossível ler seu depoimento sem ligar os pontos com as lutas do sertão de hoje, no Norte ou Nordeste. O mais interessante, porém, é a sequência de torturas por que passou no Rio. E mais uma prova que satanás existe e se encarna na pele de homens satânicos como os torturadores e, sobretudo, nos mentores da tortura, naqueles que a organizam para, com ela, defender seus interesses. Em todo caso, é mais útil ficar com o testemunho de Manoel na cabeça do que com a imagem de seus torturadores.

O terceiro é *D. Hélder*, depoimento prestado a um jornalista. É o próprio D. Hélder narrando sua caminhada pela vida. Para mim ele é o exemplo, justamente porque não é o exemplo do homem acabado, perfeito, o santo que nunca errou. Ao contrário, é aquele que reconhece seus erros e luta permanentemente para superá-los. E sempre um homem em caminhada. Essa é a essência de seu exemplo: buscar a vida na caminhada, não estacionando em erros nem em acertos.

* * *

Quem chega à nossa casa e nos vê deixar livros e trabalhos do lado para conversar horas com uma pessoa, não se admire. Nem pense que não temos o que fazer. É que antes de coisas e idéias, nossa opção de trabalho é pelas pessoas e, de preferência, os pobres.

* * *

Caiu pouca chuva. O pessoal das Flores passou aqui dizendo que há pessoas passando fome naquela comunidade. As crianças choram e os pais não têm o que lhes dar.

Começou a migração. Paulo da Nova Vista passou para Brasília. Se não der certo vai para S. Paulo. O filho mais velho já está para o Sul. O segundo ficou em casa para buscar água e cuidar da família.

A situação é extremamente triste. É cruel ver essas pessoas passando fome e sede e nada poder fazer. O mais cruel, porém, é ver políticos usarem da fome do povo para ganhar voto. É ano de eleição e, mais uma vez, a miséria é a grande aliada *do governo*.

* * *

Estamos engrenando os trabalhos para esse ano que começa. Reunião de planejamento com as comunidades. Opinarão bastante e decidiram. Batizado, agora, apenas dentro das comunidades. Não é o sacramento da iniciação cristã? Crisma e casamento para quem estiver vivendo comunitariamente. Continuam a educação política e sindical. Continuam os projetos comunitários, as reivindicações e pressões junto aos órgãos responsáveis. Permanecem como desafio a catequese infantil e uma maior proximidade com a juventude e sua problemática particular. Somando-se com as minúcias práticas é muita manga para esse pano.

* * *

Amanheceu com a chuva mais pesada e prolongada do ano. Começou às 6h da manhã. No ato recordei-me que era 19 de março, dia de S. José. Ainda meio dormindo, aflorou--me na cabeça o verso belo e cruel cantado por Luís Gonzaga, mas que pertence a Patativa do Assaré: "Apela pra março que é o mês preferido do santo querido, senhor S. José". Na noite anterior haviam aberto sete flores no mandacaru que está na porta de nossa casa. O povo sabe ler a natureza.

A chuva foi uma compensação para a frustração do povo que tenta organizar-se em sindicato e partidos, mas que é boicotado por manobras dos opressores e seus aliados. O juiz da Comarca recusou-se a delegar uma pessoa para fazer os títulos de eleitores da oposição. O delegado oficial é do PDS e se recusa a elaborar o documento das pessoas que pertencem à oposição. O próprio povo teme fazer com ele, já que o costume é o de não receber, mas de ficar preso nas mãos dos cabos eleitorais para que eles votem com esse título na época da eleição. Há pessoas que já se inscreveram quatro vezes e até hoje não receberam um título. É evidente que estão votando quatro vezes por ela. E são esses fatos que revoltam. Mas será que o povo que sabe ler a natureza não saberá ler os sinais evangélicos desses tempos de libertação? ¹⁷

¹⁷ Posteriormente, por pressão, todos os partidos confeccionaram títulos.

* * *

Nosso vizinho chamou a La para fotografar um mandacaru fora da cidade. Fui com eles, apesar de não ter muito entusiasmo por flor de mandacaru. Mas o que vimos era de entusiasmar. Mais de duzentas flores brancas abertas na noite. La adora, fotografou duas vezes aquele imenso buquê.

Mas a flor do mandacaru tem realmente certas peculiaridades. Ela se abre uma única vez e apenas durante a noite. Pela manhã fecha-se, depois morre e cai. Até agora, nenhuma flor de mandacaru abriu-se nas noites de nossa casa sem que chovesse. Além da beleza e da rápida durabilidade é realmente um sinal da natureza. É um barômetro natural. A sua curta durabilidade me recorda o macho da viúva-negra, que ama uma única vez e é morto pela amante no ato do amor.

* * *

Vi uma observação ferina de Paulo Freire sobre a dualidade entre nosso discurso avançado e nossa prática autoritária. No trabalho de base, não é fácil ser coerente. Em todo caso, não é bom postar-se falsamente como perfeito e, apesar de espinhoso, é necessário rever-se continuamente.

* * *

Lá passou pelas comunidades despedindo-se. Andamos por todo município. A maioria do povo está um pouco mais contente. Quase todos comendo feijão verde e tendo um resto d'água armazenado nos barreiros. Mas a seca não está superada e, se não chover mais, em julho faltará água e comida para todos. Mais do que já falta.

No Angico a mamona soltava estalidos secos sob o sol. Ontem almoçamos na casa de Valdemar e Lourdes, no Besouro. Chegamos de repente. Comemos feijão verde com farinha. Com nossa chegada, ela fritou dois papagaios que ele matara na caçada. Obviamente eles têm comido apenas feijão e milho-verde, enquanto houver. Raros dias carne de caça.

Na Lagoa dos Duartes o pessoal do Pedro fazia farinha. Encostei-me um pouco para ver. A mulher dele foi sem rodeios: "Aqui nesse lugar tá todo mundo passando fome. Nem uma nica pra compra óleo e sal. O negócio é fazer uma farinha". Saí dali e sentei-me na calçada onde o pessoal olhava umas fotos que a Lá tirara na campanha. Não sei se estou criando casca dura, mas não me doeu o comentário da mulher sobre a fome.

Chegamos na Jiquitaia. Mesma situação. Muita gente passando com sacas de feijão verde nas costas. Falaram das

frentes de serviço armadas pela SUDENE, agora controladas pelo Estado. Não cai uma agulha em Campo Alegre sem passar pela prefeitura. Eles manuseiam as verbas das frentes para chantagem política. Só é aceito para trabalhar quem não pertence às comunidades ou ao PT. Enfim, exigem um atestado de ateísmo, ou anticatolicismo, e fidelidade ao PDS. E seu objetivo é preservar essa miséria do povo para expoliá-lo com mais facilidade.

* * *

A opressão política torna-se mais intensa. São fatos do cotidiano que vão se acumulando. Aconteceu no Jenipapinho. A mulher de um rapaz integrado na comunidade teve hemorragias antes do parto. Ele deslocou-se para a cidade e procurou pelo posto de saúde. O médico não estava. O outro médico da cidade não quis atender por ter rixas com o primeiro. O rapaz foi obrigado procurar um carro para ir até Remanso. O preço era excessivo para seu bolso. Procurou, então (como sempre), um político do PDS. Ele foi categórico (como sempre): "Você não, pois pertence à comunidade e é do PT. Só se deixar esse comunismo".

Na pressão das circunstâncias ele cedeu e deu uma garantia: proclamar publicamente que renunciava à comunidade e ao PT e que iria militar (caramba, que termo!) contra ambos. Assim o rapaz se comprometeu e, agora, resta saber se cumprirá o contrato.

Para mim há muito ruiu o ateísmo militante apenas nos países comunistas. No capitalismo, selvagem como o nosso, a perseguição religiosa tornou-se mais crua. O horizonte de nossa História é de agruras.

* * *

Ele "buliu" com ela. Ele casado, pai de oito filhos. Ela moça de dezoito anos. Em consequência, não podia casar-se com ela. O pai exigiu, então, o "dote" de 100 mil cruzeiros. Ele garantiu apenas oitenta. O pai chamou o delegado. O "dote" foi acertado em cinquenta mil. Uma vaca no valor de 30 mil, um porco no valor de 2 mil, duas bolas de arame farpado valendo 8 mil e 10 mil em dinheiro. A honra da família estava lavada. Além da honra, o fato é que a família faturou 50 mil em época de seca e carestia. Bom negócio rendeu a filha. As pessoas da área dizem que agora, pago o "dote", ele pode "usar" a moça.



Agentes pastorais reunidos.

* * *

Reunião da CPT diocesana. Voltam os mesmos problemas, apenas que em fase avançada. Na Barragem de Sobradinho os peões estão desempregados. As obras estão encerradas. Falam de sua fome com um desespero que sai nos poros. Formaram uma associação dos moradores de S. Joaquim e partiram para reivindicações. Conseguiram uma frente de serviço e o projeto de irrigação pela perenização do riacho Tatauí. Caso consigam, será grande vitória.

Mas o trabalho que estoura a pupila dos olhos será o atendimento dos "beradeiros" (ribeirinhos) a jusante da barragem. Numa extensão de 200 km os beradeiros não conseguem conviver com as águas da barragem. Não resta alternativa a não ser sacar água do rio e irrigar a caatinga. É um desafio monstro.

A situação revela-se avançada também na organização sindical (chapas de oposição) e na organização de partidos políticos de oposição. Enfim, há um sinal nesse sertão de que as coisas podem mudar e estão mudando.

* * *

Reunião do sub-regional Nordeste VI. Avaliação do ano e conversa sobre outros assuntos. O mais interessante foi o

relato de D. Jairo sobre a situação concreta de Jacobina. É a mesma situação de toda área. 400 anos de sertão em total passividade do povo, salvo raras exceções. Agora os homens reagem um pouco e os homens do poder entram em histeria. Os coronéis trocaram as botas e cavalos por terno e gravata, mas o espírito está conservado. O povo continua se organizando, mas a reação dos coronéis continua ridícula e violenta.

* * *

Besouro. Apenas algumas casas e um pessoal conhecido. O casal tem sete filhos. Todos aparentando muita saúde, o que é raro. Mas é tudo muito pobre. A alegria, porém, é constante.

Pela tarde passou uma "paulista" de retorno a S. Paulo. É irmã da mulher da casa. Entre feijão verde, bolo e outros objetos, levava quatro bodes secos. Eram quatro sacos com os bodes bem empacotados. Em S. Paulo vão ser traçados com beiju e cachaça.

À noite nos reunimos na porta da casa, mas não houve reunião. O pessoal começou a perguntar outros assuntos que ouvem no rádio: ilhas Malvinas, América Central, inflação, política, sindicato, etc. Curiosidade arretada!

Enquanto escrevo essas linhas o rádio está a 100 decibéis na Nacional de Brasília. Rodou aquela propaganda do governo: "em 64 o povo brasileiro escolheu um novo caminho... mais saúde, TV, geladeiras, etc..." Fiquei 'curiando' a reação do pessoal. A mulher continuou fazendo café em cima de três pedras, as meninas falando, os rapazes consertando bicicleta. A pobreza em que vivem desmascara toda mentira do rádio. O problema deles é a seca e a água que termina em julho. A mentira que se dane.

* * *

Nova festa de Malhada. É uma autêntica comunidade de base. Nos momentos de reuniões e encontros é raro encontrar um gato na calçada.

O curioso nesse lugar é sua evolução. Há anos é uma comunidade fielmente unida pela palavra. Mas sempre foi dependente politicamente do prefeito, PDS. Acontece que as três professoras do local foram despedidas por participarem de uma greve. Não estavam sequer exigindo melhores salários, mas apenas querendo saber o quanto iriam ganhar no ano. O prefeito, uma dessas centenas de "somozinhas" espalhadas pelo Nordeste, preferiu cortar as três, que anunciar-

-lhes o salário mensal. A reação foi imediata. Toda comunidade reunida solidarizou-se com as moças. O prefeito ficou a sós e hoje Malhada é um dos maiores núcleos partidários do PT em Campo Alegre de Lourdes.



1º de Maio em Remanso.

Houve 1º de Maio em Campo Alegre. Todos os anos a participação costuma ser das melhores. Esse ano foi bastante prejudicada pela divisão com a festa de Malhada. Mas a divisão foi causada pela "Unidade Sindical". Apenas um dia antes baixou em Campo Alegre um de seus representantes. Passou por cima de toda organização dos trabalhadores e marcou a comemoração para o dia 1º de Maio, quando aqui costuma ser em outra data. É evidente que, sem preparação, e dividida pela festa de Malhada, a comemoração só poderia esvaziar-se.

Esse tipo de oportunismo dá revolta em quem trabalha na base. São os eternos vanguardistas que subestimam e manipulam o povo. O que eles sabem de Campo Alegre de Lourdes? Em todo caso, a região vizinha da cidade compareceu e não permitiu o fiasco. Apesar dos oportunismos, o povo continua mobilizado.

* * *

Fui colocar Pe. Gui no Feijão, município de Pilão Arcado. Distâncias inimagináveis para a cabeça de um alemão como ele. De ponta a ponta de Pilão a distância atinge 240 km. Andando de carro, a cavalo, esses alemães fazem um trabalho medonho.

De lá fomos para Angico. O "Doto" de Malhada, o Isaías, foi junto. Na Cacimba Velha e no Angico ele conversou sobre as eleições sindicais do próximo 5 de julho e sobre o PT. Agora o PT está travando uma luta surda com o PMDB. Sem bases eleitorais no município, o PMDB quer cooptar o PT. Sem dúvida seria vitória garantida. Por isso, alguns do PT vacilam. Mas alguns já deram prova de uma maturidade política pouco comum no comum do brasileiro: "Nós começamos e vamos continuar em nossas pernas. Se não ganhamos nessa, fica para a próxima".

* * *

Venta muito no sertão. Parecem os ventos que sopram à beira-mar. A lua nasceu cedo e imensa, flutuando como um pêssego maduro no céu. Não vai mais chover. A Via-Láctea brilha com sua monumental constelação.

Por outro lado, na face da terra, as folhas da caatinga começaram a secar. A água dos barreiros dura, no máximo, até agosto. Depois a sede se unirá com a fome dos homens. As juncadas de ossos povoarão o sertão. Até setembro, quan-

do os olhos do nordestino se voltarão novamente para o céu à espera dos milagres da chuva.

* * *

Encontro de três dias com os agentes de pastoral da área de Sta. Úrsula. 88 agentes de pastoral representando um total de 27 comunidades. Os temas eram catequese, batismo, crisma e casamento. No fundo era uma preparação para os agentes prepararem suas comunidades para os sacramentos e a catequese. Tudo muito fraterno e gostoso.

* * *

Continua a caminhada do povo para maior organização política. A nossa tarefa de conscientizar politicamente o povo é como desbravar o sertão uma segunda vez. Ádua e bonita é nossa tarefa¹⁸.

* * *

A reunião da CPT Nordeste III foi falha, mas boa. Era para se discutir as correntes sindicais e a política partidária. Elementos do PT e da ANAMPOS não compareceram. Apresentou-se o PMDB e, através de adeptos ali presentes, a UNIDADE SINDICAL. Óbvio que venderam seu peixe e não houve aprofundamento.

As divergências da CPT Juazeiro e Pólo Sindical de Juazeiro foram espocar em Itaparica. Nós apresentamos nossas dificuldades na área, inclusive com eles; eles estavam presentes e se doeram. O pau-quebrou.

O encontro foi rico pela presença de 16 dioceses e pela reflexão nos grupos.

O mais incrível é que dentro de Salvador ou mesmo no sul da Bahia, ninguém consegue imaginar o que é "seca". Nem se fala, não é problema. Enquanto isso, ao terminar o encontro, nós que somos do sertão, voltaremos para o meio da seca, da fome e da sede. Pior é o povo que nela tem que sobreviver permanentemente.

* * *

Quando conheci o Nordeste fiquei impressionado com sua miséria. Voltei para S. Paulo, mas naquele ano as imagens da miséria não me saíram da cabeça. Foi então que criei em mim uma grande ilusão. Eu imaginava que todos os que conhecessem o Nordeste se sensibilizariam com esse sofri-

¹⁸ Que nada. Nessa educação política iríamos aprender com o povo tanto quanto ensinávamos.

mento. Pura ingenuidade. Essa miséria é muito bem conhecida tão detalhadamente que é manipulada como fonte de voto e de sustentação do sistema.

Iludi-me ainda ao pensar que anunciando e denunciando o caos aqui reinante, haveria sensibilização em regiões e pessoas que nunca pisaram o sertão. Nova ingenuidade. Quem está instalado numa poltrona com cerveja gelada e geladeira cheia não pode entender o que significa seca e fome. Assim, a única esperança que resta é o próprio homem do sertão. Que ele tome sua história nas mãos e conquiste o espaço que lhe é próprio. Não há outra saída.

* * *

Saiu a lista de votantes do sindicato. Absurdo! Enquanto o livro de registro indica 900 associados, a lista contém 1.235. Os trabalhadores bateram o olho na lista e quase não reconheceram os nomes. Nesses seis meses que antecedem as eleições, quando a lei proíbe novas filiações que possam votar, eles associaram cerca de 400 pessoas com data anterior à real. Foram associar pessoas em Pilão Arcado. Todos os grandes comerciantes da cidade estão na lista. Para maior absurdo constam o carcereiro, o tesoureiro da prefeitura e, o cúmulo, o próprio vice-prefeito.

Há uma revolta generalizada nos trabalhadores. Estão dispostos a virar a mesa. Essa é a lógica da violência. Um povo sistematicamente impedido de conquistar seus direitos por vias legais, parte para o uso da violência. Agora resta esperar sábado quando explodirá o barril.

* * *

Véspera da eleição sindical. Fui dormir com raiva, causada pela sacanagem impune dos mandarins da cidade. A raiva me paralisa e hoje não consegui realizar nada de útil. Fiquei andando de um lado para o outro. É preciso colocar a cabeça no lugar e tentar o possível. Hoje os compadres chegarão para planejar a luta de amanhã. É preciso guardar um mínimo de lucidez.

* * *

(Eleição sindical)

Um pouco dos absurdos do sertão e, neles, a organização crescente dos espoliados. Em cima da eleição sindical.

Os trabalhadores chegaram na sexta de noite. Fizeram uma reunião e organizaram os pontos concretos da luta. Dormiram pouco. Pela madrugada, saíram nas ruas pregando panfletos nos muros. Denunciaram os comerciantes, os ele-

mentes de Pilão, Remanso e Piauí. Sabiam que viria um pelego sindical de fora para dirigir a eleição. Sabiam que ele é o organizador da corrupção sindical em toda área. Foi ele que ensinou toda sacanagem necessária para o atual presidente recuperar fôlego e torças para enfrentar a chapa surpresa dos trabalhadores. Assim, a atual diretoria filiou elementos no prazo esgotado, quitou gratuitamente as contas de associados afastados do sindicato há muito anos, enfiou gatos e lebres na lista de votantes.

Por sua vez, os trabalhadores descobriam que o sindicato tem apenas 900 associados inscritos no livro de registro, apesar de ter um fichário com mais de 3 mil sócios. A lista saiu com 1.235 votantes.

Às 5h da manhã a chapa-2 tomou a porta do sindicato. Pelas 7:30h da manhã chegou o pelego de fora arrancando as propagandas da chapa-2 e gritando alto com o povo. Foi o primeiro transe. Um grupo de trabalhadores se reuniu e prensou o homem: "Hoje quem canta alto no terreiro é o galo da casa. Sabemos que você é pelego e nosso inimigo. Abre o olho".

Ele se assustou. Chamou delicadamente o presidente da chapa-2 ao lado e expôs seus temores de violência. A eleição nem havia começado. A resposta foi firme: "Se houver justiça, não haverá violência".

8h começou a eleição. Os trabalhadores encamparam a luta e a batalha de boca de urna foi violenta. Nunca os mandarins da cidade tinham visto o povo pobre tão bem organizado. Alguns comandavam a fila e outros fiscalizavam os adversários. Era preciso encarar a corrupção.

Até ao meio-dia os pelegos se perderam diante da organização do povo. Pela tarde a situação equilibrou-se. Animaram-se. Na boca da noite chegaram os comerciantes da rua. Aproximaram-se para votar. Havia terminado a feira. Os trabalhadores pressionaram alguns comerciantes. Um velhinho que sofre do coração voltou sem votar. Tinha medo de morrer de raiva. O vice-prefeito e o tesoureiro da prefeitura nem se aproximaram. A vaia mais solene ficou para o tabelião: "Vai ter casamento?" A galera delirou. O homem entrou, votou e saiu. Na saída o mesmo coro: "Agora você vai ter que pegar na enxada". Novo delírio.

Mas na boca da urna os trabalhadores cansaram-se da luta. Os zombadores, então, tomaram conta da zona. Falaram alto, gritaram, escarneceram do povo. Lembrei-me dos humilhados de Javé, dos seus ofendidos, daqueles aos quais se dói até aos ossos.

Mas o povo manteve alto seu moral. Haviam lutado com honestidade, enquanto a atual diretoria quitava pessoas inscritas na lista na última hora. Não tiveram sequer o pudor de distribuir os recibos ocultamente. Foi em público, para que todos vissem e se admirassem de sua corrupção impune.

A votação terminou às duas da manhã. No final só havia um grupo reduzido de trabalhadores. Os mandarins tinham ido dormir cedo. As urnas foram para a delegacia de polícia e ali permanecerão até o momento em que a DRT designar o promotor de Remanso para fazer a apuração.

Os trabalhadores se revezam na porta da cadeia. Não - confiam absolutamente em mais ninguém. Dois de dia e dois pela noite. Dormem na calçada, no relento frio do sertão. É um povo sem defesa, onde a única defesa reside em si mesmo.

Os trabalhadores, em sua maioria, acham que perderam para a corrupção, mas que a chapa-1 não fez a quantidade de votos suficiente para vencer. Outros acham que a chapa-2 não fez o necessário para vencer, mas é vitoriosa nessa parcial. Resta a abertura das urnas.

Algumas lições particulares que tirei dessa eleição:

- Muito boa a organização dos trabalhadores. Mais malícia, consciência mais clara, cada vez mais dotados de coragem. Não mais uma consciência individual, mas orgânica, que tem objetivos concretos e táticas para alcançá-los.

- A surpresa dos opressores, apesar de farisaicamente despistada. Até ao meio-dia corriam apavorados aos seus armazéns, temendo a derrota. Recuperaram-se pela tarde, mas se tivessem olhos que vissem, perceberiam como o povo se organiza progressivamente, aprendendo na luta de cada passo e no passo de cada luta.

- Realmente quebrei minha ingenuidade aos poucos. Eu tinha certos laivos de fé na justiça e nas leis. Só nos fatos concretos me convenço de que não existe lei para quem detém o poder. Existe apenas para os adversários. E essa eleição mostrou a corrupção que perpassa a legislação sindical.

- O grande auxílio dos companheiros de Petrolândia. Batalharam com os trabalhadores com o mesmo entusiasmo de quem se sente em casa.

- Um dos companheiros de Petrolândia jejuou o dia inteiro em intenção da causa. Atitude emocionante. Nessa luta não pede haver um sinal mais evangélico.

- A luta continua.

* * *

Nada de abertura das urnas. Os trabalhadores permanecem em revezamento constante, apesar de mais tímidos, na porta da cadeia.

A cidade silenciou. Como disse D. Joana: "Está mais quieta que água no pote". Na verdade estão com medo de abrir as urnas. Acostumados a ludibriar o povo, temem que, dessa vez, foram pelo povo ludibriados. Pagaram caminhão, comida e gasolina para trabalhadores da chapa-2 que eles imaginavam ser da 1. Agora estão envergonhados e com medo de abrir as urnas. Eles estão com essa abóbora atravessada na garganta. Não seria a derrota apenas dos mandarins, mas de toda uma política baseada no clientelismo e na corrupção. Enfim, seria um sinal real de consciência política depois de uma cegueira secular.

* * *

O pessoal acaba de sair com rede, colchão, esteiras, cobertores e outros apetrechos. Foram passar a noite na porta da delegacia. As urnas já começaram andar e os trabalhadores estão cismados. Saíram da cela e foram para o quarto onde os policiais dormem. Pode ser jogada. Por isso, hoje, os trabalhadores irão dormir na calçada da cadeia onde está a janela deste quarto. Qualquer barulho de papel, sinal de luz, rec-rec de serra, será sinal que as urnas estão sendo violadas.

Mais uma noite de muito vento no sertão. Venta frio. Escrevo à luz de velas. Isaías e Hermenegildo já partiram com esteiras, colchões e cobertores. Mais uma vez irão dormir ao relento frio deste mês de junho. Dá pena do povo. Por outro lado, não há saída. Começaram uma batalha e já perceberam que é uma guerra. Mas como dizem eles: "Isso não é nada. Já estamos acostumados a sofrer".

* * *

Joaq e Rub foram para Remanso. Reunião da CPT diocesana. Fiquei para acompanhar os trabalhadores. Há um rumor na cidade que o promotor de Remanso chega hoje *ou* amanhã para a abertura das urnas. O atual presidente se recusa a dar qualquer informação para a chapa-2, apesar

destes saberem que a autorização da apuração já está no sindicato de Juazeiro.

Hoje jogaram Brasil e Rússia. Abertura da copa do mundo. O Brasil inteiro está diante da TV, menos os marginalizados da vida nacional, como nós aqui. Vibramos com os gols de Sócrates e Éder pelo rádio de pilha.

* * *

Finalmente, abertura das urnas sindicais. Dezesete dias depois das eleições. Após tanto tempo de engodo os trabalhadores, exercendo pressão, conseguiram trazer o promotor. Ele recebera o ofício para vir no dia 21, dia em que se esgotava o prazo para a chapa-2 entrar com recurso para impugnação das eleições. Os trabalhadores conseguiram trazer o promotor três dias antes. O presidente do sindicato não acreditou no que viu. Correu apavorado buscando apoio de amigos da cidade. Os trabalhadores estavam de pé em frente à delegacia de polícia, aguardando sua chegada. Tiraram o maior sarro de sua cara. Tomaram as urnas e foram para a sede do sindicato. Naquele momento jogavam Brasil e Escócia.

Começou a apuração. Foi um banho de gelo nos trabalhadores. Voto por voto a chapa-1 disparou na frente. A apuração é pública. Eu estava acompanhando. O semblante dos compadres estava arrasado. As previsões em relação à lista dos votantes se confirmavam. Os caminhões de Pilão Arcado, os comerciantes e fazendeiros da cidade, as associações sindicais ilegais, o compadrismo, o curralismo do PDS, tornaram desigual uma luta feita pela chapa-2 em cima da consciência e da honestidade. Aliás, o PDS investiu todo seu cacife na chapa-1 já que o presidente do sindicato já foi prefeito e é tio do atual prefeito.

A primeira urna foi 234 versus 105 votos para a chapa-1. Veio a segunda com 590 votos. A situação não se inverteu: 375 versus 208.

Contados os votos, parecia um velório. Por incrível que pareça, só os trabalhadores estavam um pouco animados. É que a chapa-1, com todos os gastos e corrupção não conseguira a maioria absoluta. Eles haviam planejado 500 votos na frente e tiveram apenas 290. Saíram todos de cabeça baixa. Não havia um trabalhador rural acompanhando o presidente da chapa-1. Estavam os comerciantes e os políticos do PDS. A realidade é que tentaram repetir o esquema político de compra de voto, mas ele falhara, ao menos parcialmente. É a primeira vez que o fato acontece.

Os trabalhadores não saíram contentes. Acreditavam que mais trabalhadores tinham aceito os subornos sem comprometer a consciência e o voto. Tinham inclusive, incentivado muitos companheiros a se quitarem, fingir que tinham se vendido e gratuitamente. Mas esperavam cerca de 400 votos e tiveram 313.

Saíram da apuração, reuniram-se, fizeram uma avaliação. Ficaram animados. Foram lendo as vitórias que existiam além do resultado final das urnas.

- A corrupção tinha sido derrotada parcialmente.
- Conseguiram organizar uma chapa de oposição, que, pela legislação sindical, é um bicho-de-sete-cabeças. Ela é inacessível ao trabalhador.
- Desgastaram a chapa-1 que terá novos gastos e não sabe se ganha.
- Agiram com honestidade diante de toda corrupção.
- Enfim, os mandarins sabem que existe uma nova força organizada. Já não reinam sobre os trabalhadores como um vaqueiro sobre seu rebanho.
- A luta organizada, para os trabalhadores, foi a maior vitória.

Agora resta uma segunda eleição. O desgaste será terrível para ambas as partes, com a desvantagem psicológica dos trabalhadores diante do resultado final. Mas o sertanejo tem mesmo fibra e brio incomuns. De tanto apanhar, os mais conscientes parecem que criam casca dura na consciência e na resistência. Um ou outro mais arrasado, a maioria de cabeça em pé.

Enquanto a minoria sofrida e marginalizada do sertão passava por essas agruras, milhões de brasileiros festejavam a vitória do Brasil sobre a Escócia por 4x1. Assim é nosso país.

* * *

Estou em Calumbi. Acabei de tomar um café tipicamente sertanejo em época de vida amena: beiju, café, ovo cozido, carne de panela. É um almoço. A gente come que come e o pessoal acha que o visitante não está gostando.

Nesse momento que estou escrevendo, olho o céu azul, o sol torrando, a caatinga seca, as galinhas de angola cantando, porcos grunhindo, a casa de farinha preparada para a farinhada de amanhã, quatro rolos de fumo secando ao sol, duas moças belíssimas mexendo nas panelas. Imagino essas meninas com o trato da juventude que frequenta a

avenida Paulista nos sábados à tarde. A beleza delas não deveria nada à beleza das meninas da classe média paulistana. Mas com essa vida!

Daqui a pouco vai haver batizados e casamentos. Passei uns dias por aqui conversando com o povo. Não há comunidade, mas não são hostis à Igreja. Além de tudo, batizar menino é sagrado mesmo para os maiores perseguidores das comunidades de base.

* * *

Festa de Angico. O povoado fica no entroncamento de Campo Alegre, Remanso, Pilão Arcado e Piauí. É um dos maiores do município. O sertão é de parca produção, em compensação produz menino em abundância. É uma chuva que chega para batizar. É um desespero. Sacramentalização rasa e inútil. Voltam pras caatingas do mesmo medo que vieram. Esse ano tentamos nos organizar melhor. Vieram os responsáveis de Pilão e Remanso para tentar conversar com os elementos de suas paróquias. Ao menos formalmente foi possível melhorar o nível dos batizados. A nível de iniciação cristã, princípio de caminhada, nada.

O pior é a procissão. Pra começo, os políticos, os grandes perseguidores da Igreja, estão presentes para carregar o andor. Esse ano os carregadores foram marcados com antecedência e os políticos sobraram. Vi um deles colocando 1.000 cruzeiros na bandeja de coletas. Tive a sensação que o suor do povo estava indo pra bandeja e o ato me repugnou. Aliás, esse negócio de sacramento pago e coleta é uma cacetada.

A procissão saiu no meio das barracas dos feirantes. Verdadeira Babel. Som de Igreja misturado com zabumba de forró, comício do PMDB, alto-falante de curandeiro e o diabo a quatro. A procissão enveredou pelas barracas e o povo ia engrossando a fila. Sol de estalar mamona, foguetório, poeira, cachorros brigando, enfim, uma delícia.

A procissão chegou na Igreja e começaram as cantaroladas das velhas. OK, democracia também na religião, mas o povo foi embora e só ficaram as velhas. Reparei que os homens rodearam o curandeiro que também fazia propaganda do **PMDB**. No final, juntei o microfone, disse que estava encerrado e me piquei.

Cheguei em casa na boca da noite. Fiquei sabendo, então, que nossos velhos provocadores tinham barrado o carro do padre na estrada. Pararam no meio de dois bancos de areia, onde era impossível podá-los. Desceram provocando. Disseram ao padre que era para esperar porque agora eles iam

cagar. Um dos trabalhadores que ia no carro do padre tentou se aproximar para conversar. Foi empurrado e derrubado no chão. A situação ficou tensa. Ameaçaram pegar faca e revólver. Apareceram com um facão. O padre, prudentemente, recuou o carro e esperou pela boa vontade deles. Demoraram uns quinze minutos e depois partiram a toda velocidade. Vieram para a cidade fazer rodeios em nossa casa. Foi o mesmo pessoal que tempos atrás quis me pegar no meio da rua.

Quero estar enganado, mas acho que a qualquer momento essa pancadaria corre de fato.

* * *

Os padres franceses e os posseiros foram condenados. Quinze e dez anos para os padres, oito e nove para os posseiros. Nessa época de copa o fato fica em segundo plano. Apenas a arquidiocese de S. Paulo organizou uma solidarização coletiva como Igreja. Não senti em nossa diocese nem em nossas comunidades a comunhão com as agruras dos nossos irmãos do Norte. Absurdo, já que estamos numa mesma e única caminhada. Em todo caso, a pena imposta aos réus tem todas as características da punição exemplar. Há uma tentativa de intimidação,



Enterro de "anjinho" em Campo Alegre.

"Como se sabe, haveria uma mobilização geral da Igreja em apoio aos padres e posseiros. O assunto virou prato do dia também em nossa diocese e nas comunidades.

Vimos o aglomerado e nos aproximamos para ver melhor. Estávamos eu e Don, que viera de Salvador passar uns dias com a gente. As pessoas disseram que havia morrido um "anjinho". A criança estava mesmo fora da casa, depositada num pequeno caixão recoberto de flores. Devia ter cerca de seis meses. Perguntei quem era a mãe. Apontaram-me uma mulher que chorava num canto. Insisti e perguntei o motivo da morte. Responderam que fora dor de barriga. As águas dos barreiros vão secando e o que se bebe é praticamente um lodo de vermes e amebas. Perguntei às outras mulheres se suas crianças estavam com diarreia. Responderam afirmativamente. Insisti e perguntei se tratavam a água. Não. Nem ferver, nem cloro, nem "cândida". Tentei explicar que, sem um mínimo de trato na água, as crianças iriam morrer todas de diarreia. Uma velha respondeu que morreriam porque era a hora, não por causa da água. Outro disse que há crianças demais. É bom que morra um pouco. E ele é membro da comunidade.

Olhei melhor e reparei o rosto sofrido das pessoas. Todo o ambiente era necrófilo. A fome, sede, fatalidade é que compõem todo esse quadro fúnebre. Mas aquele pessoal não se reúne por pressão dos políticos e nem aprenderam tratar um pouco a água, o que todas as comunidades praticamente fazem. Quem é o culpado, então, da morte daquela criança?

* * *

Eu e o "Doto" fomos com Alzira ver sua roça na caatinga. Quando chegamos, seu João trançava os arames farpados na madeira. Ficamos conversando. A mulher dele estava junto. Reparei que seu braço direito estava extremamente inchado. Depois ele mesmo explicou que fora picada por um escorpião no dia anterior. Mesmo assim estava trabalhando. Sua mulher acabara de chegar com o café. Ele e ela disseram que eram crentes, contando suas conversões. Falavam com certo fanatismo, citações bíblicas fundamentalistas, mas de coração. Começaram na Comunidade de Base e passaram aos crentes. Então aconteceu um gesto bonito. Ele tomou o bule de café que requeimava na fogueira, abriu o pano com o bolo de tapioca, ambos ajoelharam-se no chão e, em voz alta, agradeceram o pão a Deus. O fogo queimando, o sol mais ainda e ambos agradecendo de joelhos. Depois ele ofereceu café a mim e ao "Doto". Aguardou porque só havia uma caneca. Só então comeu seu pão e bebeu seu café.

* * *

É o cúmulo! O presidente do sindicato baixou um comunicado na parede afirmando que a chapa-1 estava eleita. Mas como, se ela não fez a quantidade de votos suficientes? Quem lhe deu autoridade para se proclamar eleita? Como conseguiram burlar a ata elaborada na frente do povo, das duas chapas e do promotor? É nesses momentos que sobe aquele ódio no peito e dá vontade de esganar alguém. A questão é: quem bolou essa trambicagem? O pior é que ele não explica porque está eleito.

Havia trabalhador cego de ódio. Roubados antes, durante e depois das eleições. Nesse país realmente não existe lei para os mais fortes. Existe uma estrutura opressiva que violenta os direitos mais elementares do povo.

A legislação sindical do país é para embaraçar Kafka. Mas é só na experiência que se aprende como a corrupção é um fio dorsal que permeia as estruturas da cabeça aos pés. No sindicalismo, ainda, há um jogo político de pelego para pelego. Os postos mais altos do sindicalismo sustentam os presidentes dos sindicatos em seus postos através de todos os meios possíveis e, estes, pagam com juro e correção votando e reelegendo "ad infinitum" os senhores do poder mais alto. Além de fascista, a legislação é usada corruptamente. Mesmo que a legislação exigisse nova eleição para Campo Alegre, ela foi burlada e os trabalhadores passados para trás.

São esses fatos que suscitam o ódio do povo. É nesses momentos que o caminho da violência parece inevitável. Para os trabalhadores é barrado até o direito fundamental de dirigir seu próprio sindicato.

A maior beleza é a posição de determinadas esquerdas. Mediócras teoricamente, mediócras na ação, que mediocridade cavalgar! Sindicalismo para elas é trabalhar com diretorias. Partido é quadro rigidamente disciplinado. Têm medo do povo. E elas têm ocupado certos postos desse nosso sindicalismo. Fazem aliança com toda espécie de pelego, bloqueiam chapas de oposição e são contra a organização do povo na base. Assim vamos longe.

Diante das ameaças concretas de vida, tem aumentado no povo, também aqui em casa, a idéia de andar armado. Essa idéia apareceu naqueles dias mais negros e reaparece quando o tempo volta a escurecer.

Armar-se é uma tentação contínua. Ontem à noite conversávamos sobre a humilhação imposta ao padre dias atrás. Alemão, com senso de dignidade sacerdotal, respeito, etc., vê,

de repente, um bando de bêbados parar à sua frente, mandar esperar porque "vão cagar". É humilhante e provocante. Ed disse que, se fosse com ele, enfiava balas no cu de cada um que neguinho ia cagar pelo avesso. Em nossa vida, porém, não há lugar para dignidade sacerdotal, episcopal, máscaras de autoridade, etc. A pessoa se encarna ou se aliena da realidade do povo. Quanto mais encarnado e despido de máscaras, mais exposto às baixarias do homem. É nessa sensação de nudismo que vem a tentação de um apoio, enfim, de armar-se. Mas a encarnação evangélica tem mesmo seu preço. Basta ver o Cristo no combate, discutindo, sendo xingado, marcado, preso, apanhando na cara e morto. Mas fiel à verdade e à dignidade mais profunda do ser humano. Essa sim é inalienável também para nós. Convenhamos, é dose pra cristão nenhum botar defeito².

* * *

Trabalhadores conseguiram dar entrada no recurso junto ao sindicato. O presidente aceitou. Marcou bobeira. Provavelmente não tinha sido orientado para recusar.

O Brasil perdeu da Itália. No momento do jogo, os trabalhadores tentavam dar entrada no recurso. Nessa época de copa meteram os padres na cadeia, aprovaram o pacotão, aumentaram o preço dos produtos. A nível local é a seca, fome, ladroagem no sindicato. Sentimos pela nossa seleção, mas as necessidades concretas são mais exigentes e permanentes. Esse ano, em cima da nossa paixão pelo futebol, eles não faturam mais. A festa acabou e agora permanece esse nosso Brasil nu e cru, com as necessidades crônicas que precisamos de fato enfrentar.

Agora é esperar o resultado jurídico. Veremos se o cara está empossado acima de toda lei, ou se resta um mínimo de decência na justiça trabalhista desse país.

* * *

Fui por Am ao "Morro Cabeça no Tempo". É Piauí. 120 km pela caatinga. É raro um povoado ou mesmo uma casa. O carro saiu mal de Campo Alegre. Na ida bateu nos bura-

²⁰ Na realidade houve todo um clima de violência e provocação na região. Houve ameaças concretas para padres e agentes em praticamente todos os municípios, para as comunidades, invasão da casa do bispo, etc. Em Casa Nova, trabalhadores enfrentaram metralhadoras comendo nos pés. Ed e Ag foram botados pra fora da cidade sob vaias e ameaças. Trabalhador foi morto em Bonfim e a perseguição ao Pe. Zé, de Jacobina, virou questão nacional. Não chega a ser a violência da região do Araguaia, mas arrepiava os pêlos de vez em quando.

cos, vazou o óleo do diferencial e as rodas da frente se abriram uma para cada lado. Caímos numa ribanceira e só saímos por causa do guincho próprio do carro. Amarra-se o cabo-de- aço num tronco e, com uma catraca, ele é enrolado na roldana. A sós, tendo um tronco por perto, é possível tirar o carro de qualquer buraco.

Voltamos e já estou em Malhada. Aqui o câmbio emperrou de vez. Vieram dois rapazes aqui da caatinga que já trabalharam em oficina. Desceram o motor. Disco alisado, retentor de eixo primário arreventado, cola de embreagem emperrado. Esse era o galho. Agora espero passar um carro para Campo Alegre. Talvez, amanhã. Depois é buscar peças em Juazeiro ou Remanso. Só daqui a quatro ou cinco dias ele volta a funcionar. Eu vou aproveitar para ler com mais atenção o *Trabalho humano* de João Paulo II.

Pra completar a dose de danação, corre o rumor que o homem foi mesmo empossado. Tá como o diabo gosta.

* * *

Enfim, uma grande notícia. Os assessores vieram dar posse ao antigo presidente do sindicato. Mas, para surpresa geral, voltaram para casa. Aqui na Malhada a notícia foi recebida com euforia. O fato ocorreu assim.

O atual presidente esperou expirar o mandato da antiga diretoria, da qual era presidente, dia 7 de julho. Então chamou os assessores de fora, pegou o material do sindicato e foi para o hotel de sua propriedade. Os trabalhadores estavam de plantão, já que havia o rumor dessa posse. Correram para o sindicato. Nada. Foram para o hotel e pegaram os homens em flagrante. Entraram de supetão:

- Vai receber posse?
- Vou.
- Mostre a autorização da DRT.
- Não tenho.
- Então não toma posse.
- Tomo na marra.
- Se tomar na marra, sai na marra.

O assessor ficou assustado. Os políticos, sempre os políticos, entraram pelo meio e houve ameaças mútuas. A temperatura subiu. Os trabalhadores mostraram ao assessor o recibo do recurso impetrado junto à justiça do trabalho. Ele reconheceu que os trabalhadores tinham razão. Pegou as malas e voltou para Juazeiro. O homem não tomou posse.

A caatinga está em euforia. Sustaram uma posse ilegal e forjada ainda não se sabe por quem. Quem está dando essa garantia?

Essa notícia chegou aqui na Malhada. Ainda não consegui ir para casa. Com esse ânimo vou de bicicleta.

* * *

Estou em casa. Fiz 50 km de bicicleta. Quase morri. Tentei acompanhar esse pessoal das caatingas, mas eles são um fenômeno digno de estudo. Tem neguinho que faz 140 km num dia, sob o sol e em estradas de areia como as nossas. É mesmo um negócio estonteante. Eu pensei que não chegava. Mas valeu a pena.

A casa estava vazia. Um bilhete de Joaq na mesa dizia que fora para Juazeiro comprar as peças do carro. Eu já havia mandado aviso pra ele. Depois, no bilhete, contava a façanha dos trabalhadores e os fatos que aconteceram posteriormente. Dizia que a chapa-1, agora, fora para Salvador tentar a posse. Os trabalhadores souberam e correram para Salvador. Então, conversando com outros, fiquei sabendo que em Salvador aconteceu o seguinte:

Foram diretos à DRT. Outro foi para a sede da FETAG. Na FETAG o trabalhador deu de cara com o presidente do sindicato. Na expressão do trabalhador, "o jeito dele foi de veado quando vê o caçador". Parou, olhou, não acreditou e se mandou. Na DRT passou o prefeito da cidade. Mesma reação. Os trabalhadores pediram audiência, mas o juiz não quis recebê-los, afirmando que teria uma audiência às 11 horas. Esperaram. Para maior surpresa, entra, às onze, o atual presidente do sindicato. Estava acompanhado pelo secretário da FETAG. O juiz apareceu e a conversa foi normal. Os trabalhadores aproveitaram e contaram todos os desmandos acontecidos. Ninguém reagiu. Diante da evidência dos fatos não houve alternativa. Foi marcada outra eleição para 31 de julho. De fato, essa diretoria teria que ter caído e deveria ter sido nomeada uma junta, já que todos os prazos estavam estourados. Mas os trabalhadores aceitaram nova eleição. Na hora o juiz despachou para o corregedor enviar aviso ao promotor para apurar em seguida. Não resta dúvida, foi vitória.

Gota a gota os trabalhadores seguram as pontas. A próxima eleição será em alta-voltagem. Um fôsforo nesse barril de pólvora e ele explode. Vem aí novamente um terrível desgaste psicológico nesse ano de seca e muito mais fome pela caatinga.

Batismo de sangue é um livro que arrepia os pêlos, esquentava o sangue e dá pesadelos. O dossiê Tito é dramático-.

Dos que constam no livro, conheci apenas Ivo Lespau-bin. Veio assessorar uma de nossas assembléias com o pessoal do IBRADES. Pedimos a ele se era possível contar um pouco das experiências. Respondeu que sim.

À noite nos reunimos no salão e ele contou. Foi mais genérico. Contou dos anos de prisão e das experiências do cárcere. Alguém arriscou e perguntou sobre a «tortura». Contou alguns detalhes, mas todos perceberam que ele se retorcia ao recontar os ratos. Havia uma freirinha indiscreta que dava gritinhos e perguntava por detalhes mais finos. Mas ele insistiu sempre mais na dimensão positiva da experiência no cárcere. Contou a partilha, solidariedade, convivência com os comunistas, as frases que mais o marcaram e, sobretudo, a certeza que todos lutavam por uma mesma causa.

Ao ler *Batismo de sangue* é inevitável a recordação dessa experiência que nos relatou. E é também inevitável a comparação da década de 70 com a nossa, 80.

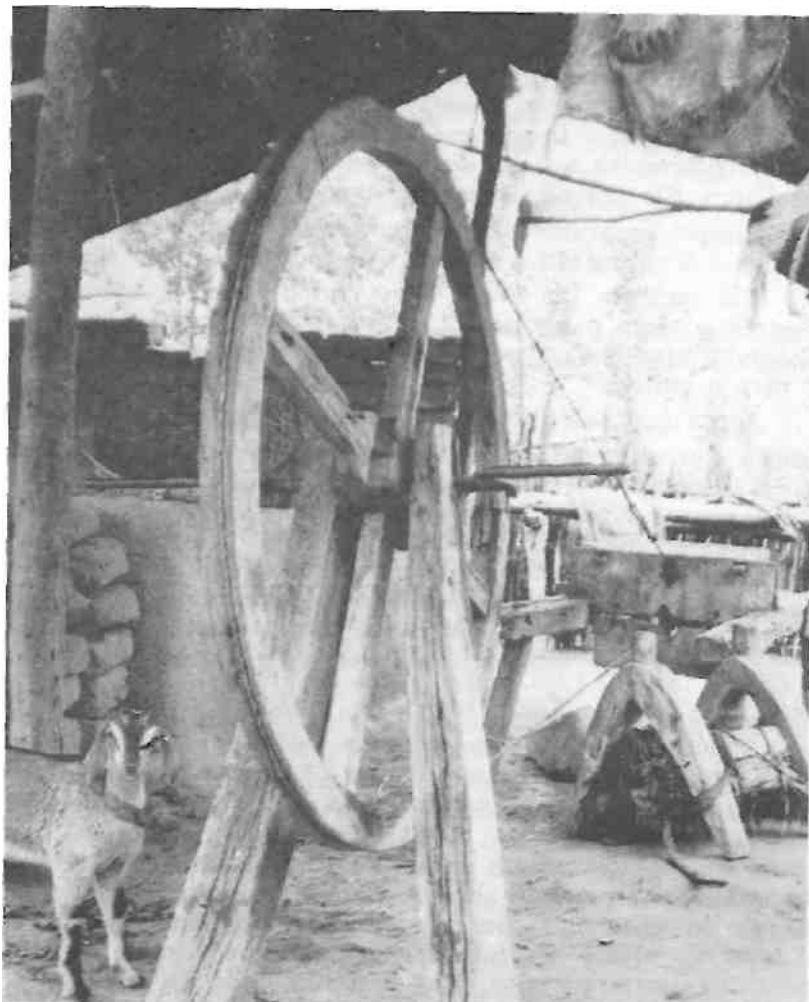
Sem dúvida, o movimento armado, a movimentação estudantil, a participação dos dominicanos, a floraram na classe média. Era uma espécie de vanguarda reduzida a si mesma. Não havia povo. E quando vejo o povo do sertão, seu pavor de guerra, comunismo, imagino como seria difícil se a guerrilha viesse a cair na paixão popular. Manoel da Conceição relata que a organização de sua área se esvaziou quando entrou em cena a violência. O povo, simplesmente, tem pavor de guerra e da palavra "comunismo". Não tem dúvida, esse medo o sistema conseguiu enfiar até na cabeça dos cabritos. Parece que não havia um terreno mínimo para o sonho transformar-se em realidade.

Outro fato marcante e que sugere a inevitável comparação é a ação da hierarquia católica. Parece que em dez anos a Igreja virou do avesso. Basta ver o apoio popular e da hierarquia (CNBB) aos padres franceses e aos posseiros presos. Salvo as exceções raríssimas ali anotadas, os prelados daquela época deixam até as unhas dos pés indignadas. O fato é que hoje não estão em ação apenas os dominicanos, mas toda uma Igreja.

Outra comparação é a organização crescente das bases. A atual geração de Igreja está nas periferias das grandes cidades, nas matas da Amazônia Legal, nas caatingas do sertão, etc. Está ligada às organizações populares e no trabalho direto com o povo. Muitos dos atores centrais de *Batis-*

mo de sangue, aqueles que passaram nas pranchas de bife dos cárceres, abandonaram os vanguardismos e trabalham nas bases. São pessoas que estão a serviço do povo e por não se servirem dele, são capazes de mudar.

Há, porém, um liame indissolúvel entre *Batismo de sangue*, ou os que foram batizados no sangue, com a ação de hoje. Eles marcaram etapas, abriram nova visão no horizonte e, se hoje enxerga-se mais longe, é porque se olha a partir daqueles fatos e, até, do alto de seus túmulos.



Casa de farinha e o bode amarrado para a matança.

* * *

Estou em Fidalgo. Triste ironia para o sertão. Algumas casas reunidas e nada mais.

O pessoal não estava esperando. Não houve reunião pela noite. Hoje nos reuniremos e amanhã pela manhã haverá batizados.

É um lugar bonito. A caatinga é alta. Está seca. As folhas do chão estalam pelo calor do sol e pelo pisar das cabras. Andei na "casa de farinha". A roldana da moedeira está abandonada. Agora, usa-se motor a gasolina.

Seu João matara um cabrito. Chegou visita e eles tentam a qualquer preço pôr comida na mesa. Fiquei assistindo o processo da matança. Duas pauladas na cabeça do bicho e depois a sangria. Dependurou-o de cabeça pra baixo e depois arrancou-lhe a pele. Cortou os testículos e lançou-os ao cachorro. Ele cravou os dentes. Arrepiei.

Limpo, separado em quatro partes, pouco resta. Mas a ovelha e a cabra são a salvação de muita fome no sertão.

Ele também faz fumo. Teve ano de fazer quatrocentos metros só com o plantio do quintal. Pelo que vi aqui e no Calumbi, essa região produz fumo com muita facilidade. Mas é raro o cultivo.

Agora vou sair para ver a fonte e fazer uma visita nas casas.

* * *

Descobri que o lugar se chama Fidalgo em razão de sua descoberta. Há tempos atrás, alguns caçadores saíram para caçar e desapareceu um de seus cachorros. Reapareceu apenas no outro dia com os pés cheios de lama. Perceberam, então, que estivera em alguma lagoa. Partiram para encontrar a água e, de fato, conseguiram. O nome do cachorro era Fidalgo e em sua honra batizaram o local.

Andei na lagoa, agora reduzida a alguns dedos de água. Essa água ainda abastece Fidalgo, Tanquinho e Currálinho. Dizem eles que termina essa semana. Água, então, apenas no Peixe, a 10 km daqui.

Fiquei observando o rebanho de cabras e ovelhas. Havia base de cem esperando abrir a porteira para entrar na fonte. As moças chegando com jegues, partindo com as cabaças d'água nos aiós e nas cabeças. Se fosse apenas uma questão poética, estaria perfeito. Mas é a realidade de milhões de nordestinos nesse momento do país.

* * *

E não é que o presidente do PDS local entrou em nossa casa? Foi preterido na escolha de candidatos, candidatou-se por conta própria em sub-legenda e agora veio conversar conosco. Enfim, não tem nada contra a Igreja e as comunidades. Que cara-de-pau, colega! Depois de vários anos de perseguição em cima de nós e das comunidades?!

Aproveitamos para falar o que pensamos. Rimos na sua saída. E ficamos pensando que só falta o prefeito tentar recompor com a Igreja nas vésperas eleitorais. Esse, se aparecer, vai ouvir. É impossível que tenha a cara-de-pau de aparecer em nossa casa.

Os trabalhadores é que estão satisfeitos. O *PDS-2* garantiu que vai apoiar a *chapa-2*, já que o candidato do PDS escolhido para candidato a prefeito é filho do atual presidente do sindicato. Nessa briga de branco, eles que se entendam.

* * *

Tivemos assembléia de trabalhadores promovida pela CPT em nosso município. Cada município realiza a sua e, depois, haverá uma, diocesana.

Compareceram cerca de 80 camponas, entre homens e mulheres. Ao fazermos o levantamento dos assuntos, explodiu o primeiro: SECA. Só se fala, porque só se vive, a seca. É a fome e a sede que imperam. Até o poço de nosso quintal secou. Depois a assembléia abriu-se para temas como sindicato, política e comunidade. Tocaram nas ferramentas para enfrentar os problemas. Ed, que coordena a CPT diocesana, estava presente. Também a *Lá* veio colaborar.

A questão sindical consumiu a assembléia. Passamos sobre política como gatos sobre brasa. Aprofundamos a comunidade. Tocamos o dedo na possibilidade da militância política e sindical arrefecer as comunidades. Mas foi uma boa surpresa. Muitas comunidades tornaram-se mais sólidas ao envolverem-se na política e no sindicato. O fenômeno das seitas não dá para assustar. Alguns, que deixaram a comunidade por outras seitas, realmente mudaram por medo do engajamento. Foi o próprio povo que levantou essas questões em relação a seus companheiros. Prova que desaparecendo o ópio, o viciado procura outro alienante.

Apesar da seca, das exigências sindicais e partidárias, o povo caminha. E de cabeça erguida.

Remanso. Fiquei sabendo que votaram 950 pessoas nessa última eleição. Não houve apuração, mas sem dúvida, o pelego venceu. É o primeiro sabor de derrota que o povo terá que receber atravessado na garganta. Com toda seca, fome, sede, derrota sindical, o que há de bom no horizonte do povo?

Resultado final da eleição sindical: 572 versus 360. Os trabalhadores reduziram a diferença de 300 votos para 210. Foram computados 25 votos de comerciantes e fazendeiros que haviam sido impugnados. Já chegou a notícia que o povo saiu de cabeça erguida. Para os trabalhadores é uma derrota que guarda certo resquício de vitória. Para os mandarins, é sinal que as coisas, de fato, começaram a mudar. A nova consciência sindical no Brasil é uma realidade e avança também no campo, apesar de muito devagar. Aos poucos os trabalhadores conseguirão compor os cacos de sua condição. Mas há o sinal evidente que resta muito por se trabalhar.

Eu, particularmente, fiquei abatido com essa derrota. Esperava pela vitória, apesar do homem ocupar o cargo há onze anos e ser essa a primeira eleição sindical do município. Evidentemente estava nas nuvens.

Hoje, em Remanso, Calixto estava por aqui e comeu em nossa mesa. Lá e Ars, novata, estavam também. E ele falou com mágoa. Sua revolta é em relação aos companheiros que ainda votaram nessa diretoria. Pessoas que já enfrentaram grilagem, a omissão do sindicato, mas que no momento decisivo ainda votaram em seus inimigos.

Depois criticou a Igreja. Com os rudimentos históricos que tem na cabeça, ele consegue trançar raciocínios surpreendentes. "Se a Igreja tivesse começado essa luta desde que Getúlio criou os sindicatos, hoje já seria melhor". E arrematou com a sinceridade típica do sertanejo: "A Igreja já foi muito assassina".

Mas a vida continua. As necessidades atingem a barriga e exigem a luta. Um povo acostumado a cavar sem encontrar água, plantar sem colher, não desanimará diante de uma luta que não conseguiu vencer.

* * *

Era o resultado pior. As amostras de barbeiros que levamos para serem examinadas estavam contaminadas. Havia uma epidemia, assim como muriçoca em época de chuva. Quase toda população daquela área havia sido picada pelos

bicudos. Esse fato diz muito sobre o futuro de toda população daquela área. Foram os elementos da SUCAM que nos procuraram para dar o resultado. Eles simplesmente afirmam que não têm verbas para realizar a profilaxia nas casas.

* * *

Tivemos a grande assembléia de trabalhadores de nossa diocese. 192 trabalhadores. Base de 25 por município.

Os temas debatidos foram: política, sindicato e comunidade. Os assuntos foram bem aprofundados. Contagiou. Os grandes plenários foram profundos, apesar de um certo embananamento de alguns momentos. Teve momentos agudos, belíssimos, muita troca de experiência entre os trabalhadores.

Existiram momentos próprios também para o humor do trabalhador. Um deles foi quando se analisava a pirâmide social. Eles próprios discutiam como o oprimido faz muitas vezes o jogo do opressor. Então, um saiu com essa: "Esses caras são os baba-sacos. São que nem cabrito novo meio abestalhado. Ele mama no saco do bode, pensando que é peito de cabra".

Na programação por município, a turma de Campo Alegre de Lourdes estava entusiasmada. Comprometeram-se a fazer reuniões nas comunidades, comunicar para os outros e retomar a luta com afinco.

* * *

Eu e Lu estamos dando uma volta pelo Sul. Esse contraste violento é amargurante. Tudo é contrastante. Eu e ele conversamos principalmente sobre a comida. A fome no sertão agora é coletiva. Por isso, saltam aos olhos as vitrines cheias e sofisticadas. Coisas que há mais de ano não víamos. Recordamo-nos dos nossos amigos sofridos do sertão, sua fome, suas casas pobres. Enfim, a gente se sente mal. Os velhos amigos vêm, conversam, perguntam, se assustam. Mas permanecem nesse nível. E se a gente começa contar os excessos do sertão, parece que as pessoas têm medo de ouvir. Mudam de assunto. É por isso que a tarefa do oprimido no trabalho da libertação é insubstituível.

* * *

Depois de um mês, retorno a Campo Alegre de Lourdes. Até Senhor do Bonfim viajamos sob chuva. Ali é o marco divisor da seca. Alguns quilômetros à frente e a caatinga calcinada expande-se diante dos olhos. Ao longe, a fumaça das queimadas sobe para o céu estupidamente azul. Ao longo

das estradas, apenas algumas cabras testificam que ainda existe vida.

De Juazeiro a Campo Alegre de Lourdes mais dez horas de viagem. Parei em Remanso. Conversei com Lá e Pe. Bern. Lu estava fora. Cheguei em Campo Alegre e apenas Joaq estava em casa. Está reformando o telhado. Esperando a chuva. Conversamos bastante. Contou a seca. Nosso poço secou. A água da lagoa enxuga-se rapidamente. A situação do povo é caótica.

Falou também que a organização do povo continua. Contou mais detalhadamente a atitude do Ivaldo. Agente de base, candidato pelo PT a vereador, recebeu do candidato a prefeito pelo PDS uma proposta de 300 mil para que renunciasse. O cheque foi posto em sua mão. Agradeceu, devolveu o cheque e agora é um de seus temas em suas pregações políticas. Uma atitude dessas, em meio a tanta miséria, só tem explicação evangélica. E são essas atitudes que fazem crer na força do povo e nas mudanças que ela provoca.

Agora é o momento de repor o pé na luta.

* * *

Entramos para o terceiro ano consecutivo de seca. Não é como às vezes se imagina, três anos sem cair uma gota d'água do céu, apesar de haver regiões da Paraíba, Ceará e mesmo de Juazeiro da Bahia, radicalmente secas. Apenas, as chuvas que caem são insuficientes para se tocar uma roça ou para armazenar a água mínima para usar durante um ano. Enfim, as chuvas são insuficientes.

Os jornais falam de inflação, dívida externa, política, grandes projetos, etc. Ignora-se a seca. O país pode até arrumar sua sala de recepção, pagar sua dívida, diminuir a inflação, implantar uma democracia burguesa, mas o sertão continuará em sua miséria silenciosa. Ele é o porão do país. É o local onde estão os objetos envelhecidos. É o filho bastardo que nos envergonhamos de mostrar às visitas. É o lixo que se varre e se joga sob o tapete. É aqui que o sistema assassina coletivamente e onde se morre em silêncio. De Euclides da Cunha a Vargas Lhosa o Nordeste é o mesmo e não há perspectiva de mudança. Em meio a tanta escuridão, porém, acende-se o brilho da organização popular. Por menor que seja, é o fio da esperança.

* * *

Como passar para o papel a desumanidade aqui reinante? Seria necessário escrever com fogo, que o fogo forjasse

as palavras e as palavras tivessem fogo. Deveria escrever com caneta elétrica, ou então, com bico de solda.

* * *

Gui, de Pilão, estava contando sobre os leprosos de sua área. Diz ele que há mais de 200 em Pilão. E disse que aqui em Campo Alegre de Lourdes, nas regiões fronteiriças com Pilão, também existem leprosos.

Eu não sabia. Aqui em casa sabíamos apenas que Campo Alegre é considerada um dos focos de tuberculose da Bahia. Em relação a leprosos, ouvi falar que no lago de Sobradinho existe uma ilha onde a maioria dos habitantes são leprosos. Mas são pessoas difíceis de ser encontradas. Quando chega alguém na ilha, eles fogem para as matas. O pessoal de Sto. Sé disse que eles têm medo de ser detectados e não conseguir vender seus produtos.

* * *

Fez um calor intenso pela tarde. Algumas nuvens escureceram o céu. Os animais estavam parados. As pessoas andavam pela rua com os olhos postos no céu. O ar estava úmido e nossas peles ficaram pegajosas. A barra do horizonte ficou mais negra. Eram seis da tarde. O vento bateu na porta e trouxe o cheiro quente de terra molhada. Reparei que uma mulher com o rosto encoberto por um véu andava nas ruas ritualmente, como quem pagava uma promessa. Um risco elétrico rachou o céu seguido de um trovão descomunal. A chuva caiu pesada e de repente. O sangue acelera nas veias. É impossível conter a alegria. As crianças correm sob a chuva e os adultos gritam nas portas e janelas. Horas a fio ficamos olhando a queda das chuvas. Após sete meses voltam as chuvas, no perene ciclo de uma natureza ainda indomada. Com ela volta a vida e aflora a imortal esperança do homem.

* * *

Eu já estava dormindo. O pessoal aqui de casa estava sentado na sala com uma turma das comunidades, conversando e bebendo cachaça. O pessoal saiu meio tarde e Joaq ligou o rádio para ouvir as notícias da noite. Em manchete de chamada, foi pro ar a morte de Clériston de Andrade e vários políticos baianos ligados ao PDS.

Pela manhã foi o assunto da rua. Todos estavam chocados com a brutalidade dessa morte coletiva. Os pedessistas andaram provocando o pessoal do PT:

— Estão felizes com essa morte, né? — perguntaram ao Adrião.

Ele respondeu:

— A gente não está contente com isso, não. A gente prefere enfrentar esses homens cara a cara, não depois de morto.

O Ivalo chegou meio assustado:

— Eu queria que os homens do PDS caíssem, mas não do avião.

Realmente ninguém estava contente, mas todos tiravam lições do fato. Uma candidatura preparada do nada há muitos anos; promovida através do BANEb; imposta pelo atual governador; que envolveu rupturas com os políticos mais tradicionais da Bahia; que certamente envolvia segredos e pactos para o futuro político de muitos; tudo, todos os planos parecem ter virado cinza numa queda de helicóptero. Alguns lembraram que "Deus derruba os poderosos de seus tronos", outros, que "Deus confunde os planos dos poderosos", outros, que "poderoso, só Deus", por fim, "é a palavra de Deus na história dos donos do poder".

* * *

Voltam as fofocas do "prender", "bater", "expulsar", "matar", etc. No princípio a gente se assustava com essas faroleiras. Hoje virou rotina. Também as agressões morais entram por um ouvido e saem pelo outro. Esses fatos aqui na área.

Nacionalmente, pessoas visadas freqüentam páginas difamatórias. É uma onda de papéis irracionais, ridículos, às vezes inteligentes, como um que rodou em Juazeiro. Alguém chamava a atenção dos ricos para o perigo do socialismo, da perda "das riquezas conquistadas com tanto trabalho", etc. Um negócio muito inteligente. É claro, o socialismo vem da Igreja.

Pois é, não dá prazer, mas também não prejudica o sono. Faz parte do cêntuplo das perseguições.

* * *

É um desses palhaços que não conta piada, encena. Só em piscar o olho a gente começa rir.

Contou que outro contou que, um dia, andando na caatinga, ouviu um bodinho que berrava desesperado: Béééééü! Parou para ouvir melhor: Béééééü! Então se aproximou. Só via o mato se abrir e dois gambitos de bode pro ar. Daí reparou que não era um, mas dois. Mas o outro era uma dessas cabras velhas que o chifre já entortou pra trás. Tentou entender a cena e espichou o pescoço. É que por um desses

acazos, a cabra tinha dado uma cabeçada no bodinho, por baixo, enroscado os dois chifres nos grãos do infeliz, e esse bodinho estava mais torturado que esquerda no DOI-CODI. À medida que a cabra tentava fugir, mais espetava o saco do coitado. Disse que o bichinho estava com os olhos mais acesos que farol de ônibus em noite sem lua. Pudera, com toda aquela carícia! Então foi lá, desatou o insucesso e ficou olhando. A cabra se mandou. O bodinho saiu arrastado, murcho, mas aliviado. Que dúvida!

* * *

Uma bagunça o cartório eleitoral da área. Cada partido faz seu alistamento, mas o partido do governo faz à oficial, isto é, gratuitamente. Os demais que se lasquem.

O PT, depois de muita pressão, fez seu trabalho. Quando receberam os títulos, a sacanagem estava pronta. Os eleitores foram marcados para votar em sessões opostas às que moram. Distâncias de até 120 km, como a inversão do Angico caminho Remanso, para Angico caminho Caracol. Tudo sob conviências superiores, que também não registraram mesários do PT. Os petistas dizem que o esquema do roubo é simples, já foram baba-saco dos pedessistas e roubaram para eles em outras eleições. Virão cédulas brancas a mais, fora do esquema. Os mesários rubricarão as cédulas pela noite e entregarão aos cabos eleitorais. Esses votarão as cédulas antes da eleição. O eleitor recebe a chapa votada na casa do cabo eleitoral. Vai para a seção de votação. Entra, toma a cédula branca, vai para a cabine, guarda a branca no bolso, puxa a votada, sai e deposita a votada na urna. Ao sair fora da seção entrega a cédula branca ao cabo eleitoral como prova que o voto foi mesmo seguro. Se recebeu meio quilo de farinha antes do voto, recebe o resto ao entregar a cédula branca. Em um município de analfabetos, praticamente não haverá votos nulos. Essa democracia é mesmo muito relativa.

* * *

Ele caiu morto do cavalo enquanto conversava com seus amigos. Joaq viu sua agonia final. Viu também as loucuras da família ao encontrá-lo morto, fulminado pelo poder da morte.

Eu fui fazer a "visita de cova", sete dias após sua morte. Durante a semana toda chegaram os amigos, os familiares de longe, etc. É nesses momentos que se revela a necrofilia do sertão. A convivência com a miséria tornou esse homem um cultor da morte.



Enterro.

Fui dois dias antes para acertar a visita. Praticamente a família toda trancada num quarto, em prantos histéricos, curtindo o sabor da morte. A cada amigo que chegava explodiam os gritos, numa espécie de histeria coletiva. Cenas deprimentes, mas só explicáveis nessa condição desumana.

A família do morto deve alimentar todos que chegam durante a semana. Fazem questão que lá se coma e, inclusive, durma. Eu mesmo tomei café na mesa com o atual candidato do PDS a prefeito e sua esposa. Apenas os três. Fato raro, dada a distância que separa nosso trabalho de Igreja das oligarquias rurais. Mas é absurdo o gasto. Há pessoas que se aproximam tranquilamente só na hora das refeições.

Conversei com as moças da família. Todas belíssimas! Incrível como tem mulher bonita no sertão. Os traços mais belos da raça negra e indígena estão preservados em muitas moças. O corpo esguio, as pernas torneadas, os lábios carnudos e dentes alvíssimos. Aqui, quem tem dente, é uma perfeição. A maioria é banguela. Mas as moças moram por

todo canto, inclusive Salvador. Mas, ao voltar para o sertão, reassimilam com facilidade os costumes locais. Tentei conversar com elas sobre aquela histeria. Parece que entenderam e ajudaram um pouco a mãe.

O mais característico foi o dia da visita. Toda família vestida de negro. Que gasto! Treze pessoas. Saíram em direção ao cemitério do povoado. O povo atrás. Voltaram os prantos, os gritos, agora apoiados pelas carpideiras. Seguimos a pé para o cemitério. Cobriram a cova com um lençol branco e recobriram o lençol com flores do sertão. Começou, então, uma longa oração. Primeiro o terço, depois uma espécie de ladainha dos mortos, finalmente, uma interminável encomendação do corpo. A ladainha é simplesmente necrófila, tétrica, sem a marca esperançosa dos evangelhos. Só aí fizeram o sinal para que eu lesse o evangelho e comentasse. Mas já não havia o que falar. Li a ressurreição de Lázaro e fiz um rápido comentário. Dei por encerrado e saí. Aquele povo todo foi para a casa da família almoçar. Ali serve-se o que há de melhor. E disseram os amigos do povoado que aquela situação perduraria após a visita.

Saí com a cabeça embaralhada, sabendo que no sertão, realmente, tudo é torto.

* * *

A menina que trabalha aqui em casa chegou da rua furiosa. Fora consertar o bico de gás numa oficina e o rapaz estava provocando-a porque ela* é do PT. Ela disse que o rapaz falava: "Quem fundou o PT não foi o Lula, foi o Leninha! Virava e voltava: "Foi o Leninha". Mexia e insistia: "Foi o Leninha".

Fiquei sem entender que figura era essa. De repente, Joaq rachou de rir. Ele fisgou a questão. O rapaz queria dizer "Lenine".

* A *

Uma onda de crimes violentos em Remanso. Um pequeno fazendeiro foi assassinado em sua rede por um rapaz que dias antes lhe pedira emprego. O assassino esfaqueou-o e sumiu.

Enquanto a família fazia um enterro, um grupo saiu ao encalço do assassino. Encontraram-no. Torturaram-no barbaramente. Arrancaram-lhe as unhas, castraram-no, mataram-no, atearam-lhe fogo depois de untá-lo com gasolina.

A família do fazendeiro veio pedir missa de sétimo dia na casa paroquial de Remanso. O pessoal não queria fazer,

devido à vingança. Eu ouvi aquela conversa, entrou por um ouvido e saiu por outro, e me pareceu tão rotineiro como ouvir Amado Batista na rádio Nacional ou nos forrões do sertão.

* * *

Época das visitas eleitorais. Primeiro foi a chapa majoritária do PT baiano. Vieram em cinco num fusca velho, caindo aos pedaços. Mas andava. Chegaram às quatro da manhã. Os trabalhadores só descobriram sua presença pela manhã. Fizeram um comício no Interior e outro na cidade. Surpreendentemente, a cidade toda foi vê-los.

Ontem pela manhã veio o PDS. De avião, é claro. Festa, muita criança, inauguração do colégio Estadual, do calçamento, da energia elétrica que ainda deve estar no Piauí. Aqui ainda não acendeu nada.

Saiu o avião do PDS e pousou a chapa majoritária do PMDB. Roberto Santos, Waldir Pires, etc. Pena que o som estava péssimo. O PDS ficou ao fundo, vaiando. Percebi que Waldir Pires ficou vermelho de raiva. Falou com mais gana. Realmente, uma pessoa que impressiona bem. Em matéria política temos do melhor ao pior.

Nas ruas, de noite, de dia, as bocas de som anunciam os grandes homens, suas obras, títulos, paixão pelo pobre e demais honrarias. Sem dúvida, ninguém domina a arte da mentira com maior requinte do que a classe política. Há exceções.

* * *

Caminhada bíblica no sertão. Aqui em Campo Alegre de Lourdes já estamos atrasados. Mas ontem foi bonito de se ver. Eu e Joaq fomos ao Grajaú. Para essa comunidade caminharam as comunidades de Sta. Úrsula, Mandacaru, Besouro, São Gonçalo, Zé Carro, Lagoa do Meio, Mosqueteira e Mundo Novo. Havia pessoas de Malhada, Baixão dos Bois, Genipapinho, Pau-de-Birro, Baixão Velho, etc. As comunidades chegavam com seus candeieiros acesos. A comunidade local saía ao seu encontro. Cantavam, rezavam e aguardavam as demais. Às 22:30h chegou a última, Mandacaru. Então a comunidade local deu as boas-vindas; eu reforcei o sentido da caminhada bíblica e, em seguida, projetamos o filme *Linha de Montagem*. O povo acompanhou com interesse vivíssimo a organização operária do ABC. Depois de vários trabalhadores testemunharem suas lutas na greve, outros contaram que foram furadores. Fiquei impressionado como número de trabalhadores que estiveram na greve e agora estão

de volta ao sertão. Alguns parece que realmente cresceram em consciência naquela experiência. Para outros é como se tivessem participado de uma partida de futebol: acabou, morreu.

Completamos a rodada nas comunidades projetando o *Linha de Montagem*. Teríamos mais lugares para passar, mas precisamos devolver o filme para Juazeiro. Muita gente para ver, inclusive pessoas que jamais viram um filme. Outros ficaram impressionados com S. Paulo (S. Bernardo), os carros, a greve, e povo reunido e, evidentemente, com Lula. Novamente muitas pessoas testemunharam que estiveram na greve. Outros estavam maravilhados, pela primeira vez tinham visto S. Paulo. Sobretudo as mulheres.

Tivemos o cuidado de desmistificar o filme. Explicamos que não tinha carro andando nas paredes, bomba explodindo, mas que era um punhado de fotografias projetadas na parede, etc. Ninguém se assustou. Quem sabe no futuro a gente passe em outras comunidades.

* * *

As pesquisas continuam dando ampla margem de votos ao PDS. Num lugar como esse, onde o resultado das urnas é tremendamente duvidoso devido à corrupção, que valor real podem ter essas pesquisas?

* * *

Estamos de volta. Uma semana pela caatinga. A notícia que corria era que o Paulão havia se vendido ao PDS com toda a comunidade. Chegamos em casa e ele chegou no rastro. Realmente os homens tinham batido em sua casa. Primeiro tentaram conquistá-lo na maciote. Levaram no rabo. Tentaram provar que o PT é um partido comunista. Nova ferrada. Aí propuseram dinheiro. Mexeram na barriga e no bolso do cara, no pão dos meninos, na saúde da mulher, todas as tentações de satanás sobre o Cristo no deserto. OK, aceitou conversar e passou a lista: 30 pares de chinelos, 1 saco de açúcar, 50 pacotes de café, 2 sacas de arroz, 2 sacos de feijão, 2 sacas de farinha de mandioca, para arrematar, 25 paus em dinheiro. Os homens mandaram que ele passasse na cidade para acertar.

Paulão expôs tudo. Tranquilo, nenhum voto para os homens. Pediu opinião. De minha parte fui sincero. Disse a ele que não estava em sua pele, não sabia de sua fome, sua sede, suas necessidades, etc. Disse também que os homens iriam usar essa carta para manobras políticas, os compa-

nheiros iriam ficar preocupados, ele próprio ficaria amarrado aos homens. Joaq opinou que não valia a pena se amarrar por essa merda, que dificilmente sairá.

Ele ficou pensando. Chegaram outros companheiros e opinaram. Ele estava tranqüilo e lúcido. Saiu de nossa casa e foi para a casa de um cabo eleitoral que tenta comprá-lo. Entrou, saiu, olhou para nós do outro lado da rua e riu. Havia mais quatro trabalhadores com ele. Fiquei com pena. É uma humilhação acachapante que se impõe sobre o povo. Mendigar a troco de um voto para os homens. O cabo eleitoral saiu e os vi subindo a rua e desaparecerem. Faltam apenas dez dias para as eleições.

Continuam as cenas de humilhação. Chegam caminhões com agasalhos, alimentos, etc. O povo faz filas. Submete-se aos humores dos cabos eleitorais. Não raro são expulsos das casas, dos carros, das filas. Há uma quantidade enorme de pessoas recebendo ração diária na casa do candidato a prefeito do PDS. Sua mulher anda reclamando pela rua que até os pratos de sua casa o pessoal está levando embora.

Quando cheguei ao Nordeste, repito, fiquei impressionado com sua pobreza. Sempre achei que apenas os molambos das ruas das grandes cidades viviam em condições mais desumanas. É que o nordestino mantém o laço familiar e a dignidade pessoal. O homem de rua é acabado em sua dignidade humana. Bêbados, caindo pelas calçadas, mendigando, é difícil encontrar naquelas pessoas uma unha de humanidade. Mas o nordestino mantém sua dignidade pessoal. Mas nessa época de política, ele se aproxima mais ainda do homem de rua. Arrasta-se para conseguir migalhas, se humilha, transforma-se num animal. Há resistências heróicas, é verdade, mas seria demais exigir que toda a população fosse heróica. A grande diferença entre os nordestinos e os molambos de S. Paulo (que em sua maioria são nordestinos perdidos na grande cidade), é que os nordestinos do Nordeste são vários milhões e os de São Paulo são apenas milhares.

O pior mesmo é ver pobres que passam dois ou três dias sem comer, esqueléticos, brigando pelo partido do governo. Equivale a vinte punhaladas sobre o coração. Evidentemente são incapazes de ligar a situação particular a uma conjuntura política. A miséria, mais uma vez, é a grande aliada do governo. As urnas dirão, em parte, o que há de novo e o que permanece de velho no sertão.



O menino e a água nas periferias de Remanso.

* * *

Paulão passou aqui todo faceiro. Conseguiu algumas sacas de farinha e arroz. Saíram os trinta pares de chinelos de dedo. Deu-me um par de presente. Todos na rua sabem que ele pegou e não se vendeu. Estão putos com ele. Ele passou para trás o prefeito e o cara que se presume o maior sábio do país, na verdade, o maior intelectualóide da praça. Agora anda pela rua com cara de bosta, parecendo marido traído.

Parece que o povo vai sentir-se mais livre para votar, inclusive em relação a nós, o que é muito bom. A educação política anda gerando um produto diferente do que eu, por exemplo, imaginava. O povo não pode praticar aquele moralismo burguês de quem anda de barriga cheia. A condição sub-humana do Nordeste subverte toda moral. A sobrevivência é a questão decisiva, o resto é relativo. Se for preciso mentir, fingir para sobreviver, vale. D. Aloísio não disse que é da Igreja primitiva o princípio que em época de carestia absoluta tudo é de todos? Nada de imoral. É preciso compor uma moral real, não hipocritizar a vida. Imoral é a condição desumana de 30 milhões de nordestinos, a omissão do governo, a lógica do sistema. Mendigar e mentir para o nordestino, mais que humilhação, é arma de sobrevivência. É bom desideologizar também a moral.

Faltam cinco dias para as eleições.

>V * *

15 de novembro. Eleições em todo o Brasil. A Igreja, nesses últimos anos, contribuiu muito para maior participação política do povo.

Votei PT. Inclusive por coerência ao nosso trabalho com os mais oprimidos. Mas estou votando no sertão da Bahia. Concorrem PT, PMDB e PDS. Os trabalhadores se organizaram muito para essa eleição aqui em Campo Alegre de Lourdes. É quase um sonho ver o homem mais oprimido do sistema sair para o combate político com dignidade. O PMDB parece estar também combatendo a corrupção. Fizeram dobradinhas de fiscais. Presidentes e mesários de seções, todos do PDS, alguns do PMDB por engano, nenhum do PT. O juiz manobrou e não os incluiu.

Até que na boca das urnas tudo está tranquilo. Reparei num detalhe sintomático. Alguns chegavam na seção e sua folha de votação não estava. O secretário simplesmente manda ir caçar a folha de votação em outro lugar. Onde?

A sujeira esteve antes da votação. O presidente do PDS recebeu todas as urnas, toda papelada, transferiu pessoas de uma seção a outra arbitrariamente, etc. Muitas pessoas votarão duas, três, quatro vezes.

O resultado das urnas no sertão não é o resultado da vontade popular. É uma gigantesca farsa. Um candidato da oposição, PMDB, disse aqui em casa que um partido oposicionista, para vencer, precisaria ter 80% do eleitorado. Não se arma cuidadosamente a corrupção para ninharias, mas para milhares, milhões de votos. Não tem gente na Bahia contando como certa a vantagem de 1.000.000 de votos? Tem municípios baianos exatamente com o dobro de eleitores em relação à população. É preciso considerar ainda que, na Bahia, segundo o CENSO de 80, 70% da população é analfabeta.

O pior é a cabeça do oprimido. Correndo atrás de boi assado, cachaça, etc. Realmente, nada mais ideal para o governo brasileiro que o Nordeste. Sinceramente, apesar da corrupção, eu só não queria ver os trabalhadores perderem de muito como na primeira eleição do sindicato. É duro demais.

* * *

Aconteceram algumas coisas cômicas nessa eleição. Alguns ratos acostumados ao melado, com a fiscalização, caíram no tacho.

Um deles foi um candidato do PDS a vereador. Ficou por último para votar. Ele é deficiente de um braço. Quando tentou enfiar sua cédula na urna, o fiscal do PT percebeu que ela não passava na fenda. Então meteu a mão na mão do cara. Voou chapa votada pra todo canto. A galera se arrepiou. O homem se picou. O presidente da mesa não queria inscrever na ata o ocorrido. Sururu!

Muita gente chegou com título de morto, viajante, etc. Rasgaram títulos, cédulas, gente tentou votar em títulos alheios, etc. Os fiscais oposicionistas botaram certa ordem nas seções.

O encerramento da votação é o momento propício para a trambicagem. O pessoal do PT viu dois negos correndo por trás do prédio de votação. Correram atrás. Neguinho se viu corrido e desembestou no mundo. Velocidade rara. Taí um estimulante brasileiro para as Olimpíadas: corrupção eleitoral.

De 8300 eleitores, obviamente com todas as duplicidades, mortos, etc., votaram 6500 eleitores. Provavelmente o PDS levou mais essa.

É incrível como a corrupção impera nas eleições nesse município. Deve ser em todo o Nordeste. É uma corrupção familiar, passada de pai para filho, uma espécie de corrupção coletiva. Não quero salientar a dimensão ética, mas o fato, o costume que aqui impera. De fato, não há lei. Quem está no poder forja e executa a lei conforme sua vontade.

* * *

Começam sair os primeiros resultados eleitorais de todo o país. É cedo, mas é frustrante, terrivelmente frustrante. Parece que o povo brasileiro tem mesmo vocação de escravo. Não é só sertão, basta ver que em S. Paulo ainda se vota em Jânio e o politizado Rio Grande do Sul vai dando PDS. Mas o sertão continua mesmo sendo o peso morto do país. Em nossa região há um dilúvio de votos governistas. Parece que o homem do sertão gosta de apanhar, passar fome, morrer à míngua. Dá a impressão que é imediatista, reacionário, exatamente o obstáculo para mudanças onde apenas ele pode ser o sujeito. Parece que não houve nenhuma educação política. Até Pernambuco, o Estado mais politizado do Nordeste, vai levando pau. O boi, o sapato, o remédio, a corrupção, etc., parecem superar qualquer veleidade de nova prática política. Nem no PMDB neguinho vota, quanto mais no PT. Dá desânimo, parece que a luz do túnel se apaga. O pessoal é capaz de votar no grileiro de suas terras. É incrível ver o pessoal defender com unhas e dentes suas terras e depois votar no próprio grileiro. Defende a terra por sobrevivência, mas é incapaz de olhar um pouco mais longe, de articular o mundo político em sua cabeça. A primeira reação que dá é a vontade de botar a viola no saco e cair fora. Que se lasquem! 72 mil pessoas que foram desalojadas pela Barragem de Sobradinho votam em seus carrascos. Tudo, toda essa aparência, todo esse raciocínio de opressor que fiz seria exato, se esse homem do sertão não fosse dominado até o mais fundo de seu inconsciente. Nossa raiva é grande, mas a dominação é infinitamente maior. Chamar esse homem de oprimido não é metáfora, mas é constatar que ele não tem autonomia sequer para beber água. A gente sabe e vive toda essa realidade, mas é uma cacetada. A gente só continua esperando contra todo desespero, de cabeça erguida, porque só o evangelho possibilita acreditar no incrível. É preciso ser doido!

* * *

Saíram os resultados de Campo Alegre. Frustrante como todo o resto da Bahia. Como sempre, quinze dias depois.

PDS 3900, PT 1140 e PMDB 986. Aqui o PT venceu o PMDB. Apenas Catu, Campo Alegre e Paulo Afonso conseguiram fazer vereadores na Bahia, isto pelo PT. Não fez nenhum deputado, nenhuma prefeitura. Acabou engolido pelo voto útil do PMDB. Com dois vereadores, pelo menos os trabalhadores de Campo Alegre não perderam toda sua luta. O PMDB fez um vereador.

É amargurante tudo que aconteceu no sertão e em Campo Alegre de Lourdes. Entendo a depressão de Gui, de Curaçá. O sertão parece um cadáver. Impossível alguma região do mundo mais imobilista. Como é frágil nosso trabalho, como somos frágeis diante de toda essa paralisia.

* * *

Os jornais e revistas comentam a ampla derrota do PT. São opiniões tipicamente imediatistas, jornalísticas. Elas não consideram o passado e julgam que não haverá futuro. Para jornalista não existe a História. Suas opiniões duram exatamente um dia. Julgo que nem o pessoal do PT quer negar essa derrota, mas também não se pode ignorar que o PT sempre anunciou que primeiro quer organizar o povo politicamente, só depois conquistar o poder. Mas algumas revistas esquecem-se que o "fazer-se" pressupõe a História e a História pressupõe o tempo. Por isso, opiniões como a de *Veja* sobre a derrota do PT são extremamente superficiais e exalam um cheiro de medo e vingança.

* * *

Essa noite sonhei com cemitério. Quando sonho com morte, normalmente afloram túmulos velhos e cadáveres em decomposição. Esse foi diferente. Eu estava andando pelo meio de uma caatinga rala e verde, de repente saí num cemitério. Nenhuma cova aberta ou com cadáveres à mostra. Ao contrário, na cabeceira de cada cova havia um ipê amarelo e todos estavam dobrados de flores.

* * *

Esse sonho me trouxe a recordação de um dos raros sonhos que nunca esqueci na vida. Eu já morava na Bahia e fui de férias. Estava em casa de meus pais. Numa noite sonhei que estava na casa em que me criei até os quinze anos, no interior de S. Paulo. Eu estava na frente da máquina de beneficiar arroz que meu pai e meus tios tinham. Desceu então um coche fúnebre todo revestido de roxo. Atrás, um grupo de moças, também vestidas de longos vestidos roxos, dançavam frevo com sombrinhas roxas. O coche foi

na direção da casa de meus pais. Bateram na porta. Eu, que vi o cortejo descer a rua, já estava dentro da casa e saí para abrir a porta. O rapaz que dirigia o coche estava também de roxo, mas extremamente pálido. Era a morte. Ele disse assim pra mim:

— Vim buscar você.

Eu respondi no ato:

— Prefiro ir pra Bahia.

Acordei. Mas sempre achei que isso é cena pra Bunuel.



A praça central de Campo Alegre.

* * *

Estamos de retorno a Campo Alegre de Lourdes, depois de uma leve retirada para esfriar a cuca. Rub já chegou de S. Paulo. Terezinha, a menina que trabalha em nossa cozinha, nos esperava. Aproveitamos e trouxemos alguns galões com água de Remanso. Nosso poço ainda tem um pouco de água e deu para tomar banho. Depois de tantas horas de viagem a gente só quer a rede.

25 de novembro. Anotei os acontecimentos de nossa vida por mais de dois anos. Com mais ou menos intensidade, dependendo dos acontecimentos. O primeiro ano não tive cora-

gem de anotar nada. Tudo era por demais surpreendente. Essas eleições foram um marco em nossa caminhada. Elas nos fizeram ver que as mudanças não serão simplistas, mas um desafio histórico para a Igreja e para todo homem que tem sede de justiça. Pressupõem a História. Pressupõem pessoas que dediquem suas vidas sem esperar retorno. Exige o amor pelo amor.

9h da manhã. As ruas de Campo Alegre estão desertas. Apenas algumas crianças brincam nas ruas. Passam algumas mulheres com latas d'água na cabeça. Vi um cachorro entrar num beco com o rabo abanando e desaparecer. Está muito quente. O sol é uma imensa hóstia de sangue que brilha no céu azul, calcinando as folhas secas da caatinga. Olhando as estradas arenosas que se abrem nas caatingas, a procissão de jegues e meninas buscando água, vejo a vida incerta do nordestino, assim como a História que se descortina no horizonte azul. Andarilho como sempre, o sertanejo passeia seu corpo franzino pelo império da morte...

* * *

A seca se agudiza. O céu continua desesperadamente azul.

* * * A

"O PDS é um partido nordestino" (Tancredo Neves). O mais exato é ler literalmente a legenda, já que as capitais não votaram no PDS: Partido do Sertão.

* * *

Vai entender a cabeça do nordestino! Aqui em Campo Alegre, os mais briguentos pelo PDS, caindo aos pedaços pela caatinga, morrendo de fome e sede, esperaram apenas passar as eleições para migrar. Hoje saíram seis paus-de-arara vertendo gente pelas carrocerias. Vão para Brasília. Vários dias de viagem sob o sol inclemente do sertão. Vão inchar as periferias das grandes cidades. Ficam as crianças, as mulheres e os velhos. Cada vez mais eu entendo menos essa região.

* * * A

Seca entra em extremo. Sumiram os pipas eleitorais e a situação vai ficando medonha. Pela primeira vez, realmente, sinto medo do sertão.

"Chuva começa cair afugentando a estiagem"

"Águas rápidas molham Ilhéus"

"Em Feira, nublou, mas não caiu"

"Em Juazeiro a seca já assusta"

"Em Curaçá, comida é xique-xique"

"Em Jequié um menino já morreu"

Todas manchetes de chamada em *A Tarde* (05.12.82).

Em Campo Alegre os trabalhadores perambulam pela cidade procurando pelas frentes de serviço. Passam dias e dias pelas ruas, dentro de nossa casa, como quem não resta senão esperar o acaso. Caiu uma chuva leve e nosso poço voltou a criar água. A situação é tensa. O clima é enervante. Nosso bispo andou por aqui fazendo crisma e partiu arrasado. "Dá vontade de virar o mapa de cabeça pra baixo" (Figueiredo). "O importante não é virar o mapa, mas mudar a política" (*A Tarde*).

* * *

"O cara ia votar no PDS antes das eleições porque só o governo pode socorrer o povo. Votou e não recebeu nada. Agora tá morrendo de fome e fica doente. Agora gosta do PDS porque foram os caras que deram um Doril pra ele. O cara morre e vai pro cemitério. Na ida é capaz de botar a cabeça fora do caixão e dizer: "Tô com o PDS e não abro. Foi ele que me deu o caixão".

Trabalhadores contando e rindo de seus companheiros renitentes.

* * *

Os trabalhadores continuam perambulando pela cidade. "Meus meninos não vêem a cor do feijão há tempo e isso me deixa a cabeça doida. Dia 20 basta um segurar a porta do armazém que eu jogo a mercadoria pra fora". O trabalhador falava de um rumor que percorre a caatinga. Tem gente disposta a invadir e saquear essa cidade.

* * *

Três jegues estão mortos na borda da lagoa. Vieram beber e ali morreram. As mulheres passam perto, tapam o nariz, enfiam suas latas na água e partem. Acaso, num golpe de sorte, chovesse, os três jegues se decomporiam na água da lagoa.

* * *

Chegou a notícia de que duas crianças morreram de sede e desnutrição em Caraíba, povoado de Campo Alegre.

* * *

O povo continua migrando. A migração de um membro da família assemelha-se à morte. No dia anterior a sua partida, pela noite, todos os parentes, vizinhos, amigos, vêm visitá-lo. Há muito choro, muito conselho, muita cachaça. Há

peessoas que partem para logo voltar, outros com prazo de dois ou três anos, outros sem prazo algum. Muitos partem e jamais mandam notícias, também jamais retornam. Muitas mães choram filhos que partiram há dez ou doze anos sem jamais ter deles notícias. Às vezes chega notícia da morte de algum parente, amigo ou filho. O luto, reforçado pela ausência, parece mais necrófilo ainda. Muitos reaparecem repentinamente para a surpresa geral. De longe vêm soltando fogos. Quando fogos espocam nas noites da caatinga, o povoado todo acorre para ver o *paulista* que acabou de chegar. Contam-se os fatos, corre cachaça e, se der, um forró.

O retorno é um fenômeno interessante. O baiano volta todo "paulista". Rádio, gravador, jeans, juponas, etc. Vem um vocabulário forçado, assim como um forçado sotaque paulista, inclusive o nosso horroroso "r". Criticam a vida do sertão e fingem desconhecer a realidade local. Ele assume o verniz que a sociedade de consumo impõe às classes baixas. Dois ou três meses depois o sujeito já está sem grana, pregado na roça, queimado de sol, falando rasgado e abaianado novamente.

Mas, vivendo no sertão, dá para entender melhor a sede de conhecer S. Paulo. Para quem vive nessa condição desumana, o sonho do eldorado, fantasia que os companheiros ajudam a construir, é esmagante. Por isso, a cidade grande continuará a ser por muito tempo o fascínio do nordestino. A verdade é que aqui se migra por necessidade e por curiosidade. Mas como disse nossa vizinha: "Eu não gosto de S. Paulo. Ele engole nossos filhos".

* * *

— "Lá no meu povoado dois já tiveram ataque. E não foi do cão, não, foi de fome. Empacotou. Pummmm..." (Paulão, Nova Vista).

— "Ali no Caracol veio um caminhão com uma família toda. Comeram mucunã e embebedaram" (Manoel, Angico).

— "No meu povoado só tem duas família passando fome mesmo. Logo os mais pobre, brigado com a gente e puxa--saco do PDS" (Lídio, Flores).

O pessoal só fala da fome e da sede. O céu escurece todos os dias, mas a chuva não cai. Muitos começaram a comer raízes selvagens. Em Curaçá o povo já come xique--xique assado.

Mucunã é uma planta selvagem. Faz-se dela uma farinha como se fosse de mandioca, e da farinha, um alimento pa-

recido com beiju, elaborado do polvilho (tapioca). Mas a mucunã é arquivenenosa. E na belíssima expressão do povo, para ser consumida inofensivamente, "deve ser lavada em nove águas". Caracol é nossa cidade vizinha e fica no Piauí. Ps: Mucunã, cientificamente comprovado, não é venenosa.

* * *

"195 municípios da Bahia em estado de emergência" (*A Tarde* 16.12.82).

Mesmo assim não se tomam providências sérias. Os trabalhadores de Campo Alegre marcaram data para uma assembléia no sindicato. Dependendo do resultado falam mesmo em saquear a cidade. Há, por hora, promessas de frentes de serviço.

Mas a realidade nordestina tem um "quê" de definitivo, ou seja, definitivamente irremediável. Não existe nenhum projeto a curto, médio ou longo prazo para erradicação da miséria nordestina. A experiência nesses três anos de sertão ensina que, ao contrário de lutar para erradicar a miséria, há um gigantesco esforço de preservar essa miséria para que o poder seja preservado. Essa servidão humana é a fonte do poder político nordestino, é essa fonte de votos que confere ao sistema certa aparência de legitimidade. Os políticos que alcançam o poder, mesmo de selo oposicionista, ao contrário de combater essa lógica, esforçam-se por sedimentar seu poder sobre a miséria do povo e pela lei do coronelismo moderno. A luz da organização popular, provou-se nas eleições, terá que resistir milagrosamente às pressões e opressões do poder. Parece que ainda não é agora que o incêndio irá alastrar-se. É a única saída, mas projeta-se para um futuro insondável.

No poder, já tivemos imperadores, reis e presidentes. Não faltaram os ditadores e o verde-oliva de quatro estrelas. Ninguém teve interesse real para solucionar os problemas nordestinos. A SUDENE é apenas um cadáver a mais no sertão. Mas ninguém jamais conseguirá abafar o grito surdo que aflora nas caatingas calcinadas. O Brasil inteiro sabe, o mundo todo conhece, o inferno que aqui impera. Os homens do poder detêm muitos poderes e esforçam-se por dourar a miséria. Inutilmente. Nenhum deles apossou-se ainda dos poderes de Midas e ninguém conseguirá transformar bosta em ouro.

* * *

"Os pobres fizeram opção pelos ricos", é a conclusão de Henfil no seu Puebla II, comentando o resultado das elei-



Menino da seca.

ções. É ura evidente desabafo, mas há nessa piada verdades trágicas e uma afirmação perigosa. A verdade é que o pobre ainda põe no engravatado sua esperança, isto é, nos seus carrascos. O perigo é acreditar que, de fato, essa atitude é uma opção, quando na realidade é um vício. A realidade é que o fato do sertão votar nesse governo é a prova máxima que ele é radicalmente oprimido. Se votasse na oposição, já haveria nessa consciência a chama da liberdade. Por ora, há um fio de luz. E nossa opção é por esse pobre aí, real, que acredita nos seus algozes e não em si mesmo.

* * *

Conselho popular nordestino, em forma de verso, para época de seca:

"Quem está duro
faz do eu candeeiro,
vai vende na feira
pra pode ganha dinheiro".

Arretado!

O SAQUE

As atitudes do homem do sertão parecem contraditórias, mas são extremamente lógicas. Como o sertanejo é capaz de votar massivamente no governo e um mês depois invadir a cidade, prensar seus políticos em suas casas e saquear seus armazéns? Mas é uma contradição apenas aparente, já que a lógica do sertanejo não é ideológica nem política, mas a lógica da sobrevivência. Ele vive da mão para a boca, do pão de cada dia. Não acumula e nem possui futuro. Não por deliberação própria, mas por imposição de sua condição humana. Ele vota em um partido para ganhar o pão daquele dia e depois saqueia seus armazéns para adquirir o pão desse novo dia. Ele vive de cada passo, pois o próximo pode ser a migração, a doença e a morte.

A fome vem se acumulando nos três últimos anos. Estamos no pique da seca. Não resta mais água nem mantimentos. Não chove e por isso desaparece qualquer perspectiva para o próximo ano. Mas ninguém esperava pelo saque, pelo menos, no estilo em que se deu.

Havia uma reunião marcada para o sindicato, às nove da manhã. Eu estranhara a viagem que fizera de Remanso a Campo Alegre no dia anterior. É uma distância de 114 km. Os amigos de equipe haviam ficado em Remanso. Ao entrar em Angico, primeiro povoado do município de Campo Alegre, muitas mulheres começaram a entrar no ônibus. Assim foi durante todo percurso de 36 km até a sede do município. O ônibus chegou abarrotado. Como eu conhecia muitas pessoas, elas foram contando sua condição. Muitos familiares migrando para S. Paulo, Brasília, arretirando-se para as margens do S. Francisco. Muitas famílias estão se alimentando à base de coroa, mucunã, calango assado, etc... Uma das mulheres disse que todas iriam para a cidade e o atendimento das autoridades sairia por bem ou por mal. Falou com firmeza, como quem não tem nada a perder. Contou ainda que os homens marchariam a pé, saindo às 8 da noite para chegar em Campo Alegre pela madrugada. Só daquele recanto de Campo Alegre viriam mais de oitenta homens a pé.

Chegamos em Campo Alegre às 7 da noite. Não havia nada em casa. Apenas alguns trabalhadores vieram pedir pousada.

Mas, por um acaso, cruzei com o prefeito eleito do PDS na rua. Conversamos. O assunto foi o povo. Ele disse que estavam se esforçando para conseguir frente de serviço. Ouvi o que ele disse e falei o que tinha para falar. Foi uma conversa tranqüila. Fui dormir e, para o horário do sertão, levantei tarde, às 7:30h. Quando olhei, vi que não havia mais um trabalhador em casa. Saí na calçada e, para surpresa total, o saque já havia acontecido. O primeiro foi às 6h da manhã e o segundo se realizava naquele momento.

O saque foi surpreendente. Os trabalhadores se reuniram cedo, chegando das caatingas. O pessoal dos arrabaldes da cidade somou com os caatingueiros. E o saque teve uma conotação política, mas legítima. Saquearam em primeiro lugar o armazém do prefeito da cidade. Pelo sábado haviam chegado três caminhões de mantimentos e ele se recusara a entregá-los ao povo. Seu armazém foi o primeiro a ser saqueado. Com alavancas de madeira rompiam as barras de ferro das portas e atacavam feito loucos. Arroz, feijão, carne granulada, bebida, enxada, enxada, machado, junções de bicicleta, papel higiênico, veneno, etc... O veneno caiu pelas ruas. Os bodes e vacas lamberam e ali morreram. Algumas pessoas ficaram intoxicadas e precisaram de socorros médicos. Alguns trabalhadores afirmaram que um dono de armazém espalhou veneno sobre os alimentos para que o povo comesse e morresse. Outros diziam que era apenas uma desculpa para amedrontar o povo. Mas no armazém saqueado não sobrou uma agulha. Conta-se que mulheres fracas foram vistas carregando dois sacos de açúcar nas costas. Outras com papel higiênico, caixas de óleo, carne granulada, etc...

Depois foram à casa do prefeito. Queriam saquear sua casa. Os trabalhadores disseram, posteriormente, que esse homem chorou como uma criança. Por incrível que pareça, seus eleitores é que foram saquear sua casa. Gritavam que o tinham eleito para cobrá-lo com mais autoridade. No desespero, pediu que, ao contrário de saquear sua casa, saqueassem o armazém do secretário da prefeitura. Não precisou segunda ordem. A massa humana, a essas alturas mais de 3 mil pessoas, disparou na direção do armazém. Parecia mais uma manada de animais famintos. Arrebentaram as portas e saquearam absolutamente tudo. Teve aproveitadores da cidade no meio. Alguns levaram demais, a maioria não adquiriu bem algum. Dirigiram-se a um terceiro armazém, mas estava vazio. Então ameaçaram saquear um armazém particular. Os donos postaram-se nas portas e choravam como

bebê de colo. Alguns trabalhadores tomaram a frente e pediram aos demais para respeitar o que era alheio. A consciência do sertanejo é mesmo delicada. Não saquearam. Os que tinham bens saqueados dos armazéns anteriores, partiram para suas casas. Enquanto alguns partiam pelas estradas com os sacos nas costas, outros chegavam. Os políticos e comerciantes da cidade se reboaram e contataram com Juazeiro, Salvador, etc... Veio promessa de recursos. O povo cessou os saques. Fizeram reunião no sindicato. A promessa era que caminhões de mantimentos chegariam pela tarde. Numa demonstração extremamente pacífica de suas ações, os trabalhadores decidiram esperar até às 4h da tarde. Nesse horário, pousou um avião de um deputado do PDS baiano, agora eleito deputado federal por essa região. Estava muito pálido. Começou sem saber o que falar. Estava com medo. Então aconteceu uma cena extremamente trágica e emocionante. Milhares de flagelados ergueram silenciosamente os sacos vazios no ar. Eram milhares de pedintes, esmolecos governamentais. Ele começou a prometer. Mais uma vez a lógica do sertanejo se fez presente. Uma parte do povo aplaudiu freneticamente o deputado. Quando se viu apoiado, ganhou moral. Elogiou o povo, falou de sua fidelidade ao povo, criticou os agitadores e subversivos. Nas ruas se comentava que o cabeça era o bispo, a equipe paroquial, as comunidades, o PT. Alguém se trancou em uma casa do centro da cidade, ergueu um alto-falante no volume máximo e acusava o bispo sem que ninguém pudesse identificar quem gritava. Mas o deputado continuou falando que os caminhões de alimentos viriam pela noite ou pela madrugada. Ao mesmo tempo viriam as fixações para as frentes de serviço a todos os necessitados. Mais uma vez o povo decidiu esperar.

Já era na boca da noite. Em nossa casa secaram o poço e a caixa. Não havia alimento. Todos os armazéns fechados e era impossível comprar um pão. Durante todo o dia não houve praticamente o que comer. Os comerciantes decidiram distribuir ao povo todas as rapaduras e bolachas da cidade. O povo comeu. Mas o estado era de necessidade. O povo não partiu, decidiu passar a noite pelas ruas, esperando pelos caminhões. Em nossa casa, no centro social, nos fundos, alpendres, havia pessoas esticadas no chão. Nas ruas da cidade viam-se cenas inimagináveis. As pessoas deitadas nas calçadas, umas ao lado das outras, com os pés esticados para a rua. Eram milhares de flagelados estirados nas sarjetas. Foi impossível dormir. As portas da casa do centro social

ficaram abertas a noite toda. As pessoas entravam e saíam a todo momento. Às 4h da manhã os trabalhadores que dormiram em nossa casa foram para a rua. Pela madrugada chegou um ônibus com policiais de Juazeiro. Os caminhões com alimentos chegaram tarde, às 10 h da manhã. A fixação foi prometida para ser realizada nos povoados. Mas nesse dia havia mais pessoas que no dia anterior. Cerca de 4 a 5 mil pessoas abarrotavam a pequena cidade. Chegaram dois caminhões com emblemas da empresa do deputado, o que é muito significativo. O povo fez as filas com ordem. Cada um recebia uma ração de mantimentos suficiente para uma família passar um dia ou dois. Obviamente era um alibi para dispersar os trabalhadores e evitar novos saques. Então, por horas a fio, homens e mulheres tomavam as estradas da caatinga com suas rações nas costas. Mas eles querem mesmo é a frente de serviços. Partiram nessa esperança imediatista.

Por enquanto os ânimos serenaram. Não se pode generalizar, é evidente, mas ninguém pode estar seguro em relação aos famintos nordestinos, nem mesmo os políticos por eles eleitos. Aquele que é tido como amigo, amanhã poderá ser considerado inimigo. Depende do momento, assim como impõe a lei da sobrevivência.

* * *

Posteriormente andamos conversando mais sobre o saque. O que mais nos encucou foi a atitude dos eleitores do PDS. Sinal que a educação política não é vã. Eles não são capazes de transformar em voto sua miséria, mas são capazes de outros gestos políticos, por exemplo, saquear o armazém do prefeito e do secretário da prefeitura. O mais interessante é o fato explícito: "Nós elegemos você para cobrar com mais autoridade".

Achamos também que um fato como o saque é raro. De fato, é efeito da combinação de muitos fatores que, somados à fome como ultimatum, eclodiram numa data que se fez oportuna.

* * *

Trabalhadores a respeito do saque:

"Foi a coisa feia mais bonita que já aconteceu aqui".

"Gostaria que o povo fosse unido desse jeito pra tudo, não só na hora da fome".

"Viu como entenderam rápido tudo que o povão queria?"

"Isso é coisa desses comunistas" (prefeito).

"Esses diabos de PT não têm direito. Só têm direito de roubar nós que votamos no PDS" (trabalhador eleitor do PDS).

"Não foi roubo, peguemo o que era nosso".

"Depois de um ano tão ruim, tô admirado duma coisa bonita dessa no fim do ano".

"Quando é que vai ter outro?"

* * *

Os alimentos já foram distribuídos. O povo voltou para suas casas. A CODEVASF já está no município fichando o povo para as frentes de serviço. Há promessas de poços artesianos. Esses dias têm ameaçado muita chuva.

* * *

Outras dos trabalhadores:

"O povo parecia uma onda que crescia e voltava".

"Tô numa alegria que se pular bato a cabeça no teiado".

"Lavei a alma".

"Perdemos no sindicato, na política, mas nessa tivemos a vitória que valeu tudo".

"Num tinha PMDB, nem PDS e nem PT. O povão tava num sentido só".

"Tá provado: a união faz milagre".

"Pra ser igual à greve do ABC só faltou o Lula".

Ed e Crist estiveram aqui em Campo Alegre para conversar sobre o saque. Trocamos várias idéias. Eles conversaram com vários trabalhadores. Todos achamos que o fato é significativo para toda área. Basta ver os efeitos: caminhões de mantimentos em 24 horas; frentes de serviço instantâneas para toda a população; promessas de aberturas de 30 poços artesianos em todo município, sendo que dez imediatamente; frentes de serviço imediatas para Remanso, Pilão, Casa Nova, Curaçá, etc. Como disse Antônio: são reivindicações que cansamos a munheca de exigir através de abaixo-assinado. "Os homens são capazes de fazer num dia aquilo que exigimos durante quatro anos". Como disse outro trabalhador: "Nós saqueemo dois. Depois sentemo na calçada e demo prazo

até quatro horas. Ou vinha ajuda, ou a gente arrebentava o resto. O povão tava de cálculo. Nós esperemo sentado. Quem se matou pra conseguir as coisas foi o prefeito e os comerciantes".

Um fato desses faz a gente relativizar na cabeça aquela idéia de que o homem do sertão é mesmo imutável. A verdade é que ele escapa aos nossos conceitos e é capaz de surpresas decepcionantes ou maravilhosas. Na próxima eleição o PDS poderá ter uma vitória ainda mais arrebatadora, mas ninguém pode prever o dia seguinte. E ninguém pode prever sequer a eleição. Mas vai ficando claro um ângulo que Ed gosta sempre de salientar: nas lutas concretas, os trabalhadores vencem todas.

Natal. Estávamos desesperados com o Natal desse ano. Celebrar o quê? Fome e sede? Falar de boa-nova em meio a tanta miséria? Qualquer cerveja gelada ou um pedaço de assado desceria atravessado. A noite estava absoluta. O saque virou festa e o povo comerá dos alimentos repartidos nas filas. A perfuratriz de poços já está no município. Deus se fez presente nesse inferno, ao menos por um instante. Por isso, as comunidades celebram o Natal com satisfação.

As pessoas aqui de nossa equipe já conheceram a fartura nessa época do ano. Nem aqui vivemos na miséria do povo, mas é um estilo de vida extremamente sóbrio. É por opção. E ninguém aqui da equipe cultua a miséria. Intelectual é que gosta de miséria, pobre gosta de luxo, dizia o carnavalesco. A verdade é que a miséria sempre repugna. A opção da Igreja pelo pobre é na perspectiva de erradicar a miséria, não de sacralizá-la. Não é nada mau no dia de hoje sentar-se com a família em volta de uma mesa, comer e beber bem. Mas o Natal capitalista é sacrílego, é a aplicação do Cristo na sociedade de consumo. Apenas um produto a mais. Enquanto isso, hoje, 25 de Dezembro, milhões de nordestinos passam fome e sede. Um dia virá o Natal.

Enfim, a chuva caiu com abundância. Estávamos fora, em Pilão Arcado. Na viagem fomos encontrando as poças pela estrada. Ao chegarmos em casa, a caixa estava cheia e o poço havia "feito água", como diz o povo. Mas parece que foi apenas nessa região. A questão da seca a nível nordestino continua.



Enchente do Lago de Sobradinho.

Chegou Am, agora como padre. Ele assume a paróquia de Campo Alegre de Lourdes. Nós vivemos aqui sete anos sem padre. E todos concordam que foi muito útil. Nós três

da equipe somos leigos e toda atividade das comunidades e paróquia foi feita por leigos. Antes de nós a Lá, irmã, trabalhou quatro anos a sós. Agora com Am, pessoa saída desse povo e de volta a esse povo, tudo haverá de melhorar. Ao menos para as comunidades mais conscientes de que a Igreja é o povo e não o padre, é irreversível. Am é bastante lúcido e logo descobrirá, na prática, seu papel junto às CEBs e elas entenderão de modo mais evangélico a função ministerial do sacerdócio.

* * *

Continuam as fichações pelo Interior. Todos são fichados. Os poços tubulares continuam sendo abertos. Agora, com as chuvas, muitos trabalhadores procuram o caminho de suas roças.

Acabo de ler o livro *Coronelismo, enxada e voto* e estou meio apavorado. Todos os vícios eleitorais que esse livro escrito em 1949 denuncia, estão intactos até hoje. É prova do imobilismo do sertão, causado, é verdade, pela condição desumana que aqui impera. Há novidades, como saques e uma maior penetração de consciência política, mas é uma chama frágil, é preciso reconhecer, que faísca nessas noites de chumbo. E o livro cita um tal de deputado Domingos Velasco, em 1934: "É a única solução honesta para a democracia liberal no Brasil, porque legaliza a instituição de fato que é o caciquismo. Se isso repugna aos Srs. Constituintes, teremos então de enveredar pelo caminho da libertação das massas rurais, garantindo-lhes a subsistência, para que elas possam, na realidade, ser livres politicamente".

E no rodapé do livro, p. 249, ed. 1975, tem essa nota assacada dos anais: "...se mantivermos as mesmas deficiências econômicas atuais, é inútil pensarmos em modificar nossos costumes políticos. O Brasil, bem ou mal, continuará a ser dominado pelo caciquismo municipal, estadual e federal".

Perduram o coronelismo e a servidão humana. Nada mudou, então. Apenas o coronelismo se modernizou e aflorou a organização popular. Mas o coronelismo moderno merece ser considerado à parte.

* * *

Época de reisados. De 25 de Dezembro até 6 de Janeiro a música dos reisados baterá nas portas das casas. As chuvas reabriram suficientemente o ânimo do povo para cantar.

Para meu gosto, o reisado é a arte popular mais elaborada da área. As melodias são simples, mas extremamente

melódicas. Ritmadas, como toda música nordestina. Uso constante de sétimas e sempre cantadas em terça ou em quinta. Com os graves do homem do sertão, o conjunto de forró, os agudos das mulheres, são extremamente envolventes. As músicas elaboradas nas CEBs, apesar de seu valor prático e de exprimirem uma época de luta do povo, de modo algum têm a riqueza artística dos reisados. São versos simples, de uma alienação gostosa, maliciosos, profundamente poéticos. Às vezes carregam o inconsciente coletivo do povo. Um dia me assustei quando a letra de um reisado contava toda vida da corte e falava nos "passinhos de Angola", "passinhos de Guiné", "D. Pedro II", etc. O povo cantava sem saber o que cantava.

Agora é época de alegria. O reisado chega na porta e canta:

Ôi de casa, ôi de fora, Ôi
de casa, ôi de fora, Maria
vem ver quem é

Somos cantado de reis Somos
cantado de reis Quem mandou
foi S. José Quem mandou foi S.
José

Senhora dona da casa Se
componha e venha fora Se
componha e venha fora Venha
recebe o reis Venha recebe o
reis Por Jesus, N. Senhora.

Há uma música de entrada, uma de chamada, depois canta-se muito dentro da casa. O dono da casa dá uma cachaça, qualquer grana ao grupo que vai para outra. Muitas CEBs usam do reisado para visitar outras. Época de namoro, um beijo no escuro, algum casamento no queima. É o lado belo do sertão.

* * *

Inicia-se o novo ano. As perspectivas são as piores, aliás, o futuro do país. Mas o presente já é por demais ruim para se agourar o futuro. Em época de crise e carestia, basta a cada dia o seu dia.

Passamos o final do ano em "Morro Cabeça no Tempo". É o local da solidão cósmica. Terra de Am, agora padre. Já

não tive a impressão de tanto isolamento. Houve missa com seus familiares no dobrar do ano. Depois nos sentamos sob uma figueira, à luz do candeeiro, e bebemos uma cachaça.

Estava presente um contador de histórias. E esse homem resolveu contar. Como se mente com a cara tão deslavada! Mas o homem é um mestre no ofício. Os outros tentaram acompanhá-lo, mas só Joaq, ancorado em Graciliano Ramos, conseguiu se aproximar do homem. Contou que um sujeito tivera seu estribo de prata picado por uma cobra. A cada lua o estribo inchava e ele retirava 25 kg de prata.

O velho olhou, nem piscou, cuspiu de lado e saiu:

— Ah, pois! Duvido não. Eu tava caçando com uma cartucheira cheinha de prego. Vi a pintada, mas só o rabo. Passei fogo. Preguei a danada na árvore. Ela rosnou feio. Ranquei o facão e parti pra riba. Lasquei no meim da testa. Ela caiu e volto. Lasquei outra na testa, fazendo cruz com a primeira facãozada. A danada esperniou, forçou e saiu em carne e osso na corrida, largando a pele pregada na árvore. Num aproveitei a carne, mas aproveitei a pele.

A platéia delirou. Aí outro contador tentou superar o velho. O interessante é que os outros contadores não duvidam nem riem do caso do outro. O desafio para eles é superar o adversário na dimensão do caso. O que não é mole.

Eu fiquei relacionando aquele fato com as asnices da TV. Em nome de certos progressos medíocres, matou-se muito a cultura do povo.

* * *

Em casa. Rumor na cidade de que foi depositada na casa do prefeito uma carta anônima, ameaçando saque dia dez. A rua está alvoroçada. Pode ser uma jogada deles próprios, ou então algum alegre que pensa ser todo dia festa. O povo, na realidade, está aproveitando as chuvas finas para plantar. Mas já deu para perceber que os homens da rua tão com psicose de saque.

* * *

Houve algazarra na igreja de Curaçá quando Pe. Gui denunciou o prefeito como responsável pela morte de uma criança. Teria negado ambulância, mandado procurar com o padre, já que o homem era membro de comunidade. Ao citar o fato na igreja, a missa foi interrompida por perturbadores. Gui foi para a casa e esteve rodeado a noite toda. Amenizou pela manhã.

Em Remanso, Lu e Lá receberam telefonemas ameaçadores. Gui, o de Pilão Arcado, também foi ameaçado. Aqui

em Campo Alegre o pessoal da rua disse que se houver novo saque dia dez, destruirão a casa paroquial. O tempo está mesmo seco e quente.

* * *

Já não sabemos se os homens da rua estão mesmo apavorados com o rumor de um novo saque ou se estão tramando para nos incriminar. Andaram telefonando para fora, nos acusando e pedindo nossa prisão. Aliás, foi o que tentaram nos dias do saque, mas não conseguiram quem os ouvisse nessas idiotices. Agora houve a carta anônima, se é que houve. Vamos ver se conseguirão nos engaiolar.

* * *

A rua silenciou. A CODEVASF (batizada pelos trabalhadores de Cu-de-Vaca, na realidade Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco) chegou para começar o trabalho. A carta anônima foi esquecida e o saque do dia dez é página morta, até que apareça nova fofoca. Em cidade pequena, fofoca é como fogo em gasolina. Não é fácil se acostumar com esse clima. É preciso afiar os ouvidos para que o falatório entre por um e saia por outro, caso contrário, a gente enlouquece. Como disse um trabalhador: "Eles falam, falam, e depois que falam, calam a boca como se já tivessem feito". O saque, porém, é uma abóbora entalada na garganta dos tiranetes da cidade. Para eles é incrível que o povo se rebele e ninguém seja preso. Pior ainda é verem as frentes de serviço entrarem no município sem passar por suas mãos. Deve ser a primeira verba na história desse município que eles não metem as mãos. Chega um carro de técnicos, porém, e eles apinham feito abutres na carniça. Até agora foram relegados.

* * *

"Marx abre, no plano cultural, o início de uma idade que durará provavelmente séculos, isto é, até o desaparecimento da sociedade política e o advento da sociedade regulada" (Gramsci).

Dentro de algumas décadas, talvez, o povo nordestino entre para uma sociedade política. Estamos para a sociedade regulada como a descoberta do fogo para a informática.

* * *

Pelas caatingas. O povo reclama da fome continuamente. Um trabalhador disse que no primeiro de ano matou uma galinha, outro deu um pedaço de bode, outro uma cachaça

e festejaram dois anos de fome. Segundo ele, a comunidade festejou a sobrevivência de todos.

Zebinha, Sta. Úrsula, disse que o povo come um dia, outro não. No dia que come, almoça, mas não janta. Ou o contrário. O povo está mesmo mais esquelético e pálido como nunca. O pior é que as roças estão a zero, não há mais sementes para arriscar nas poucas chuvas e até maniva (rama de mandioca) desapareceu por completo com a seca.

As "Frentes de Serviço" estão entrando aos poucos e as bases organizadas resistem aos políticos, essa praga viciada que nem a seca mata. Mas fala-se novamente em saque com muito mais ódio. Se sair, Campo Alegre vai virar praça de guerra.

* * *

Peixe. Primeira missa de Am por aqui. Visitamos a maior barragem do município, depois daquela de Campo Alegre. A única que continua com água. Vimos o povo trabalhando nas "Frentes de Emergência". Emergência para o governo, que com isso acalma o povo. Mas não para o povo que trabalha há quase dois meses e ainda não recebeu um salário. O povo queria socorro e não serviço. Esse já tem demais. Mas um indivíduo, ou um governo, quando perde o homem como objetivo principal, desconhece limites em sua crueldade. Havia umas trinta crianças de doze ou treze anos. Trabalhando firme. Pela tarde deu uma forte chuva com muito vento. É a primeira vez que as chuvas caem sobre plantas pequenas.

* * *

O pobre também mantém humor em relação a suas desgraças. Contam e riem de suas descobertas nas grandes cidades e no contato com o mundo moderno. Vi um contando quando, em 55, chupou o primeiro picolé em S. Paulo. Enfiou tudo na boca e mordeu. Na reação, cuspiu tudo na cara do pai.

Vi pessoas contando quando apareceu o primeiro caminhão em Campo Alegre. Todos queriam dar uma volta. Mas o barulho assustou um sujeito. Ele confundiu com o turro de uma onça. Quanto mais corria, mais a onça turrava. Levou mandacaru no peito e saiu em outra ponta da caatinga em frangalhos.

Outro contou a respeito do primeiro avião. Céu azul, mas aquele barulho terrível de trovão no céu. Para todos era o fim do mundo que chegava. Foi então que uma mulher gritou:

— Perdoa, marido! Fui falsa com você só três vês!

Quando o avião passou ele acertou as contas.

Imaginem outro que nesses dias saiu das caatingas para o Iraque. Voltou contando novidades para seus boquiabertos parentes. Contou do deserto, do petróleo, *etc.* No Iraque, dizia ele, quem falar que Jesus ressuscitou, apanha. Disse ainda que a bíblia deles é um "corão". Com certeza os outros imaginam uma tremenda pele de boi esticada. Seu maior espanto, porém, é que no Iraque, de repente, todos se ajoelham e "cheiram o chão".

* * *

83 está começando mesmo quente. Mais ameaças em Remanso. É incrível como basta relar nos calos das oligarquias nordestinas para entrarem em histeria.

* * *

Quando a criança terminou de nascer, ela tomou a faca e sangrou seu pescoço. Após a sangria, esquartejou-a e lançou seus restos na caatinga. Os membros da criança foram encontrados pelos vizinhos que deram parte na polícia. A polícia prendeu-a quando voltava da lagoa. Depois souberam que ela ainda estava com a placenta pendurada entre as pernas. O fato foi nessa semana, aqui em Campo Alegre.

* * *

É de esquentar o pavio. Agora chegou um aviso de Pilão Arcado para nos precavermos. O homão daqui teria andado em Pilão Arcado buscando pistoleiros para dinamitar nossa casa. Como não encontrou, deixou um bilhete para um terceiro procurar o pistoleiro. O aviso chegou como se a dinamite já tivesse para estourar. OK, qualquer chiado e a gente corre, mas duvido que o Rio-centro tenha pousado na caatinga.

* * *

Am contínua celebrando pelo Interior. São suas primeiras missas nas comunidades. Passará uma por uma, fazendo seu primeiro contato com o povo. Eu e Rub estamos com ele. Joaq ficou em casa. Continua chovendo fino e o povo está mais animado. As frentes de serviço com seu salário mensal de 11 mil cruzeiros estão em todos os recantos do município. A situação pode amenizar de fato.

* * *

Continua chovendo fino.

* * *



Trabalhadores reunidos.

Enfim, uma boa reportagem sobre a situação do Nordeste, agravada pela seca. *Fome no Nordeste brasileiro*, de Ivo Patarra. É um apanhado mais englobante de toda a área, tomando os lances mais agudos do momento.

É o que vive o povo diariamente. O próprio jornalista andou em Juazeiro nesses dias. Chamou-me mais a atenção a semelhança do saque de Pompeu de Toledo com o daqui de Campo Alegre. Também os municípios atacados pelos barbeiros têm muita semelhança com a área infestada aqui de Campo Alegre. O restante deve impressionar mais quem desconhece o sertão nordestino. Para nós é prato do dia-a-dia.

Ressalvo a dimensão política do livro. Colocar no mesmo plano o clamor do homem nordestino com o discurso dos políticos é terrivelmente falho. Quem aqui vive sabe que a miséria, para os políticos, jamais deverá ser erradicada. A miséria é a fonte do poder político nordestino. Entra aí o

caráter satânico da política, a miséria deve ser preservada a qualquer preço. E esses anos de sertão já mostraram como é infernal o esforço para preservar esse poder. O jornalista não distinguiu o discurso dos políticos de suas práticas. O discurso serve para mascarar a prática. E a roupa dourada do cadáver.

* * *

Chove em toda a região.

* * *

"O imprevisto é a única lei da história". Citação de Alceu Amoroso Lima no rodapé de minha agenda. Correto. Mas é tarefa do homem tentar direcionar esse caminhar caótico da História.

* * *

Ainda não fomos dinamitados.

* * *

Casa Nova volta a ferver. Prenderam um trabalhador. Caso velho, mas querem mesmo suas terras. Ela não aceita negócios. Mas dessa vez os trabalhadores apoiaram o companheiro. Ontem Casa Nova ficou às escuras e a casa de cada poderoso estava guardada por policiais e figuras estranhas. Os homens badernaram também uma reunião do sindicato. Pelas notícias o clima anda tenso. Remanso mais quieto. Curaçá silenciou. Em Campo Alegre parece que os tiranetes deglutiram a melancia que estava entalada na garganta. Está aparecendo uma nova espécie de jibóia no sertão.

* * *

Chuva em vários estados no Nordeste. Em Campo Alegre chove fino há uma semana. Trabalhador está rindo até pelo dedão do pé. Ontem perguntei ao Armino como vão as roças. Eles respondeu rindo: "Ao menos já têm muito mato",

* * *

Comemos o primeiro feijão verde do ano. Ganhamos um litro de mel, primeiro do ano. Nas Flores houve forró. Significa que aparecem os primeiros produtos para comer, existem flores na caatinga para o mel e o povo já tem alegria suficiente para um forró.

* * *

Moratória, seca, movimentações operárias... Revistas mostram o desemprego e a fome. O paraíso mundial, o *way of life*,

apresenta seus milhões de famintos nas filas de caridade. No futuro se calará tranquilamente no *crack* dos anos 80. Essas crises periódicas e crônicas do capitalismo assemelham-se às secas do Nordeste. Voltam a cada meio século e parecem incuráveis. Restaria aprender que não é no consumismo irracional que reside o paraíso humano. Mas só refletiremos sério sobre esse fato, se o sistema cair de podre.

* * *

Acham que o esquentamento não chegaria aqui? Posse de prefeito. Buscaram o padre de fora para empossar o homem com missa. Ele costuma vir aqui, passar por cima da cabeça do vigário, de todo direito canônico, fazendo o jogo da elite. Ele é filho da cidade. Quando soubemos, externamos publicamente nossa decisão baseada nas normas. Nessas horas as normas ajudam. Mas a cidade ferveu. Vieram pontes, recados, visitas, ameaças... Disséramos em público que iríamos avisar o bispo dele e o nosso. Ele chegou, soube e se recusou celebrar. Foi no ato, em cima da hora. Então a porta de nossa casa virou estacionamento de carro dos mandarinetes da cidade: prefeito, vereadores, sábios, os homens baixaram em nossa casa. Am conversou a sós com eles. Dar licença para o homem celebrar era a mesma coisa que celebrar pessoalmente. Os homens saíram mordidos de raiva. Hoje começa a festa e ameaçaram fazer serenata em nossa casa. Parece que vamos reeditar em estilo os últimos acontecimentos de Curaçá, Casa Nova e Remanso. Como disse Rub: "Isso esgota e cansa".

* * *

Foi de leve. Am estava preparando a praça para a missa de abertura da novena. O cara jogou o carro sobre a calçada, xingou-o com os palavrões tradicionais e correu. Estávamos em casa. Joaq acabara de chegar com visitas de Juazeiro. Soubemos e corremos para a praça. Am estava meio pálido. Foi um dos rapazes que sempre nos provocam. Mas o povo quis a missa e houve a celebração. O rapaz estava mordido porque não houve missa na posse do prefeito.

Essa vez não deu para esquentar. Estamos tão acostumados com esses conflitos intermitentes que, quando faltam, achamos que há algo errado, e a gente sente saudades.

* * *

A festa continua espantosamente em paz.

* * *

Todos os trabalhadores com quem a gente conversa garantem que as roças estão melhores. Chove fino. A cidade aquietou-se mesmo.

* A *

Eu havia recebido alguns exemplares do meu livro *Os sete pecados do capital*. Decidi distribuí-los nas comunidades, mesmo que não seja material popular. Alguns amigos haviam escrito contando do que gostaram ou não. Joaq já havia dito que o livro era moralista de cabo-a-rabo. Mas eu fiquei mais intrigado mesmo com o pessoal das comunidades. Nem julgava que fossem ler. Mas leram. Quando lêem, lêem a sério. Deram opiniões elogiosas, mas algumas me deixaram envergonhado. Não escreveria novamente aqueles trechos.

* A *

A festa encerrou-se em paz.

* * *

Juazeiro. Carnaval. O trio-elétrico eletriza as ruas. É mesmo hipnótico. A pastoral que não respeitar o sangue eletrizado do povo, jamais irá encontrá-lo. Nesse ponto, as religiões afiras estão 2000 anos à frente da católica. Quando o trio passa, só não vai atrás quem já morreu, ou quem tem muita vergonha. Mesmo assim, é inevitável uns pinotes no meio da rua.

* * *

Geração de sorte, essa a que pertença! Viveu a maior parte de sua vida sob uma ditadura militar, nunca votou para presidente e agora é vítima do *crack* dos anos 80. Outros são ainda mais privilegiados, como os nordestinos, enfrentando uma das maiores secas do século. Para o nordestino pouco faz as andanças do mundo, aqui nada muda. E a situação do país é tão crítica que o sertão poderá transformar-se novamente no paraíso do nordestino. Basta uma boa chuva e quem puder volta de S. Paulo.

Mas há o consolo de que nessa geração cresceu a organização popular e, quem sabe, saíamos dessa crise com uma nova sociedade. Mas se morrêssemos todos agora, teríamos que enfiar a cabeça fora do caixão e reconhecer: "Ok, Blitz, fomos vencidos".

* * *

Encerra-se o carnaval. O povo retorna a sua longa quarta-de-cinzas. "Fraternidade, sim. Violência, não". A proposta cristã, nesse mundo de violência, é mesmo homérica. Essa

temática é explosiva. O fato é que o próprio Cristianismo não tem uma receita definitiva para todos os momentos. Enquanto alguns, em dados momentos, não vêem outra saída senão nas armas, outros adocicam até o vocabulário para não ferir a suscetibilidade dos homens do poder. Mais que teórica, essa é a dualidade prática do Cristianismo na História. Mas, se a violência das armas é duvidosa, a verbal foi instrumento constante dos profetas e do próprio Cristo. Um profeta como Amós tinha uma boca do inferno. Há quem estranhe a violência verbal de bispos como Casaldáliga e José Rodrigues. Mas é preciso contundência verbal para chacoalhar esse "cadáver". Diante da violência macabra que impera nos porões, nos sertões e nas cúpulas desse país, a contundência verbal é apenas uma carícia.

* * *

Campo Alegre de Lourdes. Eu e Am nas estradas. Quebra, lama, água no motor, enfim festa da capetada em torno de nós. Atravessamos direto para missa em Grotas. Muito batizado e casamento. Fome do povo. As frentes de serviço vão longe e nenhum dinheiro. Um grupo de trabalhadores já ameaçou um carro da CODEVASF. Eles que brinquem com a fome do povo...

* * *

Cem anos de Marx. Um gênio e um demônio que povoa os pesadelos dos opressores capitalistas. Da minha caneta para meu papel, o homem que mais influenciou a humanidade depois de Cristo.

* * *

Missas. Calumbi, Baixa Verde, Pajéu, Baixão Novo, Angico, Folha Larga, Alegria e Lagoa da Onça. Após anos de convivência, parece que o sertão não tem muitos segredos mais. Agora vem o risco de se acostumar a toda essa miséria e começar achar que nem tudo é tão ruim assim. Esquece-se que o povo continua morrendo de fome e sede.

* * *

Para completar a seca, agora deu uma praga de lagartas nas plantas. Parece que Deus decidiu lançar as dez pragas do Egito sobre o nordestino de uma única vez. As roças estão queimadas pelas lagartas, como se alguém tivesse deitado fogo nas plantações.

* * *

Saem os primeiros pagamentos das frentes de serviço. Quem tinha que morrer de fome já está podre.

Céu azul. As plantas que floresceram nas chuvas e escaparam das lagartas estão ameaçadas. Consumando-se as lagartas e o céu azul, haverá razões de sobra para um suicídio coletivo.

* * *

As frentes de serviço servem politicamente ao governo, é evidente. E como um senhor de escravos que suga seus apropriados durante toda a existência, mas aparece como benfeitor quando lhes dá um prato de comida. Estou querendo dizer apenas que o paternalismo é a outra face da opressão.

* * *

Fala-se muito das CEBs. Normalmente são mitificadas. Os conservadores as mitificaram como células perigosas e revolucionárias. Segundo a TFP, representam a história pós-comunista. Os adeptos chegam a exaltá-las ufanisticamente. Mas essas frágeis células evangélicas dão mesmo muito pano pra manga. Particularmente, se não as mitifico, ando por perto. Desde que as conheci me entusiasmarei. Anos depois, não diminuí meu entusiasmo, apesar de mais realista.

Não há como negar, determinadas comunidades vivem a fé de modo integral. É sagrado entre muitas a repartição dos bens. Quantas vezes vi membros de comunidades proclamando que naquele dia era inútil rezar, porque havia algum membro da comunidade necessitado que não havia recebido a solidariedade dos companheiros.

Rezam, e como! Há comunidades que se reúnem cinco, seis vezes por semana. Para rezar, discutir, refletir. São muito mais autênticas que várias comunidades religiosas que conheci. Não há aquele cheiro de hipocrisia e mesquinharias no ar. Uma delas tem até aquele que chamaram de dia da justiça, onde só se debatem problemas concretos e seus encaminhamentos.

Todas essas comunidades procuram comunhão com o bispo, pelo menos nessa diocese. Identificam-se no pastor. Têm nele seu estímulo. Como é falso o mito de que as comunidades são rompidas com a hierarquia (palavra horrível para designar o múnus pastoral). Acontece é que muitos bispos são rompidos com o povo, como denunciou uma leiga no encontro de CEBs do Nordeste III. Falou de um arcebispo conservador, famoso, que expulsa os padres engajados de sua diocese e proíbe CEBs. Anda de braços com o governador. Critica a pastoral da CNBB e acusa falsamente que as CEBs são rompidas com seus pastores.

Por outro lado, o pobre é um ser humano e tem suas manhas, como dizia Paulo Freire em seu encontro com a diocese de Juazeiro. Tem artimanhas de sobrevivência e as utiliza. Não se pode sacralizá-lo. Mas é portador de valores evangélicos e inovadores. Há grupos que se iniciam nas CEBs, mas não resistem. É um momento que não cria raiz. Por isso, no encontro do Nordeste III, a definição mais cabal para as CEBs foi essa: fermento na massa.

* * *

Vem aí o avião de João Paulo II. Dessa vez é a América Central. Esse homem mudou muito. Recordo-me janeiro de 79. Ele chegava a Puebla. Toda a rapaziada chegava a Campo Alegre para a campanha de educação. Nós descobríamos essa região e estávamos perplexos. As primeiras manchetes sobre o papa em Puebla foram uma punhalada em nossos ideais, sobretudo diante da realidade que se descortinava perante nossos olhos. Parece que ele repreendia a Igreja da América Latina em sua missão libertadora. O tempo passou. Depois soubemos que a realidade não era bem a publicada nos jornais. E esse homem começou a descobrir que esse mundo não é só a Polônia. Houve as viagens pelo mundo, inclusive Brasil. Hoje sabemos que é uma figura evangélica, sensível às injustiças, que não irá coonestar com as violências que imperam na América Central. Estou querendo dizer apenas que ele entende nossos problemas e a prática da libertação, apesar de ser antipartidário e contra a violência armada como meio de libertação. A dificuldade é que na América Central a situação é tão extremada, que a sorte daqueles países será mesmo decidida pela violência.

* * *

Quer dizer que os homens estão propondo uma trégua? É como se o povo fosse o culpado desse caos! Há quanto tempo se denuncia o entreguismo, os projetos faraônicos, a opção por uma economia elitista, o endividamento, a concentração de terras que expulsa o homem do campo para a cidade, etc? O que temos hoje é apenas o resultado da opção feita há décadas. Todos sabemos que não existem soluções mágicas, que Delfim não é o mágico de Oz. Pode haver saída a longo prazo se, de fato, mudarem as prioridades econômicas. Mas, cada vez mais, fica a impressão de que entre o povo e o governo há uma muralha cada vez mais intransponível, que eles residem no Santo dos Santos, tomando a figura mítica de deuses intocáveis e irremovíveis.

Todos os dias chegam notícias de pessoas caindo, grupos migrando, crianças morrendo, etc... Dizem os trabalhadores que esses próximos quinze dias decidirão o ano. Chovendo, haverá colheita e sobrevivência. Do contrário, a fome atingirá o auge do que se acumula em quatro anos. Se essa desgraça se consumir será um horror, horror, horror...

* * *

Parece que João Paulo II caiu matando mesmo na Nicarágua. Evidente que ele não é adivinho. Tudo que chegou denunciando foi levado antes até sua pessoa. Esse fato faz-me lembrar uma piada de Millor Fernandes: "Deus é bom, ele está é mal assessorado". Acho que é mais ou menos assim a piada. O fato é que após a revolução sandinista, existe um abismo entre a maioria dos bispos nicaraguenses com as comunidades. De um lado a burguesia, de outro o povo. Povo e sandinistas, burguesia e reacionários, inclusive bispos. Para quem está à distância não é bom meter muito o bico nessa questão. Mas, sem dúvida, a questão da Nicarágua põe à mostra o enorme fosso entre o status social da "hierarquia" católica e sua massa de miseráveis leigos na América Latina. E, nesse caso, por estar metido nas comunidades do Nordeste, tenho o direito de dar minha opiniãozinha. Será o povo distante da hierarquia ou uma hierarquia distante do povo? Como pode o povo aproximar-se de uma hierarquia que se tranca nos palácios? A verdade é que a hierarquia católica vem enfrentando progressivamente uma espinhosa questão. Acostumada a questionar e dar ordens, será progressivamente questionada pelos leigos em suas condutas. Não se contesta sua função evangélica e eclesial, mas seu desempenho. "O que fostes ver no deserto, um príncipe? Os príncipes estão nos palácios... Fostes ver um profeta... Muito mais que um profeta". Essa é a questão decisiva. Se cada ponto de vista é a vista de um ponto, é preciso que a hierarquia comungue a vida "desértica" (sentido bíblico) do povo para exercer seu ministério pastoral e profético. A partir desse ponto, ela terá a visão do povo. Do alto de seus palácios, terá a visão da burguesia e dos donos do poder opressivo. O povo precisa de pastores e profetas, não de príncipes. E nunca é demais trazer à tona o exemplo da Igreja primitiva, onde leigos e pastores comungavam o mesmo estilo de vida, as mesmas esperanças, tristezas, alegrias e o mesmo pão. É preciso que os leigos colaborem com seus pastores para que eles tomem consciência de si mesmos.

* * *

Ela chegou preocupada. Queria batizar imediatamente a criança que estava para morrer. Rub foi até a clínica da cidade. Batizou, morreu. Vitória, a mãe da criança, é agente de pastoral. E todos os dias chegam notícias de crianças morrendo de desidratação. E como diz em disparada, "A gente aprende a ver a morte sem chorar".

* * *

Vitória pediu para levá-la com a criança morta até sua casa. Sentou-se na parte de trás do carro com seu marido e um irmão. Sua mãe sentou-se na frente, com o pequeno cadáver nos braços. Estava com os olhos abertos, pondo sangue pela boca e nariz. Ainda estava flácido. Durante a viagem de quase uma hora, pouco nos falamos. Ela foi soluçando. Quando chegamos perto de seu povoado, foram avisando amigos e parentes. Era um choro coletivo que se destampava no ato. Não pensava que se chorava tanto por crianças mortas. Chegamos a sua casa. Colocaram um tamborete na sala sobre o tamborete uma tábua, sobre a tábua o pequeno cadáver, com os pés virados na direção da porta, como pede a crença popular. Roupas brancas, pequena mortalha, olhos abertos, para atestar a inocência do "anjinho". Seus parentes choravam muito. Fiquei sem palavra ou ação.

Voltei a sós para casa, numa tarde de domingo e muito sol. Sol aqui, nessa época do ano, é o símbolo máximo da morte.

* * *

E os lobos atacam em nova roupagem. Os professores estão sendo destituídos de seus cargos por causa de sua participação política na oposição. Um rapaz da cidade, gente de Igreja, íntegro, foi destituído pela militância na Igreja e na oposição. Voltaram com a proposta de sempre: o emprego ou oposição. Não renunciou às suas convicções, por isso perdeu o emprego. Ele é filho da família que domina politicamente o local. *Oves mites*.

Pois é, "fraternidade sim, violência, não". Mas se essa pimenta que arde no rabo do povo ardesse no cu de todos, há muito essa sociedade teria virado.

* * *

Nada de chuvas.

* * *

Chuvas leves e esparsas. Dá desespero...

* * *

João Paulo II volta para casa. O esperado, menos os conflitos de Manágua.

* * *

19 de março, S. José. O céu amanheceu azul. As últimas esperanças se desmoronam. O desalento está estampado no rosto de cada sertanejo. É impossível resistir ao contágio. Nesses quatro anos de sertão, pela primeira vez, particularmente, sinto desânimo. Nesse momento está muito quente. Venta forte, como se uma legião de demônios dançasse frevo no vento.

* * *

Voltam as chuvas leves. Mais uns quinze dias e encerra-se o período das águas.

* * *

Concordo, é difícil suportar a arrogância intelectual. É a opressão pelo saber. Normalmente, a uma forte dose de arrogância, corresponde outra de inoperância histórica.

* * *

Elitismo é elogio para nossa "inteligência". Como paulista, reconheço que o eixo Rio-S.Paulo vive masturbando seu poderio econômico, político e cultural, como se o Brasil se reduzisse àqueles Estados. Forte bairrismo, uma visão que não supera as fronteiras desses Estados, portanto, uma visão que não vai além da ponta do nariz. Talvez seja melhor assim. O nordestino terá que resolver seus problemas sem esperar esmolas ou olhares complacentes de seus verdugos.

* * *

Besouro. Am está esticado numa rede lendo *Isto É*, enquanto escrevo estas linhas. Estivemos nas roças. Queimadas pelo sol e devoradas pelas lagartas, pouco sobra. Mas há muita melancia. Enormes e vermelhas. Essa noite levantei-me para mijar um litro. Nas roças apenas o feijão. Esse resto é o tudo.

* * *

Novas chuvas. Parece que estamos salvos pelo feijão.

* * *

Chuvas pesadas, apesar de tardias.

* * *

Cacete, como ando pensando e escrevendo chuva!

* * *

Passam as mulheres em procissão rezando a S. José e pedindo chuva. É um canto triste, assim como a condição do povo. Rodeiam a lagoa, à espera que as chuvas encham o que agora é apenas terra.

Semana Santa. Pelas madrugadas, procissões de penitentes cortam as ruas de Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso... Vestidos de branco, entoando benditos, param nas portas das casas, das igrejas e nos túmulos dos cemitérios. Surram-se, cortam-se até o sangue. A miséria histórica tornou o nordestino um inclinado ao masoquismo.

* * *

Saques em São Paulo. Quem diria que um dia os Pompeus de Toledo, os Campo Alegre da vida ofereceriam *know-how* aos desempregados do sul maravilha? Esse país está mesmo um barril de pólvora.

* * *

Esquenta a temperatura em São Paulo. Novos saques. O caos social impera. Depende da reação do povo. A coisa está mais preta que urubu no escuro.

* * *

Geração frustrada! Talentos enterrados na crise. Trabalhadores vagando nas ruas e diplomas pendurados nas paredes. No futuro, ao analisar-se essa época considerem, sobretudo, que essa geração foi proibida de ser. Considerem ainda que houve um sistema que nos castrou coletivamente. Que cabeças e mãos de pessoas concretas construíram quase que artesanalmente essa espécie de chacina. Vasculhem os arquivos dos jornais, tomem os exemplares dessa época, olhem a primeira página, ali estarão nossos verdugos.

* * *

Essa é uma época de crise. Falta espaço e tempo a uma peça de teatro para captar sua dramaticidade. A um cineasta faltariam filmes. A um poeta a força da expressão. Um romancista perder-se-ia no intrincado de suas contradições. Prenhe de figuras mefistofélicas, ameaçada por ogivas nucleares, saturada de fome, paraíso do desemprego e da fome. Vive-se com o coração na cabeça e não resta espaço para a lucidez. Essa época é melhor captada pela religião, sobretudo pelo fanatismo das seitas. As loucuras dessa época formam a melhor sementeira para a religiosidade assombrosa, vazadas na linguagem simbólica do gênero apocalíptico. De-

cididamente, não sabemos onde estamos, muito menos para onde caminhamos.



■ S/

...

A mãe e a filha.

A opção pelos pobres sofre terrível resistência, mesmo dentro da Igreja. Por hora, é mais uma opção de papel que uma práxis. Há Igrejas encarnadas, evidente, pagando na pele o preço da opção. Elas não retornarão mais ao seu passado. O medo é que, mais uma vez, a Igreja traia os ideais evangélicos, e a opção pelos pobres torne-se uma portentosa hipocrisia histórica.

Chega-se em áreas de barragens e descortina-se um quadro de garimpo, trabalho forçado, cenas desse naipe. Centenas de homens cavam o chão com enxadas rústicas, carregam a terra em padiolas de cipó, socam as paredes com pequenas tábuas amparadas em pontas de pau. Água para se beber é mínima e podre. Esses molambos assemelham-se aos escravos das pirâmides, muralhas da China, outras obras ergui-

das pelo povo e que deram fama a seus opressores. No final do mês, companheiros, onze mil cruzeiros para famílias de dez a quinze filhos. É pouco?

* * *

A seca agudiza-se novamente. O ar está parado. Repentinamente, rajadas de vento com forte redemoinhos varrem as ruas levantando ao longe a poeira fina do sertão. Aproxima-se agosto e setembro, época crítica da seca e da fome.

Com a seca aparecem os vendedores d'água. Apropriam-se indevidamente do fundo das lagoas, cavam cacimbas, vendem a água que seria pública. Um cara jogou a cerca na lagoa e apropriou-se de uma metade completa. Agora intima na delegacia trabalhadores que pulam a cerca para recolher água. Vende a 50 cruzeiros a lata. Ou então, diz angelicamente: "Quem quiser pode dar um dia de serviço em minhas roças". Fomos acompanhar um trabalhador intimado na delegacia. O delegado, um sargento, deu razão ao expropriador do povo. Batemos boca e a temperatura foi alta.

Os barbeiros proliferam de modo espantoso e descomunal. Até os povoados mais centrais estão atingidos. A seca parece favorecer seu alastramento. Talvez falte um Jim Jones no sertão.

* * *

O sol de Campo Alegre põe-se atrás de Pedra Comprida. Nas tardes do sertão, contemplamos o pôr-do-sol na soleira de nossa casa. Estamos a 12 km de Pedra Comprida. Ela destaca-se em altura, numa espécie de serra recoberta de caatinga, perdendo-se no horizonte. Sob essa beleza esconde-se uma das maiores jazidas de titânio e vanádio do país. Minério raro, utilizado na fabricação de naves espaciais, extremamente resistente ao calor. Em escala industrial, essa serra é rica em ouro e grafite. Vendida às multinacionais que adquiriram Caraíbas Metais, Campo Alegre aguarda para tornar-se uma cidade de extração mineral. Será uma revolução. Essa é uma dimensão particular no futuro dessa cidade.

* * *

É impossível que o Nordeste faça notar seu rosto quando o brilho da opulência se obscurece com a crise. O Nordeste nunca chegou a elevar sua voz. Não parece haver condição para que seja esse seu momento. Aqui, em primeiro lugar, é o espaço da morte e do silêncio.

* * *

Vi companheiros decepcionados com a falta de compreensão e reconhecimento ao seu trabalho. Empenharam

suas vidas no risco, perderam amigos, acabaram perseguidos. Evidentemente não esperavam recepções, desfiles, papa--móvel, coluna nos jornais, capa de revista, nem mesmo sucesso com Hollywood. Ao contrário, quando aparecem em ambientes mais civilizados, mesmo que seja um padre da base em meio aos padres de elite, são como o primo pobre que causa incômodo na sala de visitas. Todo posicionamento tem suas consequências.

Mas, já que ninguém nos elogia, vamos nos elogiar. Vamos pelo avesso, com Paulo, que se glorificava pelas longas viagens, pelos naufrágios e por ter levado as trinta e nove chicotadas mais uma. Por isso, uma flor a quem lançou sua vida nos meios mais miseráveis por amor aos oprimidos. Duas flores para quem apanhou e vive em risco. Um buquê para os padres franceses. Como é costume no sertão, um lençol branco coberto de flores para recobrir a cova de quem já é mártir. Que ninguém derrame uma lágrima.

* * *

Essa cidade tem loucos como todas as cidades. Esses que vagam nas ruas, pedem comida nas portas e andam às turras com meninos infernados das praças.

No interior existem muitos deficientes mentais, emocionais, mutismo, surdez, cegueira. Efeitos congênitos adquiridos pela deficiência alimentar. Também contrações genéticas originadas pelo casamento de familiares próximos. No aumento da fome crescem "casos" psiquiátricos que passam para Remanso, Juazeiro, S. Paulo, em busca de saúde.

Os casos mais graves nada devem ao suspense de Hitchcock. No interior existem muitos amarrados em cordas, presos em pequenas casas perdidas nas caatingas. No povoado de Macacos, por exemplo, existe um rapaz que aparenta de 25 a 30 anos, tipo atlético, amarrado a um tronco, preso num quarto. Sua mãe mora ali e vive para cuidar dele: "Esse é como uma criança, meu filho". Os casos mais leves vivem soltos. Talvez seja melhor, inclusive, que andar em hospitais psiquiátricos. Por mais desumano que seja, é mais humano. A miséria é também um útero de loucos.

* * *

21h, quarta-feira. Pela primeira vez, em quase quatro anos de Campo Alegre, escrevo sob a luz de energia elétrica. Nesses quatro anos a pequena cidade foi calçada, energizada, recebeu uma central telefônica e, inclusive, um colégio estadual, privilégio que nem Remanso possui. Após o saque, foram construídos rapidamente poços tubulares para abastecer

a cidade com água. Tudo construído rapidamente para que a situação recuperasse forças e vencesse a oposição e a insatisfação crescente. Após as eleições, veio o desleixo e a reação do povo com o saque. Apressaram-se, então, em construir mais poços, inclusive no interior, criar as frentes de emergência, etc.

A TV se impôs. Fez-se lembrar a pequena cidade no Interior de S. Paulo onde nasci e me criei até quinze anos. A TV surgiu no início da década de 60. Recordo-me, rapidamente desapareceu a "barata", "pé-na-lata", "esconde-esconde", as conversas nas calçadas. A primeira novela que acompanhei, recordo-me, foi Beto Rockfeller. Aqui em Campo Alegre a TV já provocou esse "desvaziamento cultural", desculpem a utilização de um clichê do economês. Surge essa pequena classe média da TV, geladeira e muita acomodação.

O povo das caatingas está marginalizado desse "progresso", mas cresce em organização e consciência, apesar dos refluxos. Mas é admirável ver esse povo, reunido às centenas em suas comunidades, nos encontros de agentes de pastoral, nas assembléias do PT (trabalhadores da roça discutindo com seus companheiros e vereadores da roça como enfrentar e continuar a luta), nas assembléias de sindicatos, etc. Esse povo tem mais que sete fôlegos, tem setenta e sete vezes sete.

Hoje Campo Alegre é uma cidade igual a centenas de outras espalhadas pelas caatingas. O neon de suas lâmpadas brilhando na noite, na expressão de Am, parece um fantasma perdido nas caatingas. Mesmo assim, continuamos isolados do mundo, com 120 km de estradas de terra que nos separam de Remanso, semelhantes a carreiros de boiadas.

* * *

Nós, o povo brasileiro, julgamos que nossos descendentes olharão o passado e indagarão:

— Como é possível que a partir de 1964 esse país tenha sido dirigido por homens tão incompetentes e vendidos?

Mas deverá surgir entre nossos descendentes algum mais esperto que indagará:

— Que merda de povo foi esse pessoal que por tantos anos se deixou dirigido por homens tão incompetentes e vendidos?

* * *

As dificuldades que essa opção de vida me impõe não são muitas. Aprendi a gostar do sertão, desse clima seco,

desse sol inclemente. Aqui, vivo a opção fundamental de minha vida e me sinto bem de saúde. Evidente, muito mais sadio que mofar num escritório bancário, queimar o sistema nervoso com as mesquinhas da burguesia ou classe média, ou ainda calejar as mãos em puxar o saco dos patrões. O perigoso é acostumar-se à condição desumana do povo. Em relação a isso é preciso permanecer crítico. Também não me preocupa a falta de água encanada, o banho de caneca, comida diferente, duas ou três bermudas para passar o ano. Inclusive, gosto. É o lado romântico. A ausência de cinema, teatro, diversões, importuna, às vezes. Mas aproveito para ler livros sérios e me benefico com a leitura. Mas para mim há um lado de renúncia, sim: a arte em geral que faço. Como todos os mortais que criam, gostaria de encenar minhas peças, publicar meus escritos e gravar minhas músicas. Não é fácil. Não sei insistir nesse ponto, sobretudo se para isso for necessário renunciar à minha dignidade. Tenho muitos pecados, menos o da bajulação ou subserviência. Também não tenho amigos de nome para fazer ponte. E não gosto de cortejar astros ou estrelas.

Desenvolve-se uma vasta campanha assistencialista para o Nordeste. A TV fez da seca um filé mignon. Deprimente. Uma jogada descarada para acobertar a omissão política que paira sobre o Nordeste. Tem muito opressor lavando a consciência com essas esmolas.

* * *

Foi decidido o tema da próxima assembléia diocesana de Juazeiro: "Como um povo faminto pode ser Igreja?" Não é piada nem demagogia. A população dessa diocese é de 300 mil habitantes. A esmagadora maioria é considerada católica. Somos uma Igreja pobre, sedenta, faminta e humilhada. Perseguida pelos políticos e poderosos. Mal vista pelos reacionários da própria Igreja. Uma Igreja tida por inimiga por todos os exércitos em batalha. E parece que até Deus nos abandonou...

* * *

Continua ventando barbaramente. Nuvens de poeira erguem-se nas ruas e desaparecem no azul do horizonte.

Fomos ver o fundo seco da lagoa. Uma camada fina de peixes recobre as margens das últimas poças de lama que restam. Bóiam desesperados, à procura de oxigênio. Aos poucos serenam. Então o vento os empurra para as margens. Um bando de carcarás pescavam os peixes mortos. É a primeira vez que vi tantos carcarás reunidos no sertão.

A seca não é histórica, mas pré-histórica. Apenas a perenidade da seca, desde que a terra é terra, pode explicar o autêntico "sítio arqueológico" que são os fundos de lagoas no sertão. Lagoa de Campo Alegre, Lagoa do Sal, Lagoa de Sta. Úrsula, todas desse município, cavando um metro em época de seca, encontram-se ossadas enormes, de animais inexistentes nessa região. Em alguma época da pré-história brasileira teria havido uma grande seca, os bichos teriam se aboletado nas últimas reservas d'água, ali teriam morrido aos montes. Portanto, a única solução para o convívio com a seca é a técnica. A aplicação dessas técnicas passa pelo político. E a política tem que passar pelo povo, sobretudo no Nordeste. Em última instância, a seca é uma questão política.

* * *

Os jegues cruzam as estradas abrasadas. As mulheres, as crianças, raramente os homens, os acompanham na via-sacra da água. Andar léguas após léguas na caatinga é cruzar com essa procissão sinistra e de um belo cruel.

Houve reunião de agente de pastoral em Jiquitaia. É um dia de encontro mensal que fazemos com todos os agentes de pastoral. Eu na Jiquitaia, Am no Peixe e Rub na Malhada. No domingo à tarde fui com a turma da Lagoa dos Duarte para dormir por lá. Andamos uma légua pela caatinga. Os homens caminhavam à frente. As mulheres atrás. É nesses momentos que o povo solta a língua e o que realmente pensa com mais facilidade. Pela noite, houve celebração da palavra. Participei.

Dormi, pela manhã me mandei. Andando de bicicleta esse longo percurso até Campo Alegre, sabia que nunca chegaria. Aproveitei e passei por Besouro, Grajaú, Mundo Novo, dormi em Baixão Novo. Saí pela manhã passando por Barra, Cacimbinha, Barreiro do Espinheiro, Baixão dos Bois, casa do Pedrão, finalmente Campo Alegre. Pelas estradas as mesmas cenas belas e cruéis. A busca d'água. Passei pelas frentes de serviço, com toda aparência dos trabalhos escravos da antiguidade. A luta ferrenha, estonteante, maravilhosa pela sobrevivência. Antônio, por exemplo, levanta-se às 5 da manhã, viaja uma légua para dar de beber aos bichos, volta para casa e vai limpar sua roça. Ao meio-dia parte para as frentes de serviço. Volta às 4 da tarde. Troca de roupa e vai dar aulas na Lagoa do Meio. Volta às 8 da noite. O pessoal da Jiquitaia, outro exemplo, para participar do encontro men-

sal dos agentes, andava 35 km num dia, a pé. Com toda seca, fome, sede, o povo realiza essa luta inexplicável.

* * *

Um dia Gui, com toda sua fina ironia, saiu com essa: "Padre ele é. Cristão, não sei".

* * *

A mitologia grega criou mitos para explicar a condição humana. Entre os mais famosos está Sísifo, condenado a carregar uma pedra até o topo da montanha eternamente. Camus apropriou-se desse mito para iluminar a condição do homem moderno.

Menos popular é o mito das Danaides. Um grupo de moças condenadas a encher um barril sem fundo eternamente. Ao estudar esse mito, Simone de Beauvoir concluiu que sua crueldade não está no esforço físico, mas na falta de sentido desse eterno trabalho.

Vendo as mulheres nordestinas no seu perene e idiota trabalho de carrear água eternamente, aflorou-se na memória o mito das Danaides.

* * *

O poder, realmente, é enigmático. "O poder corrompe", é mais que mero truismo. Não importa seu grau. Basta ver os prefeitos nordestinos dessa área, verdadeiros analfabetos com um poder ridículo, em atitudes bufantes de auto-endeusamento. O atual prefeito de Campo Alegre está falido, perdeu acesso a talões de cheques, passa cheques alheios sem fundo, mas já persegue a oposição e cortou os professores. É um vaqueiro cioso de seu poder. Acha-se um rei.

Nas eleições de 82, um cabo eleitoral do Peixe, Campo Alegre de Lourdes, ao vencer as eleições, parou no meio do povoado, diante da cruz, ergueu a cabeça pro céu, bateu no peito como um gorila e gritou: "Eu sou o rei do Peixe". E arrematou: "Eu sou o Herodes do Peixe".

Essas atitudes fazem-me lembrar um personagem criado por Brecht que peidava alto na praça do mercado para provar que tinha personalidade.

* * *

Como pode o movimento feminista burguês compreender os valores da mulher nordestina? Praticamente impossível. Erguendo a bandeira do amor livre, dos métodos contraceptivos artificiais, do aborto, o movimento feminista assusta as mulheres do sertão. Não é apenas o tabu sexual que está em jogo, mas todo um mundo de valores.



A hanseniana recebe cuidados.

É normal no sertão, ao morrer uma mãe de família, ou partindo os pais para São Paulo, distribuir seus filhos pelas casas de parentes e amigos. Quem possui doze, acolhe mais um, fica com treze. E tem satisfação. Há no sertão o amor pela vida, forte respeito pelo ser humano e, ao seu modo, verdadeira adoração pelas crianças. Portanto, esses valores que vêm em nome da libertação da mulher, mesclados pela mesquinha e hedonismo da classe média, repugnam a mulher pobre do sertão.

As mulheres nas CEBs do sertão discutem sua situação. Questionam o machismo do Nordeste. Toda opressão do homem sobre a mulher. Também o absurdo de filhos. Mas qualquer partido que tentar erguer essas bandeiras no sertão estará irremediavelmente queimado.

Ontem mesmo, em Flores, uma [agente.de](#) pastoral exibiu com alegria uma criança que pegou para criar. E não escondia a alegria de sua generosidade. Nesse caos de seca, fome, sede, esse gesto é do tamanho do evangelho.

* * *

Que caridade! Como os sulistas são generosos! Seus corações estão partidos com os comedores de ratos do Nordeste. Fazem até campanha pró Nordeste! Chega a quantia invejável de um caminhão com roupas e mantimentos por município! Evidentemente, para sustar as necessidades de milhões de pessoas castigadas por cinco anos de seca. Aqui chegou um caminhão com roupas prontas para virar trapo de chão, sapatos furados e outras generosidades do porte. Talvez os famintos dos lixões de São Paulo tenham dado a maior colaboração para os necessitados do Nordeste. Estão de coração rasgado nossos maravilhosos exploradores sulistas. *Gracias, Señores, muchas gracias...*

* * *

A diocese desencadeia uma campanha de sementes para plantio. É dinheiro vindo da Alemanha. Aqui em Campo Alegre, com 7 milhões e 600 mil, deu para entregar a 2500 famílias a quantia de um prato de feijão (que é 4 litros) e 7 litros de milho por família. Organizando na distribuição das sementes através das CEBs, esse nada transformou-se na única semente que muitas famílias terão para plantar. Que saibamos, apenas quatro ou cinco povoados não participaram, por medo político, ou por desinteresse.

* * *

A alcatéia aguarda o cordeiro. Longa noite de espera...Nervos aflorando a pele...Os gritos guturais dos filhotes famintos estimulam o instinto materno das feras. O vento, soprando leve, traz o cheiro da presa...Os pêlos se arrepiam..O som leve das patas soa ao longe...Os músculos das feras retesam-se para o bote...Repentinamente surge o cordeiro. Os lobos, numa ação histérica de uivos e saltos, lançam-se sobre a vítima. Nas farpas dos dentes, nas garras das patas, no gingo do corpo, estraçalham a presa, quase estraçalhando-se entre si...No fim, a calma da decepção e da fome insaciada...Não é nada, apenas mulheres nordestinas disputando uma pipa d'água.

Nasci e cresci no capitalismo selvagem. Conheço seu rosto. Vivo no Nordeste em tempos de seca cruel...Conheço a desumanidade das grandes cidades. Pelo capitalismo, milhões de seres humanos brasileiros foram proibidos de ser. Por isso, como os jovens mais politizados de minha geração, tenho trauma do capitalismo e, dentro de meus princípios cristãos o combaterei até o último dia da minha vida. É um profissão de fé...

Blitz da polícia novamente em Campo Alegre de Lourdes. Sábado, pela manhã, os caminhos que levam à cidade apareceram bloqueados por policiais armados. Revistavam os trabalhadores, arrancavam-lhes as facas e revólveres, só então permitiam a passagem. Haveria reunião no sindicato. Os comerciantes da cidade temiam por saques e convocaram a polícia de Juazeiro.

Foram convocados trabalhadores para depor. Eu e Pe. Am, sabendo do fato, fomos acompanhar os trabalhadores. O tenente nos recebeu e conversamos todos. Estava também o prefeito. Houve certa democracia nas colocações. A temperatura foi baixa, mas subiu quando o tenente quis responsabilizar alguns trabalhadores por qualquer saque que houvesse. Não aceitamos. Colocamos a fome e a sede como causas. Ele não aceitou. Criou-se um impasse. Fez ameaças de repressão violenta, apesar de confessar que não era seu gênero de ação.

Ele foi à reunião do sindicato. Mais de quinhentos trabalhadores reunidos aceitaram sua presença, sob condição de ir desarmado. Ele foi. Os trabalhadores o revistaram na entrada. Ele falou. Os trabalhadores colocaram o caos social do município. Sempre com coragem. O tenente insinuou

ameaças como essa: "Vocês devem conhecer o caso do Antônio Conselheiro e do Zé Lourenço (Pau-de-Colher), mas nós acabamos com eles". Mas acabou concordando que a situação do município era péssima. Aconselhou que os trabalhadores continuassem pressionando, inclusive o prefeito, para conseguir o necessário. Apenas não queria saques.

No domingo, Am convidou-o novamente para conversar. Colocou a situação de corrupção e irresponsabilidade que domina o município. Inclusive, mais uma vez, o telefone do município foi cortado pela TELEBAHIA. A razão é que o prefeito fica com o dinheiro do posto telefônico. O tenente parece ter entendido. Ao menos teve que ver o outro lado da questão.

Na missa de domingo Am recolocou o problema. O tenente estava presente. Am disse: "Será que a polícia iria atirar numa mãe faminta que fosse saquear um armazém?" Ninguém respondeu.

É a segunda Blitz da polícia em Campo Alegre. O fato do tenente chegar tirando nomes do bolso significa que elementos da cidade querem queimar trabalhadores, sobretudo ligados ao PT, principalmente o presidente do partido no local.

Como conclusão, fica a perpétua incompetência de quem governa esse país em relação ao Nordeste. Ao povo faminto e sedento eles mandam polícia. E ameaçam repetir Canudos, provando que o governo e a polícia não evoluíram muito nessas últimas décadas.

* * *

O povo está mesmo enlouquecendo. Na reunião de Malhada e Sta. Ursula decidiram descobrir área de garimpo. Neguinho sai azul de fome das frentes de serviço e vai pros morros cavar pedras... Deu febre de pedras preciosas no povo. O reino de necessidades absolutas gera um mundo de fantasias e loucuras... Parece que estamos mais num manicômio coletivo que num mundo de normais...

* * *

Ao lado de tanta fome o mundo evolui, é claro. Outro dia vi uma pessoa virar para outra e indagar: "Que hora é aí na sua caneta?"

* * *

Uma moça que mora em frente a nossa casa tem um filho de dois anos. Ela não espanta seu filho com os mesmos símbolos que nossas mães nos espantavam: mula-sem-cabeça, saci, etc... Ao contrário, ela diz pro menino: "Não mexe aí que chove". O menino quase vira do avesso de chorar. Pu-

dera, em dois anos de existência nunca vira uma gota d'água cair do céu. Quando viu, endoideceu...

* * *

Choveu, cacete! Que alívio! Ao menos água pra tomar banho e lavar pratos. O pessoal da caatinga apinha nas roças como formiga em açucareiro. Veremos se o inverno continua.

E você, leitor, que está de saco cheio de tanto ver chuva e não sabe o significado dela pro Nordeste, não encha o saco de nos ver falar tanto sobre ela...

* * *

Vive-se com pouco, muito pouco. O sertanejo é o testemunho mais cabal desse milagre. Ele também é a testemunha mais radical de que o consumismo é a loucura mais predatória inventada pela humanidade.

* * *

A estimativa de mortes para a seca de 80 a 85 é de três milhões de mortos. Cálculo exato, impossível. Enterra-se nos quintais, cemitérios clandestinos e fundos de caatingas.

Esse cálculo de mortos supera três vezes os mortos de Hiroshima. Cem vezes todos os mortos da revolução nicaragüense. É a metade dos judeus exterminados pelos nazistas na II Guerra Mundial. Se computássemos a tragédia nordestina séculos após séculos, superaria folgadoamente toda chacina dos negros e dos índios na América Latina.

E o país curva-se silenciosamente diante da tragédia. Alguns balbucios, um resto de esmolas, nada mais. Perdemos a dimensão do trágico, cruel e desumano. As poucas vozes que gritam, ecoam no vento... Não há ouvidos para ouvir os profetas. Não há corações para sentir. E a crueldade torna-se inominável na exploração da indigência nordestina. Faltam apenas industriais que, como nos campos nazistas, transformem pele humana em abajures e dentes em colares. Do povo arrancam-se os bens, as verbas, a terra, o suor e a vida. Quedamos impotentes e desesperados ante a frieza da sociedade brasileira, principalmente, ante a frieza dos opressores. Mas o Nordeste é também um grito mudo e ameaçador que pode desabar como uma tempestade de janeiro sobre seus opressores.

* * *

Muito boa a assembléia "Como um povo faminto pode ser Igreja?" É possível, garante o povo, mesmo caindo aos pedaços. Mas sustentaram também que a carência básica do

povo é uma carência básica no ser Igreja. Só é Igreja o povo faminto que luta para superar essa carência. Na acomodação somos a anti-Igreja.

* * *

Entramos para a "seca verde". Chove um pouco, a caatinga renasce, mas não há alimento para o povo. O verde da caatinga ilude os incautos. Na época do saque um técnico da CODEVASF chegou a Campo Alegre, olhou o verde e exclamou para os trabalhadores: "Vocês estão reclamando com todo esse verde exuberante?" Como ele continuou acompanhando as frentes de serviço, o pessoal dizia quando ele aparecia: "Lá vem o 'verde exuberante'".

Entre a "seca cinza" e a "seca verde" a vida melhora apenas para os animais. Também para os olhos.

A A A

Uma equipe de cinegrafistas anda fazendo um filme sobre a seca para a TV Cultura de São Paulo. Andaram aqui. Fizeram tomadas do fundo seco da lagoa, sobretudo, de uma assembléia sindical. Ficaram admirados com a pressão dos trabalhadores. Depois colocaram os trabalhadores sobre as pedras da lagoa e colheram depoimentos sobre o saque e as lutas populares. Pareceu-me uma autêntica tomada da seca em todos os seus ângulos.

* * *

A polícia entra em cena novamente. Intrigas de rua que desabam sobre o trabalhador.

A equipe de cinegrafistas saíra para o Interior. Terminara a assembléia do sindicato. Os trabalhadores andavam pelos bares bebendo sua cachaça antes de voltar para as caatingas. Novamente um dos velhos provocadores provocou um trabalhador "marcado". Disse: "Ei peito bom pra levar umas balas". O trabalhador respondeu: "Pois desce do carro e vem atirar". Começaram as agressões verbais. O provocador continuou: "Durmo com sua mulher, seu corno". Os trabalhadores reuniram-se e vieram para nossa casa. Queriam fazer queixa policial. O provocador foi buscar o revólver e voltou para o local. Não encontrando o trabalhador, apontou o revólver para as pessoas do lugar, fez ameaças e partiu...

A polícia veio buscar o trabalhador em nossa casa. Ele foi. Outros o acompanharam. Buscaram o provocador. Na delegacia entraram apenas os dois e um tenente de Remanso que estava aqui. O pessoal ficou de fora. O pessoal da rua que viu os trabalhadores descendo juntos para a delegacia

exclamou: "Parece um mago te de cabra. Só anda de bolo, essa tropa de jumento". Com razão. Um dos fatos que mais irrita essa cidade é a ação organizada dos trabalhadores em todos os momentos. De fato, nesses quatro anos de Campo Alegre, nunca vi faltar solidariedade nos momentos de aperto.

Na delegacia, depois de muito tempo, o tenente saiu com ambos dizendo que tudo estava bem. Quis erguer a crista sobre um acompanhante dos trabalhadores, o advogado do sindicato interveio na questão, o tenente pediu desculpas e saiu com outros assuntos. Disse que não era PDS, nem PMDB e nem PTB. "O cavalo que vier primeiro eu amonto". A aglomeração da delegacia se dissolveu.

A questão que fica é essa marcação sobre determinados trabalhadores. Parece que há uma provocação sistemática para que eles reajam e ofereçam motivos de prisão.

* * *

O rosto queimado e o olhar firme. Chapéus de abas largas sombreando o escuro do rosto. Passos seguros e cabeça erguida.

A passagem desses dez trabalhadores assemelha-se a uma pintura do realismo socialista. Cruzam a rua e dirigem-se à delegacia de polícia. Uma vez mais, trabalhadores apóiam um companheiro intimado para depor. O motivo é o atrito com o fiscal de obras na barragem de Mundo Novo. Como é custoso para o sertanejo botar as mãos nos míseros 15 mil que o governo lhe paga nos serviços cativos do sertão!

* * *

CNBB programa "SECA" como tema de sua assembléia de 84. Por trás, a figura influente de Aloísio Lorscheider. Um homem que joga sua autoridade e peso moral na defesa do povo. A CNBB pode lançar o grito articulado, que falta, contra a seca. Enquanto os mais desavisados rendem-se à paixão pelas eleições diretas, perdendo de vista os problemas cruciais da Nação. É preciso continuar o brado profético...

* * *

Encerra-se aqui um ciclo de minha vida, ou seja, o batismo da base. Agora trata-se de perseverar nessa vida... Por necessidade da diocese na qual trabalho, saio de Campo Alegre e vou para Juazeiro. Exatamente quatro anos de Campo Alegre, ou seja, 1460 dias. Esse registro dos fatos, no princípio, era um diário pessoal. Por isso, muito "eu" nos primeiros anos. Acho que evolui com os acontecimentos, comungando-os a nível existencial, não apenas intelectual ou



A velha senhora, suas panelas e sua casa.

ideológico. Tenho intenção de publicar esses escritos, não por mera vaidade particular, de certo modo restrita, que nada significa se isolada de toda Igreja que age nas bases. Com ela é uma luz entre outras.

Quero deixar nesse papel a memória dos companheiros de luta nas caatingas, sobretudo, o pessoal aqui de casa. O sertão, em suas profundas contradições, é embaraçante. Mas as contradições geradas pelo Evangelho são mais embaraçantes que o sertão. Por onde andar, penso que essas imagens jamais me sairão da memória. É imenso o caminho a ser trilhado. Tão imenso como o caminho de São Tiago que brilha nessa noite do sertão. A todos os sonhadores comprometidos desse país, um forte abraço no horizonte que se abre, especialmente às comunidades heróicas do sertão...

II parte

*LIVRE PENSAR SOBRE
PASTORAL E POLÍTICA*

O CORONEL MODERNO

O coronelismo moderno, mais que repousar sobre uma figura, é um espírito que se modernizou e se apossou de todo um sistema político. Com suas encarnações, é evidente. Mas deixou de ser cena de locais restritos para pervadir a política de uma região inteira. Essa realidade é histórica no Nordeste, mas agora está modernizada, articulada e ganha projeções espantosas devido à nova realidade política do país.

A primeira característica fundamental do coronelismo moderno é a síntese operada entre seus velhos métodos políticos e as novas possibilidades da técnica moderna, sobretudo a mídia. O exemplo mais acabado desse neocoronelismo é "Cabeça Branca", encarnação perfeita do velho coronelismo com as novas possibilidades da tecnologia.

Ele mantém seus velhos costumes, herança histórica assimilada conforme sua personalidade. Controla todas as prefeituras como se fosse uma aldeia. Estabelece uma política única em relação às oposições políticas e qualquer espécie de organização popular. Por exemplo, as Comunidades de Base. Estabelece também uma política unitária em relação a seus subordinados políticos. Por exemplo, seus prefeitos. Em relação às oposições pressiona com "água", "frentes de serviço", "escolas", "empregos", etc. Caso necessário, para enfrentar as organizações populares, não exclui a violência policial. Ao mesmo tempo pressiona seus prefeitos e deles exige uma subordinação servil. Em troca de benefícios recebidos em seus municípios, os prefeitos são obrigados a apresentar dividendos políticos. "A essência, portanto, do compromisso coronelista — salvo situações especiais que não constituem regra — consiste no seguinte: da parte dos chefes locais, incondicional apoio aos candidatos do oficialismo nas eleições estaduais e federais; da parte da situação estadual, carta-branca ao chefe local governista (de preferência o líder da facção local majoritária) em todos os assuntos relativos ao município, inclusive na nomeação de funcionários estaduais do local". Essa essência do coronelismo subsiste intacta. O governo de um coronel, então, é extremamente centrali-

²¹ Victor Nunes Leal: **Coronelismo, enxada e voto**, S. Paulo, Ed. Alfa e Ômega, 1975, p. 50.

zado. Reina como um príncipe sobre seu principado, mas em âmbito local, faz suas exigências e entrega carta branca ao seu subordinado. Esse, então, a nível local, detém o poder.

Mas um coronel como "Cabeça Branca" domina também as novas possibilidades da técnica. Essa é sua originalidade. Possui jornal próprio, utiliza fartamente a TV e o rádio.*Ao mesmo tempo marca presença nos comícios, visita as pessoas, seu retrato está em todos os muros e seu nome nas placas de construções públicas. Enfim, "Cabeça Branca" simboliza uma nova época do coronelismo. Lidando com uma massa amorfa, associando velhos métodos do coronelismo às novas possibilidades da técnica, ele é a encarnação mais acabada do coronel de gabinete.

Mas essa espécie de "Príncipe Tropical" não manteria a centralização de seu principado sem as extensões de sua pessoa, isto é, os prefeitos do interior. São peças fundamentais do esquema político nordestino. De fato, são eles que mais se aproximam dos coronéis em estilo antigo.

Eles recebem as verbas dos municípios e as gerem conforme seu prazer. Os municípios nordestinos pouco produzem, arrecadam impostos ínfimos e utilizam apenas as verbas recebidas. Esse dinheiro cai nas mãos da família que domina politicamente o local. Há uma super multiplicação de cargos familiares. A prefeitura é o único cabide de empregos nesses pequenos municípios nordestinos. O povo está entregue à sua miséria. Então emerge a figura coronelística do prefeito. Ele distribui a merenda escolar, nomeia os professores, distribui os remédios, as fichas de consultas, a água pelo caminhão-pipa, pequenas esmolas nas ruas, etc. Ao mesmo tempo exige fidelidade do povo, faz promessas, proíbe-os de participarem das CEBs, reuniões... Ameaça-os com surras, represálias, etc. É o padrao que dirige a cabeça de seus enteados. Eles encarnam todas as características dos velhos coronéis. Ao mesmo tempo, são figuras servis do governador. São eles que cercam os currais eleitorais. São mestres exímios na fabricação de votos fantasmas, já que o curral eleitoral também se modernizou. Mas sobre suas cabeças pesa a figura onipotente do poder maior ao qual devem prestar contas.

Uma segunda característica fundamental do coronel moderno é sua função no sistema global, no capitalismo contemporâneo. Tornou-se evidente que a população das grandes cidades e dos Estados mais desenvolvidos politizou-se. A classe operária está mais ideologizada e combativa. Os movimentos populares de base também têm politizado a classe

mais oprimida do sistema. E o sistema não encontra mais sustentáculo nessas áreas, sendo obrigado a recuar para áreas onde a manipulação ainda é possível. Mesmo que as oposições eleitas nos Estados mais desenvolvidos não correspondam aos anseios do povo, e elas, na prática, tornem-se uma espécie de oposição que consolida 64, os homens do poder necessitam de base popular suficiente para reter esse poder. Afinal, pode-se consolidar 64, permanecendo ou rodando o grupo que detém o poder desde essa data. O que fica evidente, porém, é que não se pretende rodar o poder central, mas apenas o periférico. É nessa questão-chave, então, que entra o papel decisivo do coronel moderno.

Consciente ou não, o coronel moderno tem em suas mãos o sustentáculo político do sistema. Manobrando uma população em condição de servidão humana, ele forja e conquista os votos necessários ao sistema. Ele oferece ao poder central as maiores bancadas que o sistema necessita para legitimar suas atitudes. E o poder central, por prazer ou a contragosto, está obrigado a reconhecer e a recompensar esse esteio, evitando o risco de perder sua única base. Ao contrário, o poder central do país provavelmente estudará minuciosamente qual a melhor maneira de assegurar o único reduto que lhe resta. O coronel moderno saberá exigir essa carta branca. Ele, então, será o maior interlocutor do poder central, ganhando uma projeção política assombrosa que jamais sonhara. E por uma dessas ironias da História, o que há de mais retrógrado na política do país torna-se a principal arma política do capitalismo mais avançado da América Latina.

Prático, pragmático, estabelecendo como fim a conquista ou a permanência no poder, manipulando meios justos e injustos, descartando a dimensão ética da política, o "Coronel Moderno" pratica uma política extremamente maquiavélica, constituindo numa espécie de "Príncipe Tropical", ou então, mais ao nosso estilo, um "coronel de gabinete".

CURRAL ELEITORAL

Em primeiro lugar, é preciso ficar claro que o curralismo eleitoral subsiste no sertão. Em segundo, que ele se modernizou. A arma eleitoral mais eficaz do coronelismo moder-

nizou-se com ele. É impossível o coronelismo sem o curral eleitoral e vice-versa.

Alguns dados sobre os currais são conhecidos. A terminologia retoma a imagem dos animais, fechados em cercas por seu tangedor e a ele dóceis. O curral eleitoral seria, então, um grupo de pessoas humanas absolutamente submissas aos interesses de uma pessoa que as tem como propriedade. Na época das eleições, essas pessoas votam em candidatos escolhidos pelo senhor, quando não for ele mesmo o candidato. Na época do coronelismo clássico, inclusive, votava-se publicamente, sob os olhos e as ameaças dos coronéis. A imagem do curralismo significa, em última instância, a opressão dos coronéis e a servidão humana do sertanejo.

Com a modernização da legislação eleitoral, o curralismo teve que tornar seus métodos mais sutis, se é que se pode chamar sutil esses descabros. A realidade é que o curralismo está mais elaborado, acasalando a velha metodologia a uma nova roupagem.

Começa pela *confeção dos títulos*. Ela é entregue ao partido do governo, normalmente pelo juiz da comarca a um cabo eleitoral previamente escolhido pelo partido. Ele sai pelo Interior e confecciona títulos para *oves et boves*. Se a pessoa já se alistou uma vez e não recebeu título, eles a alistam uma segunda vez. Há pessoas que já se alistaram quatro vezes. O fato se explica, porque o cabo eleitoral, que alista essa pessoa, depois retém seu título para votar no dia da eleição. O que acontece, então, é a multiplicação de títulos e títulos para além do número real de eleitores. Esses títulos ficam com os cabos eleitorais e serão votados no dia da eleição.

Existem os *antecedentes imediatos*. Três ou quatro dias antes da eleição, o presidente do partido governista recebe todas as urnas, as cédulas e as folhas de votação. Os mesários e presidentes de mesa são todos de seu partido. Nesses três dias eles rubricarão, em casa, as cédulas que serão votadas também em casa. Trabalho realizado antes do dia da eleição, para que os cabos eleitorais possam entregar essas cédulas aos eleitores no dia da eleição.

O dia. Aqui, então, a terminologia curral torna-se mais que nunca exata. Os caminhões saem em busca dos eleitores. São recolhidos diretamente nos povoados e levados ao "boi". O boi é a alimentação distribuída no dia da eleição. Ali, enquanto come carne, o eleitor recebe a cédula já votada. Agora ele terá que provar que realmente irá votar em determinado candidato. Do "boi" é levado diretamente para a fila da vota-

ção. O cabo eleitoral cuida para que ele não seja cortejado pela oposição. Ele toma a fila, entra na seção, recebe a cédula branca, entra no secreto, troca a cédula branca pela cédula votada, sai do secreto, deposita a cédula votada na urna e vai para fora. O cabo eleitoral fica esperando sua saída. Nesse momento ele tem que entregar a cédula branca ao cabo eleitoral, provando que depositou a votada na urna. A partir desse momento, se ele tem vários títulos, deverá repetir o ato várias vezes. Aqui aparecem também a multiplicação de folhas de votação e o desdobramento de seções. Às vezes vota-se com o título em uma seção e com a folha de votação em outra. Três títulos, três folhas, seis votos.

Jogando com todas as conivências superiores, alardeando a todo momento que a lei existe para os adversários e não para quem detém o poder, os homens do partido oficial encurralam o povo. Também existem pseudo-oposições "experts" no assunto. Não há dúvidas, na corrupção e na arte de encurralar o povo, os políticos do sertão são imbatíveis. Óbvio que essa corrupção só pode existir por conivências superiores. Mas elas existem. Portanto, para devassar os currais eleitorais do sertão, exige-se, não somente trabalhar a cabeça do povo, mas tornar a justiça eleitoral um mínimo decente.

O BLOCO HISTÓRICO DO SERTÃO E AS NOVAS PERSPECTIVAS

O Bloco Histórico do sertão nordestino é o mais coeso do país, gestado nos quatrocentos anos de sua História, sem que as classes subalternas conseguissem demolir sua coesão e gerar um novo Bloco Histórico sob hegemonia delas mesmas.

O Bloco Histórico do Sertão é constituído por uma massa camponesa inorgânica e amorfa, como classe subalterna, e, como classe hegemônica por uma burguesia heterogênea. Pequenos e médios comerciantes, exploradores dos camponeses, sugando-lhes a produção e vendendo-lhes os produtos básicos a preços exorbitantes, sendo comum, como é do conhecimento, o cambão. Por uma oligarquia rural, que pode ser ou não comerciante, mas que se caracteriza pela posse da

terra. Uma camada diminuta de empresários, que pode deter poder considerável, como é o exemplo da família Coelho em Petrolina, Pernambuco. Por fim, uma classe política parasitária, provinda dos comerciantes, proprietários e empresários, mas que, no sertão, tem sua característica particular no uso próprio das verbas públicas. Seja verba das prefeituras, seja dos recursos contra a seca do sertão, etc. Comerciantes, proprietários, políticos e empresários compõem a classe dominante do Bloco Histórico, insuperável na História desse país, é o "coronel". O "Príncipe Tropical". O "Coronel Clássico" ou "Moderno". Principalmente o espírito coronelístico que permeia toda política nordestina. O coronel é, mais classicamente, o senhor das terras. Hoje pode ser o senhor das indústrias. No poder, pessoalmente ou não, é sempre o senhor da política.

A dimensão desse Bloco Histórico na questão ideológica não é original. O sertão é o sustentáculo eleitoral do capitalismo moderno brasileiro. É sua reserva de mão-de-obra. É o reduto de massa do sistema mais impenetrável a novas ideologias. No sertão a ideologia dominante impregna a massa nos mínimos detalhes, com um anticomunismo primário, manipulando-se conforme seus interesses.

Como aparelho ideológico a Igreja Católica desempenhou um papel proeminente na consolidação histórica desse bloco. Salvo casos raros, o clero compactuou com essa classe hegemônica, difundindo um medo irracional do comunismo, reforçando a coesão da classe hegemônica. O clero foi o "intelectual orgânico coletivo" da classe dominante e não da classe subalterna.

A novidade histórica do sertão é a "organização popular" e a ruptura de certa ala da Igreja (clero e leigos) com a classe dominante e sua aliança com a classe subalterna, tornando-se seu "intelectual orgânico coletivo", penetrando como um aríete na coesão do Bloco Histórico clássico, abrindo espaço para a penetração de novas ideologias e partidos políticos que canalizem e organizem o Bloco Histórico, ainda incipiente, que se gesta nas bases.

O partido político que não compreender a realidade histórica do sertão e sua novidade do momento, incorrerá em graves erros políticos. Não se constitui novidade política no

"- É preciso ficar claro que, quando o sertanejo atribui a seca a Deus, obedece ao opressor para ser fiel à autoridade divina, vê a miséria como dádiva sobrenatural, ele não está explicitando uma fé cristã, mas a ideologia dominante nele introjetada, disfarçada em escaramuças religiosas. Essa sim, manipulada pela classe dominante conforme interesses particulares.

sertão o partido que se alia ao coronel oposto ao coronel que domina. Não se constitui oposição à classe dominante a oposição que se opõe a nível horizontal. A oposição nova, autêntica, que rompe com a ideologia dominante é a oposição vertical. Talvez o esquema ajude a entender melhor:

OPOSIÇÃO INAUTÊNTICA



Percebe-se que não é oposição, pois repete o esquema histórico dominante. É oposição de coronel a coronel. É o reajustamento da classe dominante no poder, quem sabe, a nível mais moderno. Essa é a novidade de um PDS mais modernizado como o do Ceará e Pernambuco. Costuma ser também a oposição de certo PMDB, composto pela classe historicamente dominante.

A oposição autêntica, capaz de demolir o mumificado Bloco Histórico do sertão, tem que ser, necessariamente, composta pelos camponeses, isto é, uma oposição horizontal. O esquema pode colaborar na compreensão:

OPOSIÇÃO AUTÊNTICA

CORONEL Coesão dos hegemônicos CORONEL

Comerc. — Empresários Comerc — Empresários

Prop. — Políticos

OPOSIÇÃO-----1-----1-----

Camponeses ~~<coesão dos subalternos>~~ Camponeses

A capacidade de demolir o antigo Bloco Histórico (antigo na perspectiva de tempo, mas ainda atual), é um desafio para a classe camponesa. A ela cabe demolir o antigo e gestar o novo. Sem produzir seus próprios intelectuais, ela depende, em grande parte, dos intelectuais da Igreja, que a ela se aliou organicamente. E não é possível lograr êxito nesse empreendimento sem compor-se com o novo Bloco Histórico que se gesta no país, que emerge das classes subalternas, que conta com vasto número de camponeses de todo país, que tem como ponta de lança o operariado de S. Bernardo. Contar com todos esses detalhes, ainda mais, com os detalhes próprios da massa camponesa nordestina, nela infundidos por sua formação histórica, que possui características particulares.

As lutas populares do sertão ainda são dispersas. Como na maioria do país. Existem as CEBs, mas a Igreja é um aparelho político e ideológico limitado. Existem as lutas camponesas pela terra, os saques, sinais que evidenciam a revolta popular. Mas essas lutas permanecerão estéreis se um partido político não for capaz de conferir-lhes organicidade e, assim, investir contra a classe hegemônica. Esse é um desafio para partidos políticos que se pretendem de base e que aspiram organizar as classes subalternas para mudar a sociedade.

O NORDESTE NÃO É FEUDAL

O Nordeste não é feudal. Ele não encontra identidade histórica com outros períodos históricos da humanidade, nem mesmo com o feudalismo europeu. Mesmo que haja semelhanças em alguns pontos, o Nordeste possui toda uma organicidade interna no seu aparente caos, que lhe confere um corpo próprio e lhe dá uma identidade específica, inclusive no sistema. Pretender enfiar o Nordeste como feudal, para assacar daí a necessidade de uma revolução burguesa para se chegar, enfim, à revolução proletária, além de salientar o esforço pueril de encaixar a História do Brasil que começa em 1500 d.C. na História universal que começa 5.000 anos a.C., é um esforço ingênuo de adaptar nossa História a uma leitura marxista-mecanicista. Parece mais o raciocínio de pessoas iluminadas, que pretendem passar por sábias, mas não querem queimar o cérebro para entender a realidade de nosso país. É preciso encarar a realidade para vermos até que ponto a leitura clássica da história feita pelo marxismo pode nos ajudar. E então inferirmos conclusões. Partir das conclusões para chegar à realidade é o avesso de qualquer marxismo mais primário.

O Nordeste não tem senhores, não tem servos, não tem corporações. Os coronéis de outras épocas não têm identidade histórica com os senhores feudais. Os posseiros não são servos de feudos, nem possuem corporações que os liguem. São pessoas que adentraram o sertão, cruzaram com os índios e, no mais estrito individualismo, passaram a cultivar seus pedaços de terra em regime de extrema sobrevivência. Mantêm laços de família e compadrio. Atualmente, sobretudo pela ação das CEBs, germina a organização para defesa desse pedaço de terra, a organização sindical e política. Mas são lutas que se incluem nos movimentos populares do Brasil. E eles nada possuem de feudal.

Na realidade, o Nordeste é uma peça fundamental no sistema capitalista brasileiro. Está diretamente ligado ao Estado e é, na realidade, o sustentáculo eleitoral do sistema e sua reserva de mão-de-obra. Subsiste, isto sim, o espírito coronelístico. Trocaram botas e esporas por terno e gravata. Os métodos de ação de um governador como "Cabeça Branca", não difere em nada de um dos seus prefeitos mais afundados na caatinga. Ao contrário, a ação dos prefeitos para perseguir as CEBs e as oposições é apenas a prática de orientações emanadas do governo do Estado. E que semelhança tem essa situação tipicamente brasileira com o feudalismo?

OS EFEITOS DA EDUCAÇÃO POLÍTICA

É muito cedo para avaliar os efeitos da educação política que a Igreja vem movendo nas bases. Ainda não há história suficiente como matéria-prima de análise. Só a própria História avaliará esse trabalho molecular e extremamente ousado. Mas, diante do desespero de algumas pessoas perante o que eles chamam de fracasso, é preciso emitir alguma opinião.

Existem muitas perguntas e acusações. Por exemplo: "Que resultado deu a educação política de vocês? A oposição teve tão pouco voto! Vocês não souberam preencher o espaço político aberto pelos problemas da área. Toda aquela movimentação da cartilha foi elitismo".

Para se fazer uma análise razoavelmente honesta é preciso considerar outros componentes. Não é com simplismo que se analisam questões que angustiam a todos. O simplismo é inimigo da inteligência.

Em primeiro lugar, é preciso considerar a própria História do Brasil, de modo particular a nordestina. Essa afirmação tornou-se um truismo, como tornou-se truismo afirmar que os ricos ficam cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres. Mas é a pura realidade. Então há que se considerar que a ideologia dominante vem, séculos após séculos, sendo introjetada no subconsciente do povo, inclusive pela hierarquia da Igreja. O espírito de submissão está enraizado até a alma do homem do sertão. Anda-se por regiões inimagináveis do sertão, mas em qualquer buraco existe um elo que liga a todos: um medo macabro do "comunismo". (Como a velha que temia o comunismo, porque ele vai levar sua vaca. Ou o agente de pastoral que largou o trabalho, porque o prefeito pôs na sua cabeça que comunidade é comunismo, e que "esse pessoal vai levar suas filhas, suas vacas e sua mulher"). Os homens do sistema sabem desse medo irracional do povo e, por isso, aplicam-se em todas as circunstâncias que lhes interessar. A fórmula funciona. Ela não atinge a inteligência, mas o lado misterioso do ser humano. O medo do desconhecido. Agora, desfazer essa imagem, de que nem toda oposição é comunismo, que o comunismo tem dimensões positivas, que não é pecado nem vergonhoso ser contra o governo, é tarefa para décadas. Obviamente que muitos entendem e caminham rapidamente.

Grande parte, até. Mas esse *back-ground* do povo pesa decisivamente na lentidão do processo.

Em segundo lugar, a condição humana. Como já ouvi dizer um parlamentar baiano que se proclama comunista: "A miséria não é revolucionária, mas insurrecional". Balaiada, Canudos, os saques de armazéns, são de fato insurrecionais. Termina quando termina o acontecimento. A revolução vai além e traz em si um projeto político. O nordestino é um homem miserável e dependente. Pode tornar-se revolucionário em suas novas organizações e articulando-se com os movimentos populares, sindicais e políticos do país. Mas a seca, fome, sede, compadrismo, a paga de favores, a sobrevivência, são fatores que no momento decisivo do voto pesam mais que qualquer idéia. É a sujeição do homem nordestino.

Em terceiro lugar, a repressão. Obviamente que os engravatados e sisudos do sistema andam raramente nessas áreas. É desnecessário. Bastam os jagunços, pistoleiros, baba--sacos, etc. São eles que movem as perseguições, os cortes d'água, de frentes de serviço, de professores, ameaças, tapas, facas, tiros e, talvez, algum assassinato. E o povo ainda tem vivo na memória as devassas praticadas pelos jagunços dos coronéis.

Em quarto, a corrupção eleitoral. O jornal *A Tarde*, da Bahia, apontou que determinado município da Bahia tinha o dobro de eleitores em relação a sua população. Tem gente que tem três títulos e vota três vezes. Os mortos votam. Tudo muito bem combinado e com conviências superiores. Aliás, enquanto não investir seriamente contra a corrupção, dificilmente a oposição ganhará no Nordeste. Obviamente não falo daquelas oposições tão "experts" no assunto quanto a situação.

Em quinto, deficiências reais do trabalho. Realmente, houve um derrame exagerado na imprensa em relação ao trabalho de base movido pela Igreja, sobretudo em relação à educação política. As cartilhas abasteceram a Imprensa durante meses. Recebemos o primeiro exemplar da *Cartilha* de Juazeiro, elaborada por nós em Campo Alegre, depois de um senador tê-la mastigado no senado. Sinal que os caminhos de Juazeiro para Brasília são mais rápidos que de Juazeiro a Campo Alegre. Criou-se uma celeuma à revelia das intenções. Quando a poeira assentou, começou o trabalho. A Cartilha era apenas um instrumento, um papel, um meio de comunicação para as comunidades trabalharem. Nas igrejas locais onde o trabalho foi realmente posto em prática, ela teve sua validade. Onde houve recusa desse trabalho, evidentemente

não se poderia esperar resultado. E deve ser considerado ainda a maneira de utilizar o material popular. Usar em uma reunião de grupo é muito diferente que vendê-la simplesmente como gibi de banca. Só queria salientar que a deficiência do trabalho é apenas um dos componentes que ajuda a compreender todo contexto.

Por outro lado, é preciso salientar os "sinais" que a educação política já evidenciou. É preciso recordar que nunca houve oposição na área após 64. Até agora surgiram sete diretórios do PMDB e quatro do PT. O arquicurral, símbolo de toda opressão política nordestina e baiana chamada Casa Nova, apresentou a cifra extraordinária de 1300 votos no PMDB e cerca de 400 no PT, sem ter diretório de nenhum desses partidos. O mesmo aconteceu com Sto. Sé e Remanso, para ficar restrito na área. Juazeiro, pela primeira vez em sua história, elegeu dois vereadores do PMDB. Campo Alegre elegeu dois vereadores do PT e um do PMDB. E o sinal básico é que existem muitos trabalhadores engajados de modo combativo na política. São pequenos sinais que afloram e estão ligados ao trabalho de Igreja. E, atualmente, fala-se de outros sinais políticos, não eleitoreiros, como saques de armazéns realizados por trabalhadores ligados também ao PDS. Eles julgam-se no direito de saquear, já que elegeram homens que não atendem suas necessidades e não cumprem as promessas eleitorais.

Enfim, o trabalho do agente de base é diferente do trabalho de um padeiro. O padeiro enfia 50 massas no forno e retira 50 pães. O agente de base trabalha com o mistério humano e o resultado é imprevisível. Quem trabalha com o povo aprende rapidamente esta realidade, apesar de estar envolvido nos acontecimentos e sofrer terríveis decepções. É preciso acreditar no homem, nas mudanças da sociedade, é preciso apostar e arriscar nesse trabalho. A educação política, para nós, por exemplo, começou antes da cartilha, intensificou-se com ela e continua após ela. O resultado será colhido pela História, sem prazos específicos, sem prevermos qual o produto que resultará e nunca por calculadoras eletrônicas. Aliás, assim é com todo tipo de trabalho de todos que trabalham na Base.

COMPROMETIMENTO POLÍTICO E O AMOR CRISTÃO

Até que ponto o comportamento político esgota nosso amor cristão? Tornou-se moda afirmar que a autenticidade cristã na América Latina passa através do compromisso político, visando a transformação da sociedade opressora em fraterna. Virou slogan, estandardizou-se. E corre o risco de perder seu caráter evangélico.

Fazer política é jogar no terreno do real. Entramos no jogo das táticas, estratégias e articulações. A visão do ser humano tende a reduzir-se a grupos estratégicos que manipulam o tabuleiro social. Há um interesse sistemático pelos grupos mais oprimidos, porém, mais capazes de influenciar no poder. Enfim, privilegiam-se as classes revolucionárias. Parece, então, sem sentido a solidariedade humana com os grupos espoliados e sem poder de influenciar: velhos, doentes, crônicos de rua, etc. Mas seria evangélico "endurecer o coração" para esses desvalidos mesmo visando a transformação da sociedade? Óbvio que os crônicos de rua em S. Paulo não transformarão a sociedade. Evidente que a esmola para um faminto não extingue a pobreza. Mas, aquele pedaço de pão naquele momento concreto, não mata a fome daquele homem?

Durante séculos agimos nos efeitos do sistema sem atacar suas raízes. Hoje atacamos suas raízes quase que ignorando os frutos podres do sistema que se dependuram em seus galhos. Realmente esses frutos podres deveriam ser jogados fora, caso não fossem seres humanos. E aqui reside o caráter mais vasto do amor cristão diante das ideologias: homem é homem, e assim deve ser considerado, mesmo que assemelhado a um trapo, e não pode ser reduzido a mera peça no tabuleiro político.

PROFETAS OU DIPLOMATAS? PRÍNCIPES OU PASTORES?

Postura profética ou diplomática? Postura principesca ou de pastor? Essa é uma questão-chave para a hierarquia católica da América Latina. O profetismo é bíblico, evangélico, enquanto a diplomacia é uma mediação de poderes. Como

Estado, com seus diplomatas, a Igreja pode perder sua dimensão profética. O pior, porém, é o espírito diplomático que pode perder todo corpo eclesial. O profetismo encarna a causa do oprimido e, pelo oprimido, é partidário e radical. A diplomacia busca o meio-termo, e não raro sacrifica a causa justa para alcançar a mediação. Mas o momento histórico da América Latina exige o profetismo. O hierarca (ratifico minha repugnância por esse termo) de atitudes diplomáticas é encarado com desconfiança. Ele quer fazer média. O profeta é execrado pelo opressor, mas é amado pelo oprimido como qual se compromete.

A História da humanidade avança para a erradicação de toda espécie de dominação, inclusive religiosa. A hierarquia católica terá que rever crítica e maduramente, constantemente, sua posição. Onde, por questões diplomáticas, compactuar com o opressor, também será execrada pelo oprimido.

O LUGAR DOS RICOS NA IGREJA DOS POBRES

As idéias amadurecem na prática. Conhecer a máxima "é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus" é diferente que experienciá-la numa prática pastoral. Enfim, é no contato direto com ricos e pobres que poderemos avaliar até onde o rico é capaz de comprometer-se com o próximo.

A hierarquia católica conviveu com as classes dominantes sem muito remorso. Na América Latina, nesse momento, tentou-se uma opção preferencial pelos mais oprimidos. Apesar da autocritica em relação ao passado não ser tão autêntica como seria necessária, aconteceu o fundamental, isto é, a hierarquia mudou sua bandeira. Há setores da Igreja esforçando-se para efetivar de fato essa opção. Surgiram, então, os conflitos que cobrem esse país. E nesses conflitos que a referida máxima ganhou um local privilegiado de recordação, revelando-se fundamentalmente verdadeira.

A pastoral na diocese de Juazeiro, Bahia, assumiu a causa do pobre. "Fazer nossas suas necessidades", afirma Puebla. A diocese, óbvio, não é imaculada. Tem suas contradições e falhas, mas seu pano de fundo é a causa do pobre.

A necessidade do homem nordestino é absoluta, nada possui, tem tudo para conquistar. A diocese esforça-se para estar com eles, com eles conquistar uma vida melhor.

A pastoral tem como objetivo principal organizar o povo para viver sua fé em comunidade e exigir seus direitos. Multiplica-se, além de todas as atividades comuns à Igreja, etc. É uma opção de riscos imprevisíveis. Defender, estar com o pobre, em todos os momentos, mesmo que não compreenda (assim como o povo pediu a condenação de Jesus), mesmo que os poderosos se revoltem e nos persigam.

É impossível a conversão do rico? Sejam realistas, a conversão do rico, como classe, é impossível. Não existe um único momento na História em que a classe dominante, por deliberação própria, tenha-se convertido às dominadas. Sempre houve, há, haverá, conversão individual. Francisco de Assis é figura rara na História, mas há muitos que renunciam a uma vida de facilidades para assumir a causa do oprimido nesse país. Na diocese existem essas pessoas, variando o grau de cada compromisso.

Aqui a experiência tem sido clara. A classe dominante do sertão não adere à opção pelos pobres. Seu compromisso é limitado, indo até onde seu *status* não seja posto em risco. Enveredam, normalmente, pelo assistencialismo, atitude típica de quem não aspira pôr em jogo seu estado de vida. Quando, porém, exige-se deles um passo além, renunciam à Igreja e optam pelo *status quo*. Afinal, não se pode servir a dois senhores. De fato, entre, o dinheiro que vêem e o Deus que não vêem, optam pelo dinheiro.

Sempre haverá um Zaqueu convertido na Igreja dos pobres. A pastoral em relação à classe dominante, porém, não pode ser outra senão o questionamento. Afinal, são as atitudes básicas de Jesus em relação às classes dominantes de seu tempo.

AS DUAS OPÇÕES PELOS POBRES

"A opção pelos pobres" de Medellín, tornou-se "opção preferencial pelos pobres" em Puebla. Não será admirável se, daqui a dez anos, a Igreja da América Latina realizar um *mea culpa* e refazer sua opção pela classe média, como existem insinuações.

Há duas opções pelos pobres na América Latina: a opção libertadora e a opção assistencialista. A assistencialista vem

na linha tradicional da Igreja. Esmolas e organizações assistencialistas. Não busca a raiz dos problemas e não visa erradicar as injustiças sociais. É uma opção voluntarista. Não por omissão, mas porque as leis sociais são descobertas recentes. Não era possível ser diferente. Em nossos dias, porém, essa opção serve de apoio para interesses políticos conservadores. É uma opção de elite.

A segunda, nasceu como um passo à frente da primeira. Além da vontade, aplica a inteligência. Como todo gesto de amor profundo que, em seus fundamentos, implica a aplicação da vontade e da inteligência. E essa opção libertadora sabe que é necessário erradicar as causas estruturais da injustiça social. Em consequência, essa opção embasa-se nas descobertas modernas das ciências sociais.

Na opção assistencialista, o pobre é um objeto que recebe a ajuda da Igreja, mas não toma consciência das raízes de sua miséria e não busca sua libertação. É uma opção limitada em si mesma, pois, não atinge todos os pobres e não visa a transformação da condição humana. Na opção libertadora o pobre é Igreja, é fermento na sociedade. Essa opção dignifica o pobre, oferece-lhe elementos para sua emancipação como ser humano. A distinção básica entre ambas é essa: na opção assistencialista o pobre jamais se emancipará como ser humano. A opção libertadora visa diretamente essa emancipação.

O assistencialismo sempre terá lugar em determinados momentos, em casos excepcionais, como uma calamidade pública. Ou particular, caso de uma pessoa ou pequeno grupo. Mas o assistencialismo exibe sua ineficácia em calamidades que exigem medidas políticas, como a seca do Nordeste. A opção libertadora não exclui o assistencialismo de momentos e casos. Portanto, ela incorpora o assistencialismo em seu seio mais amplo. Mas no assistencialismo como opção, a libertação está excluída.

À medida que pequena ala do episcopado latino-americano revitaliza a opção assistencialista como método de esvaziamento da opção libertadora, só resta a saída de lançar aos pobres a discussão da questão. Na práxis da Igreja vão se constituindo duas opções básicas pelos pobres. Resta aos pobres optar por uma dessas opções.

RELIGIÃO: FORÇA MOBIÜZADORA OU PARAUSANTE?

"Ópio do povo", atacava Marx, refundindo Feuerbach. E o sertão sempre foi o espelho desse comportamento religioso. Toda seca, toda miséria, eram atribuídas a Deus e nele tinham sua atenuação. E assim o ópio (como todo tráfico de ópio) tinha seus beneficiados e suas vítimas. Os consumidores da miséria estavam paralisados ante a onipotência de Deus e seu sadismo purificador. Os industriais da seca (oligarquia rural) faziam seus bolsos.

As CEBs vêm introduzindo uma ruptura nessa lógica cruel. Ao descobrir as causas reais de seu sofrimento, os oprimidos se organizam e reagem. A religião (antes paralisante e ópio), torna-se o dínamo, a força mobilizadora, o impulso para a quebra das arcaicas estruturas na luta pela conquista da justiça. Por isso são odiadas e perseguidas.

Mas a religião mantém sempre sua força paralisante. Por exemplo, os mandarinetes das cidades do sertão. Para eles a religião nem é ópio, pois dela nem participam e nem consomem. Mas lhes interessa a religião paralisadora e, por isso, esforçam-se por paralisar as mudanças na Igreja. Não é preciso muita pesquisa para saber que estão em jogo seus interesses políticos e econômicos. Mostram, então, interesse por uma religião paralisante e paralítica, rompida com a vida, colocando seus interesses a salvo. E o que pretendem fazer da Igreja do sertão aqueles que dela sequer participam, ou participam somente em época de novena da padroeira. Por seus cantos bonitos e alienados, por sua procissão (desfile) enfeitada como Portela na avenida, os mandarinetes se doem até aos ossos. Por isso, a religião assume o caráter duplo de paralisar ou mobilizar. Não há neutralidade. Resta saber qual é o mais evangélico.

PS: As festas das padroeiras, sempre manipuladas pelas elites locais, vêm gerando problemas em toda área. As festas de Curaçá, Campo Alegre e Juazeiro, na diocese de Juazeiro, vêm gerando atritos. Na diocese de Bonfim, quiseram bater no padre como reação. O bispo teria ido até aquela paróquia e proclamado: "A opção pelos pobres não é decisão apenas nossa, por isso a pastoral continua. Quem não estiver contente que vá embora".

*Sertão nos anos de 64 e
nos anos 80*

"O camponês tem sua psicologia própria. O meio ambiente em que se move, o atraso em que vive, as condições às quais está submetido, as tarefas que executa, o contato permanente com a terra, uma geração após outra, o pai servindo de espelho ao filho, o avô ao neto, em uma repetição monótona, cada um deles voltado ao mesmo princípio e mesmo fim, sujeitos às mesmas oscilações dos astros e definições e indefinições da natureza, dão a todos eles uma fisionomia, um caráter, uma estrutura que à simples vista mostra sua identidade e sua semelhança...

Um adepto de Freud sofreria o maior dos desencantos ao comprovar, por exemplo, a inexistência da pederastia no campesinato, porém, um discípulo ortodoxo de Marx também voltaria desiludido de seu encontro com ele, pela dificuldade de ajustar-se à idéia que faz de si mesmo...

Conseqüentemente, são dois mundos diferentes o do camponês e o do operário, duas realidades distintas que geram condições tão diversas como suas reações psicológicas...

O camponês se aproxima mais do artesão, pois assim como este dispõe dos meios de produção, aquele possui a terra, ambos se tornam individualistas em função dessa circunstância, ao contrário do operário que não é senhor dos meios de produção... Daí o erro em transplantar, mecanicamente, determinados métodos de trabalho da classe, operária, já provados em sua eficácia, ao âmbito da organização campesina sem a prévia e paciente educação política de seus membros...

O individualismo do camponês, fruto de seu isolamento e do contato direto e permanente com a terra, faz dele um ser desconfiado e retraído. Para amortecer esse individualismo não basta o contato superficial e ligeiro que muitos têm com ele, nos fins-de-semana, numa espécie de *week-end* revolucionário, muito em moda entre jovens sectários estudantes e românticos, ainda que suas ambições sejam puras e seus objetivos legítimos. É indispensável uma convivência contínua e uma participação estreita com seu mundo. Descobre-se então que não é somente individualista, mas também imediatista, como resultado do estado em que vive, isolado e inseguro, pois seu destino não lhe pertence, e sim aos dias incertos, às safras pendentes, aos caprichos e ordens do latifundiário. Com esse individualismo e esse imediatismo pode

ir de um extremo a outro, passando do conformismo à rebeldia, sem etapa intermediária".

Transcrevi esse trecho de Francisco Julião, do livro *Cam--bão: La cara oculta de Brasil*. Siglo XXI Editores, S.A. — México 12, D.F. pp. 57-59. Tomei a liberdade de transcrevê-lo em português.

Esse texto ajuda compreender o trabalho atual nas Bases do sertão. Ele *foi escrito em outras* condições históricas, época das ligas camponesas, alaistradas nas zonas canavieiras. Distintas de insurreições como Canudos, Padre Cícero, etc. Essas eram movidas por uma mística religiosa, apesar de sua dimensão política. As ligas eram movidas pela mística da organização política dos trabalhadores. O projeto político de Canudos era restrito àquele contingente humano. As ligas enfocavam, a questão da classe camponesa. Enfim, no Nordeste, foi o único movimento de camponeses conscientemente politizado. As ligas foram abafadas em 64.

Interessante notar como Julião percebeu todas as dimensões do trabalho no sertão. Chama a atenção para o trabalho permanente, paciente, etc. Chama atenção para o mundo típico da sertão. Chama a atenção para a psicologia própria do _ sertanejo. Enfim, para os trabalhos românticos e inconseqüentes, apesar de bem intencionados. Mas o acerto maior de Julião é sobre o imediatismo e o individualismo do camponês. Isso se mostra hoje. O camponês é capaz de morrer para defender seu pedaço de terra, mas também de votar em seu grileiro.

Há, porém, ao menos uma novidade histórica nos anos ,80 em relação aos anos de 64: a organização popular, sindical e política crescentes. O trabalho das CEBs, sobretudo, nos sertões, nas caatingas, nas florestas da Amazônia Legal, possibilitou aquela consciência mínima da qual resultou o germe da nova organização. As experiências ensinam que é possível ao camponês superar seu individualismo e seu imediatismo. Ele é capaz de olhar além. Tarefa terrivelmente difícil, exigente, mas possível. Como afirma Julião, o camponês pode passar de um extremo a outro sem etapa intermediária. Mais organizado, pode explodir.

PASTORAL DE TERROR

Uma das ferramentas usadas para tornar eficaz a pastoral de nossos antepassados foi o terrorismo religioso. Categorias como inferno, purgatório, castigo, foram exploradas e manipuladas até ao último fio de cabelo. Eram, posteriormente, minuciosamente multiplicadas para atingir o povo em todas as dimensões de sua vida. O terreno mais propício para esse plantio foram os sacramentos e a moral. Como resistência, o povo criou a religiosidade popular.

Onde a era científica impera, o terror religioso é atingido em seu coração e morre. São as regiões onde o homem dominou a natureza e a exploração do homem pelo homem superou a época selvagem. Onde, porém, o homem continua dominado pela natureza e subsiste o contraste violento das classes, o terrorismo religioso tem lugar. Enquanto o "ônibus espacial" circula no espaço, há quem faça procissão para pedir chuvas e há quem queime palma para Sta. Bárbara aplacar os deuses da tempestade.

De partida, é preciso deixar claro que o terrorismo religioso é uma pastoral de dominação. É a tentativa de remeter ao mais profundo do ser humano a atitude de submissão, dominando-o a partir do inconsciente. É o avesso do amor, o reverso do Evangelho. Se a pastoral do terror está automaticamente superada nas sociedades científicas, tende a subsistir nos meios empobrecidos. Nas CEBs, onde o oprimido tem espaço para tomar consciência das reais causas de sua miséria, essa pastoral torna-se ineficaz. Mas ela subsiste onde a pastoral é conservadora, onde o padre ou o agente de pastoral estão recuados na História e pode ser ativada (reativada) a qualquer momento na consciência (inconsciente?) do pobre. As afirmações, daqui para frente, devem ser entendidas nesse contexto.

O sacramento privilegiado para o terrorismo religioso foi o batismo. Batizar logo que a criança nasça para evitar que morra paga e vá para o Limbo. A imaginação criadora do povo encarregou-se de multiplicar o medo: criança paga traz doenças, atrai desgraças, o cão carrega, se morrer vai para o inferno, volta para perturbar a vida da casa. Portanto, vamos ao batismo. Como resultado, aí está essa avaca-lhação para a qual se presta o batismo. Completamente alienado de seu sentido original, não passa de um aplacamento do medo. Batismo não tem relação com a dimensão corau-

nitária, com vida comprometida, com uma existência cristã. For isso, mesmo pessoas que odeiam a Igreja e a pastoral libertadora, procuram desesperadamente pelo Batismo. Não é uma motivação cristã que está em jogo, mas o medo de forças primitivas e incontroláveis. Os demais sacramentos não são canais tão evidentes de terrorismo. Talvez a penitência. Mas desse, como da unção dos enfermos, o povo tem mais medo e não os procura muito. Crisma é um sacramento temporão e ordem é praticamente inexistente. Resta o casamento, cada vez menos procurado.

Na área da moral, porém, o terror superou os limites da imaginação. Não a moral global, pois oprime-se com as graças de Deus e as bênçãos do padre, mas na área restritamente sexual. Ainda não foi devidamente avaliado o peso da destruição pessoal que a Igreja gerou na História com sua moral sexual repressiva. Nos tabus, complexos, neuroses, qual o papel da Igreja? Mas o pecado foi reduzido a sexo; é dos pecadores sexuais que o inferno está forrado. Praticamente tudo em questão de sexo foi considerado pecado, tendo época que só era válido moralmente o ato reprodutor. Existiram ainda as tabelas de pecados com suas punições respectivas, a moral casuísta, e um certo medo do prazer. É tudo por demais conhecido.

³ Surge, então, o papel da religiosidade popular. Confirmando o truismo, não passa de arma de defesa diante da erudição clerical, das forças naturais. É na religiosidade popular que o povo comunica-se reinterpretando a seu modo • sua fé. É na religiosidade popular que a religião do povo adquire um mínimo de inteligibilidade. É na religiosidade popular que o povo defende-se das forças naturais e aplaca a ira das entidades supranaturais. É por isso também que um nordestino, por exemplo, chega a São Paulo e esquece-se de sua religião. Ele já não precisa rezar mais para chover. Ele não é, então, uma arma a mais na infusão do terror religioso, mas a couraça com a qual o povo defende-se do terror iminente.

A pastoral do terror, pastoral de dominação, confunde--se com a dominação política e sempre tem um substrato econômico de injustiças violentas. Agora, por exemplo, estou em um povoado na divisa Bahia-Piauí. Posso pôr a cabeça fora da porta e ter diante dos olhos uma das imagens mais pobres do mundo atual. Ou, então, olhar para essa casa de barro e conferir sua pobreza, juntamente com as pessoas que nela habitam. Nesse mesmo momento, na Alemanha ou nos Estados Unidos da América, os povos da opulência conso-

mem o que de melhor produz a humanidade. Posso ver ainda, três meninos passando sobre um jegue, enquanto os grandes homens cruzam o espaço em aparelhos mais velozes que o som. Posso ver, ainda, dois homens trocando uma ovelha por um saco de feijão, enquanto a humanidade aplica milhões de dólares na arte da guerra, inclusive nosso país. Pela noite a comunidade poderá reunir-se e discutir como preservar o prédio, a água, como conquistar um professor para alfabetizar seus filhos, enquanto isso, a cúpula dos países interessados pode estar planejando como auxiliar a direita em El Salvador e coibir os movimentos libertários da América Latina. Enfim, na mesma face da terra, podemos encontrar a condição sub-humana e as mais requintadas conquistas da humanidade. Mas qual a relação desse contraste com uma pastoral?

A política sempre instrumentalizou a religião como arma de dominação. O Cristianismo primitivo nasceu de baixo para cima, mas foi recuperado pelos imperadores romanos. Passando sobre a Idade Média, basta lembrar que a pastoral do Brasil sempre esteve aliada ao Estado e a ele serviu (serviu?) É suficiente recordar a relação hierárquica negros-se-nhores-de-engenho. Mas a sutileza utilizada pelos dominadores é a identificação, explícita ou implícita da autoridade com o próprio Deus. Assim, o opressor é Deus. Na cabeça do oprimido conformam-se numa única entidade, mesmo que vá de um prefeito prepotente a um tirano sanguinário. Daí a obediência, a subserviência, a alienação do senso crítico e, por consequência, da dignidade humana. Não há terrorismo religioso mais cretino que a identificação da autoridade com o próprio Deus, sobretudo a autoridade opressiva. Diante de uma força tão monumental, resta ao oprimido abaixar a cabeça e obedecer.

Para os miseráveis restou a imagem de um Deus providente, mesmo que as mazelas sociais e naturais sejam, ainda, vistas também como castigo divino. Mas também é parte do terror religioso. Levado a espiritualizar sua miséria, ao oprimido é negado conhecer as causas econômicas, políticas e sociais que a geram. Essa crítica é de Marx. É inegável. Aos pobres cabe viver a miséria gerada pelo homem como se fosse uma dádiva de Deus. Como não se questiona Deus, também não se questiona a miséria. Assim, os opulentos podem reinar em paz.

Como consequência, opta-se na América Latina por uma pastoral de libertação. A opção é, pelo menos, mais adequada a esse ser humano. Mas poderemos incorrer em mais um

erro. Para arrancar a mentalidade dominada do oprimido poderemos ser agressivos com eles, bruscos, mais uma vez, violentos. A hierarquia católica não pode esquecer-se que foi uma das pilstras dessa dominação e, querendo libertar, violenta a consciência e a prática do pobre. Só uma autocrítica constante pode tornar a pastoral, de fato, libertadora. É necessário, pois o pobre já sofreu demais também nas mãos da hierarquia.

A ÉTICA SOCIAL DOS SAQUES

A questão ética é também um ponto crucial da luta do povo. Nessa época de crise e carestia o povo reage. Muitos querem impor limites na reação do povo. O povo deve reagir, mas organizada e comportadamente. A questão é que esses limites, geralmente, esvaziam a pressão popular. Os saques, sobretudo em São Paulo, foram considerados vanda-lescos, inclusive por pessoas comprometidas com o povo. Essa reprimenda aos saques pode vir, inclusive, em nome da ação não-violenta. Não pretendo aprofundar essa questão. Apenas uma consideração: a não-violência não equívale à passividade. Nada de novo. Mas é preciso reconhecer a obstinação subversiva e revolucionária de Gandhi. Apenas que com métodos que não atingiam a pessoa física do opressor²³. Atingiam seu lado moral, psicológico, sobretudo, financeiro. É preciso distinguir entre o opressor e seus bens. Em uma sociedade socialista os bens construídos pelo povo seriam considerados do povo. No capitalismo o opressor se apropria da riqueza criada pelo povo. Entre o homem e os bens que ele cria não existe, de per si, contradição. A contradição cristaliza-se na posse dessa riqueza. O povo a constrói e o opressor apropria-se dela. Em consequência, sobretudo em época de crise e carestia, o povo tem o legítimo direito de reagir.

²³ Na ação não-violenta, é preciso estar consciente que seus sujeitos renunciam à violência, mas na sua ação pacífico-subversivo-revolucionária, sofrerão a reação violenta do opressor. Portanto, mesmo a ação não-violenta, por ser subversiva e revolucionária, provoca a violência do opressor. Não porque seja essa sua aspiração, mas em virtude do desespero que o opressor sente vendo ruir seu castelo. A violência do opressor, portanto, mais que nunca mostra seu rosto criminoso. Mas encontra seu pretexto na ação não-violenta do oprimido.

Inclusive, o povo tem direito de apossar-se dos bens que criou, sobretudo se esses bens estão nas mãos daqueles que agora o oprimem. Há o primado da pessoa sobre as coisas. Se, para mover, demover, comover o opressor, for necessário reconquistar os bens dos quais ele se apossou, os saques parecem eticamente legítimos. Em um país onde a organização social é perversa, o povo tem direito de reagir. E tem um escalonamento de reação legítimo do ponto de vista ético: a palavra, o protesto, ação que vise os bens do opressor, em última instância, a pessoa física do opressor. Esse último item é reconhecido da teologia de Sto. Tomás de Aquino.

A QUESTÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O receio de aplicar as ciências sociais à teologia não é recente. Emergente no século XIX, elas ainda surpreendem alas da Igreja, porque a leitura da sociedade, feita por essas ciências, foram impiedosas também para com a Igreja. Sobretudo o marxismo. A recusa em reconhecer o caráter científico do marxismo, evidentemente, está ancorado no ressaibo histórico das relações entre Igreja e marxismo. Também na leitura crua que o marxismo fez da religião, na denúncia veemente de seu opismo social. Também porque Marx, ao ler a História, concluiu por um caráter inevitavelmente alie-nante da religião. Obvio, ele deu um salto qualitativo impróprio, pois de um dado histórico extraiu uma conclusão metafísica. Essa impropriedade de Marx é barreira permanente entre cristãos e marxistas. Mas bastaria a leitura da sociedade latino-americana contemporânea para se concluir que a religião não é necessariamente ópio. Ao contrário, pode ser o motor da libertação.

Tomás de Aquino aplicou a filosofia aristotélica à teologia e baseou seu *De Iustitia* na *Ética* de Aristóteles. Sabemos que a filosofia de Aristóteles foi o instrumento mais realista de leitura da realidade da época. Ele era um cientista. Seu modo de argumentar era indutivo. Partia da realidade para chegar a conclusões abstratas. Por exemplo, o motor imóvel. Tomás recusou Sócrates, Platão, etc. Esses foram âncoras para Agostinho. Ele preferiu a racionalidade de Aristóteles. *Plato amicus, seâ veritas magis amica*. Esse mote cunhado por Aristóteles é um princípio perene. Importa, so-

bretudo, a verdade. Ora, se Tomás ancorou-se na filosofia de Aristóteles por ser a mais expressiva da realidade, escolhen-do-a entre outras por esse critério, não há por que temer ancorar-se nas ciências sociais contemporâneas, caso elas sejam o instrumento mais eficaz contemporâneo de leitura da realidade. E não há por que recusar a leitura marxista, se ela, como ciência social, nos oferece a melhor leitura da realidade. A Igreja, por exemplo, não vacilou em incorporar à sua moral os métodos naturais de controle da natalidade descobertos em épocas recentes. Fato que exemplifica a incorporação das descobertas das ciências humanas ao seu corpo moral, caso se afinem com o ser humano. Tomás ancorou-se em Aristóteles para dar consistência à sua teologia. Os teólogos da libertação ancoram-se nas ciências sociais para dar consistência à busca de justiça, com eficácia, no mundo contemporâneo. As resistências devem ser consideradas normais. Tomás levou décadas para ter sua teologia incorporada à Igreja hierárquica. Mas foi, durante séculos, em matéria teológica, a pedra angular dessa mesma Igreja.

PROSPECÇÃO DO SOCIALISMO

Marx, ao analisar o capitalismo avançado de sua época, fez uma projeção: o capitalismo carrega em seu útero seu antídoto. O socialismo nasceria das cinzas do capitalismo, como este nascera das cinzas do feudalismo.

Acontece que as sociedades capitalistas avançadas de sua época continuam capitalistas até nossos dias. O socialismo encontrou terreno nos países pobres e de economia atrasada: Rússia, China, Cuba, Polônia, etc.

Errou Marx? Ou a evolução do capitalismo explica essa contradição? Não há novidade. Lenin estudou o capitalismo imperialista, que estabeleceu a divisão internacional do trabalho e trouxe nova vitalidade ao capitalismo avançado. No simples mecanismo de sugar as riquezas do Sul, os países do Norte criaram um ambiente de desconforto, inclusive para sua classe trabalhadora. O conforto amorteceu o espírito revolucionário das classes trabalhadoras do Norte. O ônus do capitalismo foi transferido aos trabalhadores do Sul. É no Sul que a exploração de uma classe sobre outra tornou-se

mais nítida. Em consequência, é lógico que as revoluções socialistas tenham se operado mais em países pobres.

A nível de prospecção, o socialismo do Norte depende das revoluções socialistas dos países pobres. Os países do Sul, rompendo o esquema internacional da divisão do trabalho, protegerão melhor sua riqueza natural e humana. Em consequência, os países do Norte terão que dobrar-se em si mesmos. A classe dominante terá que explorar com mais intensidade a classe trabalhadora desses países. Como países cansados, tenderão a empobrecer, caindo o nível de vida. Com o desconforto e a exploração realimentada, a classe trabalhadora do Norte voltará a reagir, combatendo com mais tenacidade a exploração, buscando com afínco o socialismo. Mas, sem dúvida, o socialismo do futuro será mesmo diferente dos exemplares que temos hoje.

A DESUMANIZAÇÃO DO CAPITALISMO

A desumanização do capitalismo não atinge apenas o oprimido, mas também o opressor. O poder de oprimir e explorar, o conforto material advindo da exploração, ilude o opressor.

Em primeiro plano, a desumanização econômica. A atitude básica do opressor é utilizar o oprimido como instrumento. Ele coisifica o ser humano ao qual oprime. A coisificação do outro só pode brotar de quem, em si mesmo, perdeu o sentido do humano, sendo ele originalmente um ser humano coisificado. Assim, a exploração das classes subalternas pela classe opressora a nível econômico dá-se numa relação desumana. O oprimido é desumanizado enquanto espoliado e coisificado. O opressor enquanto coisificador e expoliador.

É preciso considerar a desumanização pela divisão entre trabalho físico e trabalho intelectual. Ser intelectual não significa, necessariamente, ser solidário, ser-para-o-outro. E a opressão intelectual não se restringe necessariamente às relações de classes. Intelectuais orgânicos às classes oprimidas podem oprimir aqueles aos quais julgam servir. A característica básica da opressão pelo saber é que o intelectual, ao arrogar para si todo saber, entrega toda ignorância ao opri-

mido. "Quando a classe operária disse não à arrogância intelectual, eu disse sim à classe operária", diz Paulo Freire. Posição típica onde o ser-intelectual está subordinado ao ser--para-o-outro.

A estratificação classista do capitalismo, porém, estratifica a opressão intelectual. Gestando seus intelectuais, a classe dominante confere-lhes um estilo de vida privilegiado. Distante dos trabalhos práticos, dedicam-se ao trabalho do intelecto. Essa divisão do trabalho não desumaniza apenas o oprimido, relegado a trabalhos práticos e mecânicos, mas também o intelectual. Ao tratar o oprimido como néscio, assume a posição de dominador. Ao contrário de ser-para-o-outro, tornam-se solipsistas. As classes oprimidas podem até tornar-se um referencial para suas reflexões, mas não um referencial existencial.,

O trabalho meramente intelectual desumaniza o ser humano também fisicamente. Os trabalhos de gabinetes multiplicam os enfartes e neurotizam seus funcionários, enquanto os oprimidos morrem de desgaste físico nas fábricas e nos campos.

Somente em uma sociedade que supere a dominação,, onde trabalho físico e intelectual forem distribuídos equanimemente, haverá superação da desumanização intelectual do opressor e do oprimido.

REFLEXÕES BREVES

ESQUERDAS: As esquerdas afirmam que esse trabalho de "organizar o povo" é populista. Outras vezes afirmam que é excessivamente utópico, que só algumas gerações posteriores à nossa conhecerão uma nova sociedade se percorrermos esse caminho. Por isso adotam a política do "oportunismo", das alianças, da conquista do poder, etc.

Sem dúvida, a organização do povo é difícil e exigirá tempo, um "fazer histórico". Mas é o caminho mais curto, simplesmente porque é o único caminho. As esquerdas sempre se preocuparam em conquistar o poder e não em organizar o povo. E por isso estão onde estão: não conquistaram o poder nem organizaram o povo. É a própria história das esquerdas no Brasil que prova que esse caminho é morto.

A Igreja, aquela que já foi um dos esteios da opressão

popular no Brasil, chega tarde na organização do povo, 480 anos depois. Mas por incrível que pareça, ainda chegou em primeiro.

A HISTÓRIA: A história tem leis próprias, semelhantes às da genética. Assim como na fecundação os genes que se interligam já são portadores de todas as características do novo ser, a sociedade do futuro está embutida nos acontecimentos do presente. Assim, a sociedade que começa a ser gestada para o futuro do Brasil, já evidencia, em estado embrionário, as características dessa sociedade em plenitude. Se hoje há uma participação maior dos pobres no espaço político, se aprendem a viver comunitariamente, a enfrentar conjuntamente os problemas, a sofrer influência das esquerdas, da Igreja e de todos que têm sede de justiça, está aí um embrião que, em seu dever, deverá manter suas características genéticas. Assim, a sociedade do futuro será pluralista, com intensa participação popular, marcadamente cristã, inevitavelmente de cunho socialista.

O ATO DE ESCREVER: "Escrever sem fama é difícil" (Brecht). Não posso medir o mundo com as medidas do meu coração, mas, como o dramaturgo aí citado, creio que todo escritor deseja um pouco de fama, aliás, todo o ser humano deseja que seu trabalho seja reconhecido ou dê algum fruto. Todos carregamos uma dose de arrivismo. Outra atitude, porém, é o vedetismo. Não falo dos ídolos que os mídia fabricam pela tarde para enterrá-los na manhã seguinte. Falo de quem busca a fama a qualquer preço, mesmo que em troca da dignidade. Podem ser incluídos os escritores, artistas, intelectuais que em suas obras dão uma imagem humana e na sua realidade de pessoas são insuportáveis. Já não são homens que têm fama, mas a fama que possui homens.

A humanidade precisa dos escritores e dos livros. Mas, se escrever sem fama é difícil, é pior escrever apenas com o objetivo de ficar famoso.

PASTORAL FAMILIAR: Fala-se muito da pastoral familiar. Mas qual tipo de família é preocupação nessa pastoral? A família burguesa' com seu salário, seu controle de natalidade, seus psicólogos, etc? Ou a família popular, com sua dezena de filhos, morando em favelas, campos, com seu desemprego, migração, desnutrição e demais mazelas sociais? É possível uma pastoral autêntica desligada da contundente

divisão social do país e dos múltiplos problemas daí originados? Para qual tipo de família tem-se elaborado subsídios, discos, livros, movimentos, etc? Parece que a pastoral familiar até agora é uma questão burguesa. ,

A POESIA DE ELIOT: Estava lendo T. S. Eliot e mais uma vez fiquei decepcionado com a poesia. É raríssimo o gosto pela obra de um poeta. Mas era um Eliot excessivamente metafísico, poemas para quem tem a geladeira farta, guarda-roupas abarrotados e barriga cheia. A esse tipo de homem não resta alternativa a não ser pensar na morte. Depois apareceu a bela surpresa dos poemas sociais. Não o panfletário, mas o poema que atinge o global da vida e que, por isso, são identicamente metafísicos, já que por transcendência entendo o significado mais profundo dos acontecimentos. Nessa perspectiva o fato mais elementar da vida é permeado pela transcendência. Nas palavras de Jesus, "até o copo d'água". Assim, li com prazer versos que pareciam vir de Cardenal ou Brecht. Como esse:

Ninguém nos deu emprego
Com as mãos nos bolsos
E o rosto cabisbaixo
De pé no descampado estamos
A tremer de frio em quartos obscuros.

Ou esse:

O rio flui, as estações retornam,
O pardal e o zorral se aprestam. Se os
homens não edificarem Como irão
sobreviver?

Para arrematar, esse:

Edificaremos um significado: Uma Igreja
para todos Um emprego a cada um Cada
qual ao seu trabalho.

OPÇÃO PELOS POBRES E MODISMOS: A opção pelos pobres não é um modismo e também não é uma realidade diante da qual o cristão pode postar-se superficialmente. Também não é um caminho para conquistar a glória humana pelo avesso. Ela é uma exigência intra-evangélica, de tal modo que recusá-la é recusar o Evangelho. Assim, o cristão que

procurou compreender para mais autenticamente viver sua fé tem diante de si um desafio permanente: a constante meta-nóia que o afine com a opção pelo pobre, que é, em última instância, a opção do próprio Deus.

A GUERRA DAS MALVINAS: Na guerra das Malvinas o poder dos mísseis abre uma "era" apocalíptica para a humanidade. O pequeno "Exocet" exemplifica o que seria uma guerra em que a humanidade explorasse todo seu potencial bélico, inclusive nuclear. Por isso, a humanidade pressente no ar a possibilidade de uma "era" apocalíptica gerada pela invenção humana e pelas leis do átomo.

Os donos do poder mundial afirmam que a guerra é impossível, porque nela haveria apenas derrotados. A História da humanidade, porém, prova que o homem é suficientemente irracional para desencadear essa guerra e liquidar a si mesmo. A esperança, contudo, é que os homens de paz (vide movimentos pacifistas) superem a demência humana.

O BURGUEÊS E O POBRE NA BUSCA DE DEUS: Os burgueses andam escandalizados com a temática falada nas igrejas dos últimos tempos. Vão às igrejas buscar "consolo espiritual" e só se fala em pobre, miséria, terra, salário, etc. E por que essa temática não agrada ao burguês?

"Consolo espiritual" para o burguês é satisfação emocional, aquele gostinho bom de se alienar um pouco. Muitas vezes a busca de um desafogo psicológico para suas crises existenciais, um conselho para orientar seu filho viciado em droga, orientação para sua crise conjugai e afins. Mas se o marido estiver ameaçado no emprego, a família não hesitará em fazer promessas para preservá-lo, mesmo que essa atitude se assemelhe ao pobre que faz procissão para pedir chuva. Um jejum, uma missa encomendada são artifícios válidos na conquista dessas mesquinharias.

O pobre vai à Igreja para pedir chuva, saúde, proteção, etc. Portanto, em matéria de objetivo, ambos se igualam. A diferença está no nível dos interesses. O burguês gira na esfera da liberdade. O pobre na necessidade. Mas se todos procuram interesses, por que a burguesia anda tão ressentida?

Obviamente, porque a hierarquia que sempre foi a caixa de ressonância dos interesses burgueses, hoje procura ser a dos necessitados mais pobres. Ainda mais, anda tomando o partido do pobre. Pior ainda, chegou à conclusão que essas necessidades não poderão ser atendidas se não passarem pela

mediação política. Entenda-se por "mediação política" uma nova organização da sociedade. O desastre se consuma porque a Igreja está empenhada junto aos pobres para que essa nova sociedade vá sendo gestada. As igrejas têm sido um espaço para essa reflexão, denúncia, anúncio de uma nova ordem. É muito para a cabeça do burguês. Pudera, com essa barriga cheia! Mas para os pobres e desesperados é a boa--nova, é um brilho no horizonte de tanto sofrimento.

ATO DE ESCREVER II: Acho que para nós, é preciso escrever como se fôssemos escrever um Evangelho, a partir da vida, do mais simples que guarda os significados mais transcendentais para o ser humano. Essa forma de reescrever a vida é mais rica que a pura imaginação ou a simples sistematização.

DEMOCRACIA: Fala-se muito que estamos entrando numa democracia. Mas para que ela fosse, ao menos, uma democracia liberal, era preciso haver eleições para todos os níveis, sem casuísmos. Mas, de fato, não há democracia sem a participação decisiva da população em todos os níveis do país, inclusive na usufruição social daquilo que é socialmente produzido. Estamos a alguns anos-luz da democracia. Mas é dando o primeiro passo que se chega ao destino.

ARTE E ENGAJAMENTO: Há pilhas de textos sobre a arte e a questão do engajamento. Mas alguns pontos se tornaram óbvios. A temática de um artista é questão de sua livre escolha. A temática social é uma entre outras. Encarar a arte numa perspectiva realista, supra-realista, absurdista, etc, é questão de ponto de partida, e todas atingem algum ângulo do ser ou do existir humano. Como negar que os vagabundos de *Esperando Godot* falam do ser humano com a mesma dramaticidade da *Mãe Coragem* de Brecht? Questão de perspectiva. O homem não é capaz de apreender o ser de uma única vez, mas é capaz de, por enfoques, detectar suas múltiplas faces.

A questão do engajamento e da alienação social coloca-se em outra dimensão. Qual deve ser a postura de um artista diante de problemas sociais graves como os da América Latina? Se sua arte deve forçosamente captar e exprimir esses problemas é duvidoso. Mas se o artista, como ser humano, fugir a esses conflitos, então é um alienado.

ATO DE ESCREVER III: Se um escritor soubesse o que interessaria ao leitor, escreveria apenas o trecho que causa interesse. Mas o escritor, quando escreve, sempre julga seu trabalho interessante e pensa que todos terão lido interesse por toda extensão de sua obra. Mas, talvez, o leitor se interesse por uma frase, um raciocínio ao acaso e desdenhe a obra. Mas, se um escritor previsse que sua obra seria desdenhada, jamais escreveria. Quando ele toma a autêntica consciência que nenhuma obra é imortal, mesmo a literatura clássica sobrevive nas estantes e em raríssimas cabeças, ele entende que sua obra é tão efêmera quanto a erva do quintal. É inútil tentar transferir para os livros o instinto de sobrevivência. O que o escritor resiste em reconhecer é que a profissão de escrever é tão precária como a de um metalúrgico.

SEITAS, CATOLICISMO, POLÍTICA: As seitas estão sendo financiadas para suprir o papel de ópio que a Igreja Católica desempenhou no chamado sistema ocidental durante séculos e agora decidiu recusar por fidelidade evangélica. Mo- ♦ vidas a dólares, encorajadas e abençoadas pelo sistema, proliferam de modo espantoso na América Latina. Abre-se para a Igreja Católica um portentoso desafio a nível pastoral e político.

A Igreja Católica, por temor ao comunismo, sempre comungou as injustiças e opressões do sistema ocidental, rotulado de cristão. Essa foi sua vasta e inescandível face política. Como religião que se sente ameaçada, execrava as ameaças do comunismo e colaborava na consolidação do sistema capitalista. Ao perceber seu papel na opressão, parte para os pobres e oprimidos, assumindo suas causas e colaborando para a tomada de consciência da opressão em que vivem. Passa de ópio a agente de conscientização. Deixa, assim, um vazio religioso/político no sistema para o qual, implícita ou explicitamente, as seitas são convocadas e assumem com euforia. Deve-se tirar lições desse fato histórico.

Em primeiro lugar, dos princípios da Igreja que persistem em duvidar do papel político dessa mesma Igreja. Ela sempre foi política. E sempre agradou aos homens do poder enquanto fez seus interesses. Ao recusar a opressão, a Igreja Católica recebe um presente de grego de seus aliados históricos: são financiadas seitas para minar suas bases e reduzir seu poder de influência.

Nessa mesma lógica segue-se uma segunda consequência. Trabalhando com elites, a Igreja Católica descuro de enrai-

zar sua pastoral em meio aos pobres. A religião do oprimido é forte, mas de credo duvidoso. Tanto faz ser católico ou crente. O importante é acreditar. E essa posição evidencia o terrível vácuo pastoral de séculos. As seitas penetram nos meios pobres. Sua devassa só não será maior onde as CEBs estão enraizadas.

Entra, então, o papel das CEBs, a mal vista Igreja Popular. Onde as CEBs estão enraizadas as seitas encontrarão maior resistência para penetrar. Onde não existem, serão os pobres o componente social das seitas. Quem, há tempos, vem investindo na pastoral dos pobres estará mais preparado para enfrentar o poder persuasivo e devastador das seitas.

CORONELISMO MODERNO E CEBs: Desenvolve-se no sertão uma luta surda entre as organizações populares, sobretudo CEBs, e o coronelismo moderno. Quem aposta na organização do povo frustrou-se com as eleições no sertão. Na realidade, na dialética entre as organizações populares e o coronelismo moderno, predomina o último. Ele se impõe pelas armas da força e pela força das armas, quando necessário: tradição histórica, enraizamento no povo, miséria do sertanejo, força do dinheiro, do poder político, da justiça eleitoral, da corrupção, etc... Apenas a arma da consciência é excessivamente frágil para combater o coronelismo moderno. O povo vence muitas lutas concretas, por exemplo, a defesa da terra. Perde as indiretas, por exemplo, eleições. Mas as organizações populares irão cavando suas estratégias, pistas e armas para minar o coronelismo moderno. Os saques constituem-se em nova arma. Irão descobrindo as armas de cada e para cada passo.

GOLBERY E O PODER: É interessante ler Golbery. Fisicamente fora do poder, suas idéias atuam mais sobre o sistema que muitos outros personagens enrustidos no poder. Sua subserviência ao capital multinacional, ao chamado sistema ocidental, sua paranóia de guerra permanente, sua megalomania de potência emergente, seu desprezo pelas classes oprimidas, explicam a nossa condição atual. Foi fundamental sua percepção da abertura como preservação do poder. É contrastante sua razão fina com a razão grosseira de seus comparsas de poder. Mas os fundamentos filosóficos e científicos de suas teses são tão grosseiros quanto a inteligência de seus comparsas. Mas se é duvidoso que o "Gulag"

está implícito em Marx, é certo que o golpe de 64, a vilipendiação dos direitos humanos nos anos 70, o caos econômico dos anos 80, a bomba atômica, estão implícitos em Golbery. Dirigidos por suas teses, colhemos seus frutos.

HISTÓRIA E INFERNO: Em meus estudos teológicos, como outras pessoas, duvidei da existência do inferno. Fora das contradições da existência humana, da relação opressores e oprimidos, parecia-me impossível que um ser humano chegasse ao desencontro eterno e absoluto consigo, com outros seres humanos e com o Criador. Mas bastou entrar na vida, assim como ela é, para que minha dúvida pendesse para o lado oposto. Pelo seu anúncio contido no próprio Evangelho, pela contundência da vida, é duvidoso que ele não exista. É necessário distinguir um julgamento histórico do absoluto, é evidente. Uma pessoa "confeccionada" na corrupção da sociedade pode ser perniciososa a outros seres humanos, mas sem culpa de sua condição. Estão aí as prostitutas, os trombadinhas, ladrões e tantas outras vítimas da sociedade. Mas estão aí os donos do poder opressivo, opressores também confeccionados pelas estruturas sociais. Esses homens, porém, quando oprimem e exploram milhões de pessoas de modo lúcido, têm um agravante ético indubitável. Próximos deles estão os donos do poder religioso, os que detêm as chaves do reino, os que não entram e não permitem que o povo entre — entre os quais me incluo, não somente pelo serviço que exerço, como pela experiência do Deus vivo que marca minha vida particular. Ocupam cargos onde podem exercer o maior serviço aos homens ou a maior opressão. Para esses homens o julgamento só pode ser mais severo, caso contrário, o anúncio de Jesus seria mera falácia. Pela opressão real da sociedade brasileira,* montada lucida-mente, o risco do desencontro eterno e absoluto consigo, com os outros e com o Criador, é real. Assim não fosse, não Haveria relação alguma entre história e eternidade.

DITADURA DAS PREFEITURAS: O Nordeste vive sob a ditadura das prefeituras, condição política aparentemente inédita, mas contida no livro *Coronelismo, enxada e voto*. A questão é sua permanência, nesses tempos em que se fala da democratização do país. É um problema aparentemente estranho, mas perfeitamente explicável.

Em sua condição de mendicante governamental, o povo depende dos prefeitos nas necessidades mínimas de suas vidas: escolas, remédios, transportes, alimentos e água. Para sobre-

viver, existe um quadro completo ao qual o povo **dewe** ! submeter. Controlando essas necessidades básicas **do povo**, os prefeitos ditam a vida do município. Agora, com o afloramento das organizações populares, inclusive no sertão, prefeitos são pressionados pelo povo, reagindo ainda mais violentamente. Não há liberdade política, de organização popular, inclusive religiosa. As organizações populares e as oposições vêm cavando espaço com atitudes simplesmente heróicas. Como se percebe, a ditadura das prefeituras é parte integrante do coronelismo clássico e do coronelismo moderno.

DESVAZIAMENTO CULTURAL: Desvaziamento é um termo do economês que designa a eliminação produtiva de determinada região pelo poderio superior de outra, seja qualitativo, seja financeiro. Por exemplo, o desvaziamento das tecelagens do Maranhão pela tecelagem do Sul. Na livre concorrência, o Sul desvaziou o Maranhão.

Aplicando o termo à cultura, a TV exerce o papel de desvaziador cultural em todas as áreas onde penetra. Ela domina o ser humano em sua sala, preenche seu tempo e o desestimula de procurar outras atividades culturais. O cinema e o teatro sofrem o desvaziamento da TV, resistindo com dificuldades. Mas o desvaziamento provocado pela TV chega a ser absoluto na área da cultura e dos costumes populares: extingue o circo, os reisados, os contadores de caso, a conversa nas calçadas, etc. A questão é que a TV retira e não supre, nivelando por baixo a cultura popular. Chegará o momento histórico em que a humanidade avaliará melhor sua postura diante da TV. Por hora, é um desvaziador cultural.

DEMOCRACIA E BADERNA: Há o mito de que o povo brasileiro é imaturo para a democracia. Por isso, nossa História seria uma sucessão alternada de ditaduras e badernas. Não se questiona onde está a raiz dessa patologia. Referem-se a essa vaga imaturidade. Na realidade, é impossível construir alguma democracia sobre a injustiça social, sobretudo selvagem como a nossa. Quando descomprimido, o povo eleva sua voz e suas reivindicações. Tem-se, então, o pretexto da baderna para uma nova ditadura. Comprimido, o povo reage novamente até alcançar a descompressão. Mas a raiz das ditaduras e badernas permanece. O povo, porém, está alcançando maior maturidade e organização para qualquer época. A história das ditaduras e badernas pode estar no início do ocaso. Não há dúvidas que entramos para uma fase decisiva

de nossa História. Quem sabe erradiquemos a injustiça social. Com ela é impossível a autêntica democracia.

SEITAS CRISTÃS E MARXISTAS: Houve estudos sérios comparando cristianismo e marxismo. A partir de ambos chegou-se à comparação entre Igreja Católica e o Partido Comunista. Comparavam-se seus dogmatismos, hierarquização rígida, etc. A Igreja, tida como túmulo de Cristo, e o Partido como túmulo de Marx. No Brasil, a Igreja dá mostra de estar menos fossilizada que o partido. Mas há que se chegar à comparação das seitas bíblicas fundamentalistas com os grupos radicais e sectários de esquerda. Em primeiro lugar, ambos se constituem com uma fé, e irracionais. Movidos pela emoção, fundamentados em teorias fundamentalistas (citações soltas e mecânicas, sem a compreensão básica do "espírito" subjacente à Bíblia e ao marxismo), julgando-se os únicos salvos e salvadores da humanidade. Assemelham-se ainda na rápida aglutinação e nas fulminantes desagregações. São grupos fechados e restritos a si mesmos, com a convicção de serem os únicos corretos. Poderíamos incluir, entre as seitas fundamentalistas bíblicas e marxistas, as seitas de direita. Fundamentadas em Bíblias diferentes, aproximam-se no comportamento.

SEXO E INOVAÇÃO: Nada mais conservador que certas inovações dos costumes, por exemplo, sexuais. O que Sodoma deve ao "pornô" contemporâneo?

O DESENCONTRO NA PRÁXIS: O que nos distancia das esquerdas ortodoxas (sobretudo os grupos sectários) é muito mais que a mera diferenciação de táticas e estratégias. No fundo, é a própria concepção do homem. Nós acreditamos nos camponeses, na sua capacidade de organização, apesar de condicionados à submissão pela História. Não podemos postergar para a pós-revolução a conscientização e organização dos camponeses, simplesmente porque a conscientização e a organização é que constituem o mais profundo da revolução. A revolução não está apenas na substituição dos homens do poder e na inovação das estruturas sociais, mas na aquisição que o homem oprimido faz de si mesmo, tanto subjetivamente como socialmente. É por isso que nossos caminhos têm-se desenhado na prática.

CRISTIANISMO: Cristianismo é uma religião? É uma fé? Uma fé que tem sua carteira de identidade na religião.

mas extrapola seus limites? Ou é fundamentalmente **uma** atitude de vida diante do próximo? Para alguns essa **atitude** fundamental emanaria da religião e nela teria sua identidade, para outros emanaria da fé que impulsiona sem outras mediações. Pelo Evangelho, a chave do reino é o amor, seja qual for sua fonte.

EUA E DEMOCRACIA: É difícil negar que existe democracia interna nos EUA. Como é difícil negar que sua solidez baseia-se em sua opulência. Como é difícil negar que sua opulência fundamenta-se em sua capacidade de explorar os países satélites.

Para assegurar essa exploração esse país precisa controlar política e economicamente seus satélites. Por isso, os braços abertos e as mãos estendidas a todos os ditadores de direita da América Latina. A democracia *ad intra* americana é diretamente proporcional à ditadura *ad extra*.

IGREJA E SOCIALISMO: É péssimo para o futuro da Igreja a repulsa que uma de suas alas tem para com a transformação social. O futuro das sociedades brasileira e latino--americana tem apenas duas alternativas: o socialismo democrático (não confundir com social democracia) ou o socialismo totalitário. O capitalismo é o presente e para ele não existe futuro.

O socialismo democrático será construído em cima das lutas do povo, com intensa participação da Igreja. O socialismo totalitário terá seu lugar justamente na recusa da Igreja e das forças democráticas em reconhecer a decomposição do capitalismo, o avanço dos trabalhadores e a gestação do socialismo. Então o socialismo será construído sobre as cinzas da Igreja e das forças democráticas, como na Albânia. Esse é um dilema que deverá interpelar as consciências que têm sede de justiça e de liberdade.

QUESTÃO DA LIBERDADE: Construimos um mundo onde todos os indivíduos têm um mínimo de liberdade, limitada pelos direitos da liberdade alheia, ou continuaremos a viver num mundo onde uma minoria tem liberdade ilimitada, calcada na expropriação da liberdade da maioria.

ARTE E ENGAJAMENTO: Ao construir a arte realista, não é necessário abolir o que se chama absurdo. É possível atingir a realidade por dois prismas: aplicando o realismo--realista ou o realismo-absurdo. Ambos identificam-se no objetivo: refletir sobre a condição humana e suas relações. Mas

diferenciam-se na forma: aplicação da forma realista ou da forma fabulosa (absurda). As fábulas de Fedro são reais reflexões sobre a condição humana. Como *Mãe coragem*, de Brecht. *Esperando Godot* é uma séria reflexão sobre a condição humana, apesar de Beckett isolar Estragon e Vladimir de qualquer contexto social. Fato que não prejudica a obra, pois seu pano de fundo é o significado da existência humana. Questão marginal no socialismo, mas fundamental para todo homem, pois vida e morte são universais.

O Nordeste pode sofrer abordagem estilo Brecht, Beckett, ou Ionesco, etc. Mas sua melhor apreensão se faz realmente pelo gênero apocalíptico, essa linguagem de fábulas dantescas que capta o mais profundo da condição humana e a projeta para soluções futuras. Em consequência, o Nordeste só poderia ter como cria máxima um artista genial que fosse capaz de apreendê-lo e devolvê-lo a si mesmo em forma de arte no gênero apocalíptico. Por isso, Glauber Rocha.

CRISTIANISMO E SOCIALISMO: Após tentar modelar um rosto humano no capitalismo, os cristãos admitem que é impossível humanizá-lo, por ser essencialmente mau, baseado na exploração do homem sobre o homem. Agora os cristãos voltam-se para o socialismo e tentam conferir-lhe o rosto humano de que necessita.

IGREJA E BASE: Pergunta-se muito qual o significado do trabalho de Igreja nas Bases. Reclama-se sua ação limitada, não engajamento partidário, basismo, etc. Se, porém, a Igreja desempenha um papel histórico ao agir nas Bases, não o faz simplesmente para desbloquear consciências ou carrear o povo para determinados partidos políticos. Considerando uma consequência lógica, porém, a opção das Bases com as quais a Igreja trabalha por partidos que captam e tentam conferir organicidade aos anseios populares, a Igreja desempenha um papel positivo. Sua ação colabora para aprofundar a consciência popular, elevar a massa a nível de povo, isto é, da consciência ingênua e dispersa para a consciência crítica e orgânica. A Igreja trabalha na gestação de um salto qualitativo do povo. A consciência adquirida não reflui no calor dos acontecimentos, mas é um dado histórico que repressão alguma extinguiu, pois introyeta-se no mais profundo do consciente e inconsciente coletivo.

COMENTÁRIOS A

OS CAMPONESES E A POLÍTICA NO BRASIL

Há um requintado debate sobre a questão política no campesinato brasileiro. As esquerdas mais ortodoxas continuam com suas teorias de feudalismo, de alienação política dos camponeses, lutas pré-políticas, com suas conseqüentes alianças com burguesias, etc. Pensadores mais ligados ao camponês na sua realidade concreta, esforçam-se por resgatar a real dimensão política dessas lutas concretas, seu potencial de transformação, etc.

"Fato político dos mais importantes na história brasileira do presente é o de que os movimentos e lutas populares, sobretudo no campo, caminham mais depressa do que os partidos políticos, legais e clandestinos. Esse distanciamento, que ocorre também na maior parte dos países da América Latina, mostra-nos que os partidos estão tendo dificuldades práticas, teóricas e doutrinárias para acompanhar e incorporar as tensões sociais e as reivindicações camponesas. E nos mostra, ao mesmo tempo, uma das razões da fragmentação e dispersão das lutas populares no campo. Elas necessitam de organização e estrutura partidária para encontrarem unidade na sua diversidade, a sua força política e o seu lugar tanto no processo político quanto na aliança com as classes sociais que se defrontam com as classes dominantes e o Estado" (p. 9).

Há um nó górdio não desfeito nesse raciocínio. Por que os camponeses travam lutas concretas que preocupam o sistema e não canalizam suas lutas concretas por um partido político que atenda suas necessidades? Estariam os partidos aquém das lutas? É uma das posições sustentadas. Estariam as lutas aquém da política, portanto, dos partidos mais próximos dos trabalhadores? É a outra posição defendida. Mas sem considerar toda carga histórica que obnubila a consciência do sertanejo (refiro-me especialmente ao camponês do sertão nordestino) é impossível compreender essa defasagem entre lutas concretas e política. Defasagem que se torna contradição, quando o sertanejo combate o grileiro na luta pela terra e depois o elege como prefeito, deputado, etc. Ele, o sertanejo, não é apenas um excluído da política, pois os políticos conservadores sempre tiveram neles seu manancial de votos, mas é um excluído das classes oprimidas em seus pac-

²⁴ Livro de José de Souza Martins.

tos políticos. É uma violenta exclusão ideológica, talvez pelas imensas dificuldades que o mundo próprio dos camponeses ofereça às cabeças de ideologias cristalizadas, sobretudo de esquerda.

"Essa exclusão ideológica é tão profunda, tão radical, que alguns dos mais importantes acontecimentos políticos da História contemporânea do Brasil são camponeses e, não obstante, desconhecidos não só da imensa massa do povo, como também dos intelectuais, exceção feita a este ou àquele que, por razões profissionais, se vê obrigado a receber certas coisas... Poucos sabem e se dão conta de que o campesinato brasileiro é a única classe social que, desde a Proclamação da República, tem uma reiterada experiência direta de confronto militar com o Exército: em Canudos, no Contestado, e, de um outro modo, em Trombas e Formoso; ou, então, uma experiência de intervenção direta do Exército: na insurreição do Sudoeste do Paraná, no Nordeste, e mais recentemente nos conflitos camponeses do Araguaia-Tocantins" (pp. 25-27).

Se os partidos mais próximos dos trabalhadores do campo os marginalizam, inclusive ideologicamente, os partidos do governo sempre estão próximos dos camponeses, seja para adquirir seus votos, seja para reprimi-los, seja para desmobilizar suas lutas.

"..., através do Estatuto da Terra, de fins de 1964, abre caminho para que o governo federal enquadre e administre institucionalmente as reivindicações e os surtos de inquietação camponesa: o Estatuto abre a possibilidade da reforma agrária localizada e restrita nas áreas de tensão social grave, ao mesmo tempo que descarta a possibilidade de uma reforma agrária de âmbito nacional. O governo militar poderá, assim, a partir de então, controlar duas tendências aparentemente contraditórias em favor da primeira: de um lado uma política deliberada de concentração fundiária e de constituição de grandes empresas no campo; de outro lado, uma política de redistribuição de terras nos lugares em que as tensões sociais possam ser definidas como um perigo à segurança nacional, isto é, à estabilidade do regime militar" (p. 31).

Mas, mesmo que os partidos políticos tenham marginalizado a classe camponesa, mesmo que o governo tenha estado sempre pronto para reprimir ou desmobilizar as lutas camponesas (outras vezes reveste-se de paternalismo, no fundo, a outra face da opressão), por que os camponeses, com sua história de lutas concretas, são incapazes de desaguar suas

lutas maciçamente em um partido mais próximo a suas necessidades? O que restou de Contestado, Canudos, Cangaço, Pau-de-Colher na memória do povo? Qual é a idéia que o povo faz desses fatos históricos?

Em primeiro lugar, quero ratificar que o coronelismo continua vivo e atuante, determinante da política no Nordeste como sempre o foi. Passou da forma clássica para a moderna. Também o curral eleitoral. Mas o coronelismo moderno e o curralismo já foram considerados à parte. No fundo, somente agora, com a embrionária e avançante organização popular e partidária no campo ele começa de fato a entrar em crise. O que melhor define politicamente o sertão no momento, é a luta surda entre o coronelismo moderno e a organização do camponês nas CEBs, sindicatos, partidos, etc.

Numa constatação meramente empírica, quero me referir a três fatos históricos, próprios dos camponeses, que atingiram fortemente essa área: Canudos, Lampião e Pau-de-Colher.

Canudos e Lampião (mais Lampião que Canudos) estão vivos na memória do povo, mas negativamente. Os mais velhos guardam de Lampião a imagem do terror. Ele é sinônimo puro de bandidagem, mesmo que houvesse outras dimensões em seu cangaço. Canudos está menos vivo nessa área acima de Juazeiro da Bahia, mas as pessoas que encontrei de Cura-çá possuem de Canudos a imagem de doidos que seguiam outro doido. Foi essa a idéia introjetada na população pelas classes dominantes. Imagem tão deturpada como a de comunismo, tão amplamente divulgada pelas classes dominantes como pela Igreja. Portanto, para resgatar o teor político-popular dessas lutas concretas, é preciso devolvê-las ao povo em uma nova leitura, não aquela das classes dominantes.

Muito mais vivo na memória do povo nessa região de Campo Alegre, está o Pau-de-Colher. Movimento de cunho místico que começou no Ceará e veio terminar em um recanto de Casa Nova, no cruzamento com Piauí e Remanso. Foram exterminados pela polícia. Na memória do povo ficaram os "caceteiros", seguidores de "Zé Lourenço", que se defenderam da polícia até o último momento com enormes cacetes. A população de nossa área tem uma idéia negativa do Pau-de-Colher. Os camponeses que participam de CEBs, militam em partidos de oposição ou sindicatos, são chamados de "caceteiros" pelas oligarquias e se sentem ofendidos. Talvez pela condição desumana do sertão, pela longa expe-

riência de sofrimentos e violências, pelo terror ideológico imposto ao povo pelas classes dominantes, pela pastoral alie-nante da Igreja, o sertanejo viva sempre aguardando guerras, fim do mundo, etc. É triste ver os mais velhos contando suas experiências com jagunços dos coronéis Leoba, de Remanso e Franklin, de Pilão Arcado. É a imagem do terror. Por isso sempre volta a lenda do capa-verde, nessa região, sinônimo do demônio que voltará revestido numa capa verde. E as oligarquias rurais devolvem esse medo do povo ao povo, afirmando que as comunidades, a oposição, são o comunismo, o Pau-de-Colher, o capa-verde, a guerra, o fim do mundo, etc. Temos aí um pouco do *back-ground* que faz a cabeça do sertanejo.

Quero salientar que a nova leitura desses fatos já está acontecendo. Na cartilha *Política: a luta de um povo*, da diocese de Juazeiro, tentamos colocar Canudos em nova perspectiva. Foi interessante o debate em muitas comunidades. Aos poucos cai também o medo de fazer oposição e de enfrentar a polícia e os "poderosos", como diz o povo. Mas são conquistas sofridas e, normalmente, em cima de novas lutas.

Para ilustrar o descompasso entre política partidária e lutas concretas dos camponeses, há dois fatos em nossa área que ilustram claramente a questão. Em 78, a construção da Barragem de Sobradinho estava avançada. Milhares de pessoas eram deslocadas de suas terras, cidades, do modo mais estúpido possível. Havia a relocação de quatro cidades: Remanso, Pilão Arcado, Casa Nova e Sto. Sé. Os ribeirinhos tinham suas terras inundadas e eram expulsos para a caatinga bruta ou ressecada, ou expulsos para outras áreas. A tensão era forte. Havia uma revolta generalizada contra a CHESF. Vieram as eleições de 78. Houve uma maciça votação no partido do governo. Um diretor da CHESF usou o fato para ironizar que "ao contrário do que muitos falavam, o povo estava contente com a ação do governo". Não havia dúvidas, o povo não fora capaz de ligar suas lutas concretas com política. Para o povo, a relação que existia entre política e lutas concretas era a mesma que existe entre parafuso e requeijão. E a diocese de Juazeiro foi criticada por companheiros de outras áreas por não ter preenchido o espaço político que os conflitos abriam. E o fato chamou a atenção que era necessária uma reflexão explícita sobre política com o povo. Fosse nas reuniões, nas lutas concretas, fosse com os mais variados subsídios, etc... E partiu para essa.

Veio 82. A barragem estabelecida. Milhares de peões desempregados da obra perambulavam de fome nas vilas ope-

rárias da barragem. O governo faz promessas da **alocaçã**i da população em vários projetos de irrigação. Nas eleições -nova votação maciça no governo em Juazeiro e Sobrarif-ho. apesar de avanço palpável das oposições em Juazeiro e **outras** áreas da diocese. Mas Petrolândia, baixo S. Francisco, em idênticas condições de construção da barragem de **Itapai viu** o povo votar, maciçamente no governo. E por cruel ironia, elegeram um engenheiro da **CHESF**, justamente um dos ferradores do povo durante anos a fio. E para somar as ironias da vida, os companheiros de Petrolândia é que tinham feito a nós a observação de que tínhamos conseguido preencher o espaço político aberto pelas tensões concretas no ano de 82.

Há um outro fato que ilustra bem esse descompasso entre lutas concretas e a política partidária do sertanejo. Em Volta de- Cima, região de Campo Alegre, existiu a tentativa de grilagem de uma vasta área de terra. Duas mil pessoas seriam desalojadas de suas terras, caso a grilagem se efetivasse. A reação dos posseiros foi portentosa. Organizados na área, não permitiram que a cerca avançasse um palmo. Nessa luta foram abandonados pela diretoria pelega do sindicato e o prefeito da época assinou um documento em favor do grileiro. O grileiro processou dois mil posseiros que foram defendidos por advogados da CPT e pela organização dos companheiros. Na eleição sindical a maioria desses posseiros votou com a chapa-1, a chapa do pelego. Um dos processados, inclusive, compôs a chapa-1 como membro. Na eleição política, ambos os processados foram cabos eleitorais do prefeito que tinha assinado o documento a favor do grileiro, portanto, contra suas pessoas. Mesmo assim, um grande grupo de posseiros permaneceu unido, integrou a chapa de oposição sindical e constitui um forte núcleo do PT.

O que fica claro para os agentes que estão integrados nas lutas camponesas como servidores dos mesmos é que essa passagem do concreto para o político não ocorrerá sem o processo da reflexão. Não bastam as lutas como tarefa básica para os que trabalham junto aos camponeses, não como vanguarda (vã-guarda) mas como servidores do povo (tarefa subsidiária). Essas "vã-guardas" emperram a história do camponês. Conseguiram liquidar com a mobilização dos trabalhadores em vários locais da área. Suas visões sectárias (Testemunhas de Jeová do Marxismo) e mal-fundamentadas teoricamente, constituem-se em terrível prejuízo para o camponês. A vanguarda dos trabalhadores deve ser constituída por trabalhadores. E essa marginalização ideológica da classe cam-

ponesa do pacto das classes oprimidas não será superada da noite para o dia. Ela é fruto da História e pressupõe a História para se recuperar. A integração dos trabalhadores dependerá da ação desses partidos. Do contrário, permanecerá como política para o trabalhador do sertão o par de sapatos, o tapa nas costas, o remédio, etc. Mesmo que no dia seguinte saqueie o armazém dos políticos e enfrente o prefeito que , acabou de eleger nas disputas concretas pela terra.

O CONFLITO ENTRE CAPITAL E TRABALHO NA ATUAL FASE DA HISTÓRIA

Na sua encíclica "Laborem Exercens", João Paulo II toca num ponto crucial para a sociedade e que a Igreja tem como crucial para sua ética social: o conflito entre capital e trabalho. E parte, para uma análise tocando em questões nevrálgicas.

1. Capital x Trabalho

O documento apresenta uma visão original na relação trabalho-capital. Considera que não há um conflito intrínseco entre ambos, pois o capital não é mais que o fruto do próprio trabalho humano. Estabelece-se entre ambos, então, uma relação de causa e efeito. O trabalho é gestador do capital e, este, o produto histórico do trabalho humano: "... , então o fruto do patrimônio histórico do trabalho humano" (12).

E continua: "a antinomia entre trabalho e capital não tem a sua fonte na estrutura do processo de produção, nem na estrutura do processo econômico em geral. Este processo, de fato, manifesta a recíproca compenetração existente entre o trabalho e aquilo que se tornou habitual denominar o capital; mostra mesmo o ligame indissolúvel entre as duas » coisas" (13).

Mas reconhece que, de fato, existe uma antinomia entre ambos: "Evidentemente, a antinomia que estamos considerando, entre o trabalho e o capital — a antinomia em cujo âmbito o trabalho foi separado do capital e contraposto a ele, em certo sentido onticamente, como se fosse um elemento qualquer do processo econômico — tem sua origem

não apenas na filosofia e nas teorias econômicas do século XVIII, mas também e muito mais em toda prática econômico-social desses tempos, que coincidem com a época em que nascia e se desenvolvia de modo impetuoso a industrialização, na qual se divisava, em primeiro lugar, a possibilidade de multiplicar abundantemente as riquezas materiais, isto é, os meios, perdendo de vista o fim, quer dizer o homem, a quem tais meios devem servir" (13).

O documento situa então, historicamente, a irrupção do conflito capital-trabalho: século XVIII, era da Revolução Industrial. E estabelece a causa da irrupção da antinomia em seu respectivo terreno ideológico: emerge na filosofia e nas teorias econômicas da época, mas, sobretudo, na prática so-cial-econômica desses tempos. A causa é essa: a perda de vista do fim ao qual se destina o trabalho e as riquezas, isto é, o homem. A causa da antinomia estaria então no primado do capital sobre o trabalho, do meio sobre o fim, fazendo andar de ponta-cabeça a exata hierarquia de valores, isto é, a primazia do trabalho sobre o capital, já que o capital é apenas o efeito do próprio trabalho.

E expõe o terreno ideológico que gerou a antinomia, o "economismo", e seu antídoto, "o materialismo dialético". A ruptura desta visão coerente, na qual se acha estritamente salvaguardado o princípio do primado da pessoa sobre as coisas, verificou-se no pensamento humano, algumas vezes depois de um longo período de incubação prática. E operou--se de tal maneira que o trabalho foi separado do capital e contraposto ao trabalho, quase como se fossem duas forças anônimas, dois fatores de produção, postos um juntamente com o outro na mesma perspectiva 'economista' "..., o economismo teve uma importância decisiva e influiu exatamente sobre este modo não-humanista de pôr o problema, antes do sistema filosófico-materialista. Contudo, é evidente que o materialismo, mesmo sob sua forma dialética, não está em condições de proporcionar à reflexão sobre o trabalho humano bases suficientes e definitivas, para que o primado do homem sobre o instrumento-capital aí possa encontrar uma adequada e irrefutável verificação e um apoio. Mesmo no materialismo dialético não é o homem que, antes de tudo o mais, é o sujeito do trabalho humano e a causa eficiente do processo de produção; mas continua sendo compreendido e tratado na dependência daquilo que é material, como uma espécie de 'resultante' das relações econômicas e das relações de produção, predominantes numa época determinada" (13).

A relação de causa e efeito entre trabalho e capital não deixa ambigüidade. Mas a deficiência dessa análise situa-se no momento em que o documento coloca a época e a causa da antinomia. O documento reconhece, portanto, a antinomia existente de fato entre ambos, apesar da relação causa e efeito ser evidente. Situa a emergência do fenômeno no século XVIII, época da Revolução Industrial. Situa a causa numa simples inversão de valores (prática e teórica), gerada pelo economismo, ao qual o materialismo, inclusive o dialético, não foi capaz de combater até as últimas raízes.

Essa análise tem falhas fundamentais. Ela ignora toda História humana anterior e os conflitos entre dominantes e dominados anteriores à Revolução Industrial. Não se pode analisar o conflito "agudizado" em características próprias na Revolução Industrial sem contabilizar os acontecimentos históricos que o precederam. É preciso retomar a História em seus primórdios.

A primeira fase da História econômica da humanidade foi na perspectiva de sobrevivência. Na família, na tribo, cada um ganhava o pão com o suor de seu rosto e, de certo modo, tudo era comum. Não existia o acúmulo. Os primeiros acúmulos de riqueza (excedentes) possibilitaram que determinados grupos trabalhassem na produção, enquanto outros, sustentados pelos excedentes produzidos, puderam dedicar-se a outras atividades. Surge a "divisão do trabalho", onde o serviço religioso destaca-se em primeiro lugar. Os chefes religiosos, os sacerdotes, podiam dedicar-se aos serviços intelectuais e de culto sem ter que produzir para subsistir. Está ali, em estado primário, a exploração do homem pelo homem.

Na História, a conquista de novas técnicas e o domínio progressivo da natureza possibilitaram um acúmulo maior de riqueza. Surgem a casta sacerdotal, os senhores, o poder político. Nações escravizavam nações. Israel foi escravo no Egito e Babilônia. A nação escravizada era submetida aos trabalhos mais árduos. Israel cultivava os campos e construía cidades para os egípcios. Os senhores romanos possuíam escravos para trabalhar suas terras. Nos feudos, o servo trabalhava para o senhor. Em 1500, com as novas descobertas geográficas, surge o espólio das colônias. Negros e índios transformaram-se no braço de trabalho das classes dominantes. Portanto, desde os primórdios da humanidade, vazando sua história de ponta a ponta, a exploração do homem pelo homem constitui sua espinha dorsal. Ela é tão antiga quanto o homem e quanto o trabalho.

A Revolução Industrial, com suas características **própri** abre uma brecha maior para que o germe da exploração; homem pelo homem tomasse uma configuração mais **nítida** e violenta. Os donos dos meios de produção submeteram os trabalhadores a um nível de exploração desconhecido. As longas jornadas de trabalho, os salários baixos, a exploração de mulheres e crianças, as condições de trabalho, moradia, enfim, todas as mazelas às quais foram submetidos os proletários da Revolução Industrial não encontram comparação na História. Mas esse conflito só pode ser entendido completamente na longa exploração histórica do homem pelo homem.

A antinomia não é, então, mera inversão de valores gerada pelo economismo e insuficientemente contra-atacada pelo materialismo dialético (reação eticamente justa, segundo o documento). O documento quase *subjetiviza* a causa de conflitos tão reais e concretos. Quando investe na questão dos valores aproxima-se de Marx Sheller, mas praticamente torna-se idealista ao conceder a esses valores o poder de determinar a realidade. Foge a esses perigos de modo ambíguo, quando coloca a inversão de valores, antes de nada, na prática econômico-social da época.

A antinomia apenas cresceu, alargou seus limites, aprofundou suas raízes. Hoje suas proporções são globais. Não é suficiente afirmar que entre capital e trabalho não há contradição intrínseca. Não basta afirmar que existe uma inversão de valores ao constatar o primado do capital sobre o trabalho. É preciso considerar que, estando o capital nas mãos do dador de trabalho e tendo os trabalhadores apenas sua força de trabalho como arma de subsistência e de pressão, a exploração historicamente congênita do homem pelo homem ganha proporções fantásticas. É preciso considerar que, se entre capital e trabalho não há conflito intrínseco, é certo, porém, que entre a riqueza gerada pelo operário e a apropriação dessa riqueza pelos detentores dos meios de produção existe um conflito crônico na História, oposto, contraposto e em permanente combate. Um para preservar seus privilégios, outro para sair da opressão. E sem dúvida, a exploração do homem pelo homem deixará de predominar quando não encontrar brechas objetivas, na organização do sistema, para eclodir. Aí a propriedade torna-se questão decisiva. O que o documento considera a seguir.

2. Trabalho e propriedade

"Quando se fala de antinomia entre trabalho e capital não se trata, como é evidente, apenas de conceitos abstratos

e de forças anônimas que agem na produção econômica. Por-detrás de um e de outro dos dois conceitos, há homens, homens vivos e concretos. De um lado aqueles que executam o trabalho sem serem proprietários dos meios de produção; e do outro lado, aqueles que desempenham a função de patrões e empresários e que são os proprietários de tais meios, ou então representam os proprietários. E assim, portanto, vem inserir-se no conjunto deste difícil processo histórico, desde o início, o problema da propriedade" (14).

Na sequência o documento coloca:

"A Encíclica Rerum Novarum, que tem por tema a questão social, põe em realce também este problema, recordando e confirmando a doutrina da Igreja sobre o direito da propriedade privada, mesmo quando se trata dos meios de produção" (14).

Seria o caso de perguntar se, sendo mesmo o direito de propriedade fundamental a cada indivíduo (ser) humano, quantos milhões passam pela vida alijados desse direito? Ainda mais, sendo esse direito estendido aos meios de produção, quantos milhões simplesmente não estarão impossibilitados de usufruí-lo, pelo simples fato de ser impossível cada homem possuir seu meio de produção? Os milhões de operários e empregados rurais não teriam esse direito fundamental? Seria privilégio de alguns semideuses entre uma simples horda de humanos?

Posta sua premissa fundamental, o documento coloca sua divergência em relação ao sistema coletivista de propriedade:

"O princípio a que se alude, conforme foi então recordado e como continua sendo ensinado pela Igreja, diverge radicalmente do programa do coletivismo, proclamado pelo marxismo e realizado em vários países do mundo..." (14).

Na sequência coloca sua divergência em relação ao capitalismo:

"Neste segundo caso, a diferença está na maneira de compreender o direito de propriedade, precisamente. A tradição cristã nunca defendeu tal direito como algo absoluto e intocável: pelo contrário, sempre o entendeu no contexto mais vasto do direito comum de todos a utilizarem os bens da criação inteira: o direito à propriedade privada está subordinado ao direito ao uso comum, subordinado à destinação universal dos bens" (14).

A Igreja difere, então, do coletivismo de modo radical e difere do capitalismo precisamente na sua concepção de propriedade. Defende o direito de propriedade mas subordi-

na-o ao interesse comum. A questão que fica no ar, sem dúvida, é essa: como é possível, na prática, o uso da propriedade como a Igreja concebe?

De imediato o documento não responde. E, inesperadamente, coloca uma taxa ao preço da qual é possível aceitar a propriedade privada (que já admitia explicitamente) e a propriedade socializada (que acaba aceitando implicitamente e até de modo explícito):

"é que eles (os meios de produção) sirvam ao trabalho; e que, conseqüentemente, servindo ao trabalho, tornem possível a realização do primeiro princípio desta ordem, que é a destinação universal dos bens e o direito ao seu uso comum. Sob este ponto de vista, em consideração do trabalho humano e do acesso comum aos bens destinados ao homem, é também para não excluir a socialização, dando-se as condições oportunas, de certos, meios de produção" (14).

A socialização, então, dependendo do momento, do lugar, do meio a ser socializado, é legítima. Mas quem não percebe que essa saída é extremamente condicionada e nebulosa? E a questão fundamental é essa: a socialização de um ou outro meio de produção resolve a questão global do sistema de propriedade?

Em meio a tantos impasses o documento lança então uma pista que poderia abrir-se para um novo sistema de propriedade: a CO-PROPRIEDADE. A co-propriedade supera o conceito de co-gestão usado nos documentos anteriores e aproxima-se mais da auto-gestão. Mas é também um passo em relação à auto-gestão, quando passa da gerência para a propriedade dos meios de produção. A propriedade sairia das mãos titânicas do patrão ou do Estado e cairia nas mãos do povo. Todos seriam co-proprietários do seu meio de produção e realizariam essa subjetividade tão cara ao ser humano que a Igreja coloca como elemento imprescindível. Aproxima-se, talvez, do sonho do *Solidariedade*. E o povo não seria explorado pelo Estado e nem pelos patrões.

O documento não avança nessa linha, especulando esse novo sistema. Talvez ele seja um sonho grande demais para ser decidido pela hierarquia da Igreja. Aqueles que lutam e dialogam com o povo do Brasil na busca de um socialismo autêntico e popular, diferente da experiência frustrante de outros países e do capitalismo que nos esmaga, poderiam ter aqui um ponto de partida.